

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE CIÊNCIAS
CÂMPUS DE BAURU**

ERCILIO DOMINGOS TURATO JUNIOR

**FREUD E ABRAHAM: UM ESTUDO DAS PULSÕES E DAS RELAÇÕES DE
OBJETO A PARTIR DAS FUNDAÇÕES DA TEORIA PSICANALÍTICA**

**BAURU
2022**

ERCILIO DOMINGOS TURATO JUNIOR

**FREUD E ABRAHAM: UM ESTUDO DAS PULSÕES E DAS RELAÇÕES DE
OBJETO A PARTIR DAS FUNDAÇÕES DA TEORIA PSICANALÍTICA**

Dissertação apresentada como requisito à obtenção do título de Mestre à Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem, sob a orientação do Prof. Dr. Érico Bruno Viana Campos; e sob a coorientação da Profa. Dra. Patricia Porchat Pereira da Silva Knudsen.

BAURU
2022

Turato Junior, E.D.

Freud e Abraham: Um estudo das pulsões e das relações de objeto a partir das fundações da teoria psicanalítica / Ercilio Domingos Turato Junior, 2022.

101f: il.

Orientador: Érico Bruno Viana Campos

Coorientadora: Patricia Porchat Pereira da Silva Knudsen

Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp). Faculdade de Ciências, Bauru, 2022

1. Teoria pulsional. 2. Relações de objeto.
3. Narcisismo. 4. Identificação. I. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências. II. Título.



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Bauru



ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE ERCILIO DOMINGOS TURATO JUNIOR, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS - CÂMPUS DE BAURU

Aos 30 dias do mês de novembro do ano de 2022, às 14:00 horas, no(a) Google Meet, realizou-se a defesa de DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de ERCILIO DOMINGOS TURATO JUNIOR, intitulada **Freud e Abraham: um estudo das pulsões e das relações de objeto a partir das fundações da teoria psicanalítica**. A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Prof. Dr. ERICO BRUNO VIANA CAMPOS (Orientador(a) - Participação Virtual) do(a) Departamento de Psicologia / UNESP Bauru, Profa. Dra. MARIANA LEAL DE BARROS (Participação Virtual) do(a) Instituto de Clínica e Pesquisa em Psicanálise (INCLIPP) / Universidade de São Paulo (USP), Profa. Dra. MARIANNE RAMOS FEIJÓ (Participação Virtual) do(a) Departamento de Psicologia / Universidade Estadual Paulista. Após a exposição pelo mestrando e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, o discente recebeu o conceito final APROVADO . Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.

Prof. Dr. ERICO BRUNO VIANA CAMPOS

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais e à minha irmã, a realização desta formação acadêmica só foi possível em virtude do total e amplo apoio de vocês. Ao meu pai, algumas palavras de reconhecimento, por tudo que nos ensinou e compartilhou de laços afetivos, escuta e acolhimento. Pôde acompanhar boa parte desta formação, mas não a sua conclusão.

À minha companheira, Lu, por todo o carinho e o companheirismo de sempre, também pela compreensão nos momentos de minha ausência.

Aos meus pacientes, principal incentivo e destino deste trabalho.

Ao meu orientador, Prof. Érico Campos, por todo o ensino, dedicação e atenção, também pelas conversas acolhedoras e orientações sempre muito ricas e precisas. Forneceu e transmitiu toda a confiança e a paciência necessárias para a construção deste trabalho.

À minha coorientadora, Profa. Patricia Porchat, por toda a contribuição e a indicação de caminhos de pesquisa, também pelo incentivo, formação e apoio preciosos, desde a minha graduação em Psicologia, ao meu trabalho na clínica.

À Profas. Josiane Bocchi e Mariana Barros, por gentilmente aceitarem o convite para compor a banca e pelas contribuições fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho, também por todo o apoio à clínica e ao meu percurso de formação continuada em psicanálise.

À Profa. Marianne Feijó, por gentilmente aceitar o convite para compor a banca e pelas contribuições no processo de conclusão da pesquisa, também pelo incentivo ao meu trabalho com a psicanálise.

Aos colegas do Inclipp (Instituto de Clínica e Pesquisa em Psicanálise) e do grupo de pesquisa e orientações, pelas reflexões e contribuições compartilhadas.

Aos Profs. Canêo, Munhoz e Marta, que sempre me incentivaram para a realização deste percurso acadêmico.

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de financiamento 001

TURATO JUNIOR, E.D. **Freud e Abraham: um estudo das pulsões e das relações de objeto a partir das fundações da teoria psicanalítica**. 2022, 101f. Dissertação (Mestre em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem) - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências, Bauru, 2022.

RESUMO

A presente dissertação consiste no relato de uma investigação teórica e histórica no campo psicanalítico, de caráter ensaístico, apoiada em uma revisão narrativa de literatura. Partindo da concepção de que concorrem os paradigmas pulsional e objetal na história da psicanálise e da obra freudiana, nossa intenção foi investigar e descrever as principais proposições de Freud e Abraham nos desdobramentos de uma teoria das pulsões em direção a uma teorização sobre as relações de objeto no período do entreguerras. Nesse contexto, Abraham se coloca como um dos principais interlocutores de Freud e um dos pioneiros a trabalhar a teoria pulsional articulada a uma teoria das relações de objeto, demonstrando, a partir do primado da metapsicologia freudiana, a importância dessa dinâmica para a compreensão da formação do caráter, das formações psicopatológicas e do desenvolvimento do amor objetal.

Palavras-chave: Teoria pulsional, relações de objeto, narcisismo e identificação.

TURATO JUNIOR. E.D. **Freud and Abraham: a study of instincts and object relations from the foundations of psychoanalytical theory**. 2022. 101f. Dissertation (Master in Developmental and Learning Psychology). College of Sciences, Sao Paulo State University “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru, 2022.

ABSTRACT

The present dissertation consists of the report of a theoretical and historical investigation in the psychoanalytic field, of an essayistic nature, supported by a narrative review of the literature. Starting from the conception that the instinct and object paradigms compete in the history of psychoanalysis and Freudian work, our intention was to investigate and describe the main propositions of Freud and Abraham in the unfolding of a theory of instincts towards a theorization about object relations in the interwar period. In this context, Abraham places himself as one of Freud's main interlocutors and one of the pioneers to work on the instinct theory articulated to a theory of object relations, demonstrating, from the primacy of Freudian metapsychology, the importance of this dynamic for understanding the formation character, psychopathological formations and the development of object love.

Keywords: Instinct theory, object relations, narcissism and identification.

Sumário

Introdução.....	10
 Capítulo I: Freud: teoria pulsional, relações de objeto, narcisismo e luto e melancolia.....	 19
1. A teoria pulsional.....	20
2. A noção de objeto.....	25
3. Introdução ao narcisismo.....	31
4. Luto e melancolia.....	38
 Capítulo II: Abraham: formação do caráter, formações psicopatológicas e desenvolvimento do amor objetual.....	 49
1. Formação do caráter.....	51
2. Formações psicopatológicas: estágios libidinais e as relações de objeto na psicose maníaco-depressiva.....	65
3. Desenvolvimento do amor objetual.....	82
 Considerações finais.....	 94
 Referências.....	 98

Introdução

A presente dissertação parte da concepção de que concorrem os paradigmas pulsional e objetual na história da psicanálise e da obra freudiana, e isso estabelece uma construção teórica muito profícua durante a era dos debates na história do movimento psicanalítico, a saber, as décadas do entreguerras, por meio do diálogo entre Sigmund Freud e Karl Abraham sobre o desenvolvimento da libido. Nesse contexto, Abraham se coloca como um dos principais interlocutores de Freud e um dos pioneiros a trabalhar a teoria pulsional articulada a uma teoria das relações de objeto, demonstrando, a partir do primado da metapsicologia freudiana, a importância dessa dinâmica para a compreensão da formação do caráter, das formações psicopatológicas e do desenvolvimento do amor objetual.

Karl Abraham foi um dos principais colaboradores de Freud, junto com Ferenczi, no período que corresponde à formação do núcleo do movimento psicanalítico, consolidado com a fundação em 1911 da Associação Psicanalítica Internacional (IPA). Segundo Mezan, nesses tempos, que correspondem até aproximadamente 1918, período no qual se inicia a chamada era dos debates, a psicanálise estava a tal ponto identificada com o Freud que “a alternativa consistia na fidelidade ou na dissidência; ela [a psicanálise] era uma – ao menos no nível em que as teorias freudianas admitem este qualitativo – e os trabalhos por ela suscitados moviam-se na órbita do pensamento freudiano” (2014, p. 49). No entanto, como veremos, mesmo com a sua fidelidade ao pensamento freudiano, Abraham constrói proposições próprias e originais, sobretudo àquelas relacionadas à articulação e à importância das relações de objeto na dinâmica do desenvolvimento psicosssexual da libido.

Comentando acerca da biografia do autor, Jones (1926/1970) destaca que Karl Abraham nasceu em Bremen, em 03/05/1877, contando 48 anos de idade quando morreu, em 25/12/1925. Provinha de uma antiga família judia e tinha um irmão. Desde os seus últimos anos na escola apresentou gosto pela linguística e filologia comparadas, interesse que nutriu ao longo de toda a vida. Além da língua materna (alemão), sabia falar inglês, espanhol, italiano, tendo, inclusive, analisado pacientes nas duas primeiras línguas. Além dessas, conhecia bem outras como o francês. Também admirava os estudos dos clássicos. Realizou seus estudos médicos em Würzburg (era ligado à cidade, motivo talvez pelo qual a escolheu para o Primeiro Congresso Psicanalítico Alemão), Berlim e Freiburg-im-Breisgau, obtendo seu doutorado, em 1901, mesmo ano que aceita

o cargo de assistente do Hospital Municipal de Berlim, em Dalldorf, tendo como chefe o professor Liepmann. Nessa época realizou contribuições científicas ligadas às áreas de estudo do seu professor, o da afasia e o da apraxia. Trabalhou no referido hospital durante cerca de quatro anos, adquirindo uma base sólida em psiquiatria clínica. Em 1904 é indicado para o cargo de assistente da Clínica Psiquiátrica da Universidade de Zurique, na qual, por meio de Bleuler e de Jung, tem os seus primeiros contatos com as obras de Freud, conhecendo-o pessoalmente em 1907, mesmo ano que instala a sua clínica particular em Berlim, também conhecendo e sendo auxiliado nesse momento por Wilhelm Fliess.

Segundo Jones, Abraham pode ser considerado o primeiro psicanalista da Alemanha. Inclusive, manteve-se na presidência da Sociedade Psicanalítica de Berlim, desde a sua fundação em 1910 (fundada pouco depois da constituição formal da Associação Psicanalítica Internacional, em março do mesmo ano), até a sua morte. Ademais, para o autor, sua capacidade de preparação e ensino de analistas também foi muito expressiva, realizando análises didáticas de alunos eminentes como, Helene Deutsch, Edward Glover, James Glover, Melanie Klein, Sándor Radó e Theodor Reik. Além disso, preparava cursos que realizava na e pela Sociedade, tendo participado da fundação e do apoio à Policlínica de Berlim, em 1920, sendo membro da Comissão de Formação de Psicanalistas, mostrando-se ativo na seleção de candidatos e na formação dos mesmos. Durante o período da guerra (1914-1918), Abraham serviu na Prússia Oriental, onde foi médico-chefe do posto psiquiátrico. A experiência que obteve o capacitou para contribuir para a psicologia das neuroses de guerra.

Ainda segundo Jones (1926/1970), Abraham escreveu pouco, em partes por sua concisão e por palavras marcadas por sua lucidez e ausência de ambiguidades. Deixou quatro livros publicados, num total com menos de 300 páginas e quarenta e nove outros trabalhos, cerca de 400 páginas. Baseava-se em sua prática, mantendo-se atrelado aos dados clínicos. Quanto à natureza e conteúdo dos seus textos, conforme Jones, deve-se ter em mente a data que foram publicados. Desse modo, os trabalhos em geral podem ser divididos em quatro grupos, a saber:

Primeiro grupo: obras pioneiras - as quais tratam da demência precoce, dos aspectos sexuais do alcoolismo, da influência das fixações incestuosas na escolha de um companheiro ou companheira - e seu livro sobre sonhos e mitos.

Segundo grupo: estudos acabados e clássicos - tais como seus ensaios sobre as fantasias oníricas históricas, as transformações da escopofilia, a ejaculação precoce, as neuroses de guerra e o complexo de castração das mulheres.

Terceiro grupo: as obras mais originais, com contribuição valiosa e permanente - incluem suas investigações sobre o estágio pré-genital do desenvolvimento e a formação do caráter.

Quarto grupo: muitos documentos breves, contendo dados e ilustrações acerca da teoria e prática clínica.

Nesse sentido, considerando o trabalho de Abraham, sobretudo do terceiro grupo supracitado, apresentam-se as principais contribuições desse autor, em seu diálogo com Sigmund Freud, ao campo teórico e prático psicanalítico, especialmente no período do entreguerras, momento do desenvolvimento de operadores conceituais que se encontram na fundação dos principais paradigmas teóricos que orientam o campo psicanalítico ao longo de sua história, quais sejam: os paradigmas pulsional e objetal.

Mezan (2014), ao realizar uma análise da história da psicanálise e das transformações ocorridas na teoria, bem como na prática clínica, defende que essas transformações se apresentam sob o signo da dispersão, sendo três principais: geográfica, doutrinária e institucional. Desse movimento, o autor destaca o surgimento de quatro principais escolas, as quais se mantêm psicanalíticas, mas, ao mesmo tempo, elaboram diferentes propostas teóricas e práticas em relação às de Freud. São elas: a escola kleiniana, a lacaniana, a psicologia do ego americana e a escola britânica das “relações de objeto”. O autor argumenta que essas escolas derivam da matriz freudiana, pois: a) em suas metapsicologias preservam as noções fundamentais de inconsciente e do conflito psíquico; b) em suas teorias do desenvolvimento, mantêm o fundamento de uma permanência do infantil no psiquismo adulto; c) em suas teorias psicopatológicas, operam com a categoria basilar de defesa e do sintoma como solução de compromisso entre forças psíquicas opostas; d) por fim, em suas teorias terapêuticas e métodos de intervenção, mantêm os conceitos de transferência e de resistência. No entanto, apesar de os fundamentos em comum com o método e a teoria freudianas, existem diferenças, pois o conteúdo de cada uma das dimensões de cada teoria psicanalítica não é o mesmo nessas escolas, autores ou grupo de autores.

Ainda segundo Mezan (2014), apesar das peculiaridades e diferenças, todas as escolas derivam da raiz freudiana e de algum modo se estruturam a partir de um movimento conceitual realizado pelo fundador da psicanálise, o qual envolve três fatores: uma matriz clínica, a sua autoanálise (no caso dos autores fundadores das escolas, o equivalente à autoanálise seria “uma leitura específica da obra de Freud”) e o clima cultural. A partir desses três pontos, Freud elabora um método que é ao mesmo tempo investigativo e terapêutico, bem como uma teoria que, do ponto de vista epistemológico, desdobra-se em quatro dimensões: 1) uma teoria geral da psique, a qual envolve uma produção convergente e sistemática de uma metapsicologia; 2) uma teoria da gênese e do desenvolvimento da psique; 3) uma concepção das várias soluções possíveis para os conflitos fundamentais, desenvolvendo uma teoria psicopatológica; 4) uma concepção dos processos psicanalíticos e das modalidades de intervenção, desenvolvendo uma teoria do processo terapêutico.

Para organizar essa diversidade teórica no campo psicanalítico, na maneira como cada um especifica seus próprios conceitos, Mezan utiliza a noção de “paradigma”, a qual foi inicialmente proposta por dois historiadores da psicanálise, Jay R. Greenberg e Stephen A. Mitchell. Quando buscam analisar o pensamento freudiano, e a própria história da psicanálise, a partir da noção de paradigma, Greenberg & Mitchell (1994) o fazem considerando as contribuições de Thomas Kuhn (1922-1996), filósofo e físico americano que se dedicou ao estudo da história e da filosofia da ciência. Segundo os autores, Kuhn argumenta que a verdade não é cognoscível, com isso a preocupação da ciência se volta para a solução de problemas. A história da ciência consiste em uma série de modelos, ou maneiras de ver o mundo, que se tornam mais ou menos úteis na resolução dos problemas. Os mais amplos e influentes modelos se tornam paradigmas, os quais não envolvem necessariamente paradigmas precedentes, mas podem representar uma série de soluções alternativas que acabam sendo cristalizadas em noções ou conceitos. Para serem compreendidas como paradigmas, as contribuições de uma determinada ciência ou área de conhecimento devem ter duas características principais, quais sejam: suas realizações foram sem precedentes e atraem um grupo duradouro de adeptos; e, simultaneamente, suas realizações são abertas o suficiente para deixar uma série de problemas para o grupo de adeptos resolver. Os paradigmas predominantes em uma área de conhecimento e pesquisa exercem significativa influência na área científica, dizendo o que é válido e as formas do pesquisador se

posicionar em relação ao seu objeto de estudo, inclusive tais paradigmas podem chegar ao ponto de serem tomados como “verdades”, inspirando lealdade entre os seus adeptos.

Para Greenberg & Mitchell (1994), o pensamento de Kuhn tem uma perspectiva de análise fundamental, quando o pensador reflete acerca das transições entre paradigmas. À medida que um paradigma se torna predominante em um determinado tempo histórico, as suposições epistemológicas, as abordagens metodológicas e o parâmetro observacional que ele fornece são compartilhados pelos adeptos; contudo, conforme esse período de forte influência vai se alterando ao longo do tempo, começam a surgir novos dados e novas ideias que passam a circular por fora dos limites legitimados pelo paradigma. Estabelece-se, a partir deste ponto, um cotejo entre as diferentes ideais e concepções, na qual alguns adeptos permanecem leais ao velho paradigma, enquanto outros passam a discordar da validade do mesmo. Nessa dinâmica, uma das estratégias utilizadas pode ser a chamada acomodação, a qual inclui tentativas de ampliar os conceitos e as fronteiras do velho paradigma para incluir aquilo que surge de novo no campo. Isto pode funcionar por um tempo, a depender da elasticidade do paradigma, mas no final uma reorganização se torna inevitável e uma mudança de paradigmas se torna necessária, pela qual o velho paradigma desaparece e um novo emerge.

A estratégia de acomodação supracitada se torna uma referência importante para a defesa da tese de Greenberg & Mitchell (1994), pois, para os autores, Freud realiza essa estratégia quando busca incluir as relações de objeto na construção de seu pensamento, sobretudo a partir de “Luto e Melancolia” (1917), visando com esta medida ajustar a sua teoria pulsional à escuta dos casos clínicos que chegavam, uma vez que a teoria das psiconeuroses de transferência não respondia a contento. Cabe ressaltar que esse movimento freudiano se inicia desde a “Introdução ao Narcisismo” (1914), quando Freud busca compreender e assimilar as psiconeuroses narcísicas em sua teoria, essa medida também representou formas de enfrentamento e respostas aos questionamentos que recebia frente aos modelos teóricos que desenvolvia. Seguindo com os autores, eles defendem em sua tese que, apesar do uso desta estratégia, Freud preserva a teoria pulsional como a referência central de seu edifício teórico. Contudo, como veremos ao longo deste trabalho, a noção de objeto, e mais precisamente as relações de objeto, já estava embrionariamente presente desde as primeiras construções teóricas freudianas.

Greenberg & Mitchell (1994) argumentam que foi exatamente o foco cada vez maior na interação das pessoas umas com as outras que trouxeram o “problema” das relações objetais. Conforme Mezan (2014, p.67 – grifos do autor), os autores enfatizam a própria interação clínica como ponto de tensionamento da teoria pulsional,

Em síntese, [Greenberg & Mitchell] consideram que nas sessões o paciente fala basicamente de suas relações com outras pessoas, além de falar igualmente para e com outra pessoa – o analista. Por conseguinte, a teoria psicanalítica precisa reservar um lugar importante para aquilo a que, desde Freud, se chama o objeto – a representação psíquica daquilo ou daqueles a quem se dirige os desejos, temores e fantasias de cada um de nós.

Mas por que Greenberg & Mitchell falam das relações objetais como o “problema”? Para eles, como o desenvolvimento da teoria psicanalítica foi construído em torno do conceito de pulsão, a relação com o mundo externo e as outras pessoas ficou em segundo plano. Mas, quando Freud passa a lidar com os destinos das pulsões, e principalmente quando tomou o Eu e sua gênese na relação com o mundo externo, as relações objetais tiveram que ser analisadas e explicadas. Nesse sentido, segundo os autores, foi um problema porque, na teoria pulsional de Freud, todas as possíveis estruturas da personalidade e da psicopatologia são compreendidas essencialmente como uma função e um derivado da pulsão e de suas transformações e destinos.

Mas como manter a teoria pulsional e resolver o problema das relações com os outros? Para Greenberg & Mitchell (1994), como primeira estratégia de acomodação, buscou-se compreender os objetos em relação à descarga da pulsão, podendo este objeto inibir, facilitar ou servir de alvo (e sua meta) para a descarga. Por sua vez, a segunda estratégia empregada é mais radical, e esta foi levada aos limites pelos pós-freudianos, sobretudo durante os anos 40 do século XX com pensadores como W.R.D. Fairbairn, para o qual “a libido não busca prazer, busca objetos” Mezan (2014, p. 69), buscando assim substituir o modelo teórico pulsional por uma abordagem conceitual fundamentalmente diferente, na qual as relações entre as pessoas passaram a constituir os blocos de construção fundamentais da vida psíquica, ou seja, passaram a fundamentar a constituição das instâncias do sujeito na e pela relação com a alteridade. Segundo os autores, esse fenômeno levou a uma tensão dialética no interior do campo psicanalítico, formando estratégias competitivas na compreensão teórica dos fenômenos, daí o reconhecimento da enorme importância clínica das relações objetais, ao mesmo tempo

em que este passa a ser o “problema” conceitual central na história das ideias psicanalíticas.

Para Junqueira (2010), Greenberg e Mitchell realizam uma leitura de oposição entre a teoria pulsional de Freud, a qual enfatiza os conflitos pulsionais, e a teoria das relações de objeto, a qual enfatiza o objeto em detrimento da pulsão. Segundo a pesquisadora, os autores fundamentam as suas ideias a partir de concepções estabelecidas no campo, como a de que a pulsão se encontra entre o somático e o psíquico; além de o objeto como o elemento mais variável da pulsão. Então o objeto seria um elemento secundário na gênese do psiquismo. No entanto, mesmo a partir desta leitura, os autores admitem que não há expressão da pulsão sem objeto. Segundo Junqueira, isso resgata o lugar do objeto ao lado da pulsão. Se a pulsão está na fronteira do psiquismo, ela só passa a ser psíquica no encontro com o objeto. Cabe ressaltarmos que é neste embate teórico que se formam e se consolidam os dois principais paradigmas no campo psicanalítico.

De todo modo, os paradigmas seriam aquilo que “no interior da psicanálise, individualiza as diferentes tendências que atingiram em sua conceptualização a consistência, a coerência e a abrangência necessárias para que as consideremos como sistemas *per se*” (Mezan, (2014, p.63). Nesse sentido, a vantagem da utilização de tal termo é a possibilidade de se incluir, no mesmo paradigma, diversos autores ou escolas. O autor também sugere que, no interior de cada paradigma, seria apropriado falar em modelos: modelo freudiano, o modelo kleiniano etc.

Ainda a partir das contribuições de Greenberg e Mitchell, Mezan (2014) destaca que os autores trabalham com a ideia de que, na história da psicanálise, dois grandes paradigmas se constituíram e se desenvolveram, a saber: o pulsional e o relacional. No entanto, o autor defende duas questões a partir desta linha de compreensão proposta pelos historiadores. A primeira delas diz respeito à nomeação de um dos paradigmas, assim argumenta que conviria denominar o paradigma relacional de *paradigma objetel*, pois o termo “relações de objeto” vem sendo empregado para um grupo específico de autores, a dos “independentes ingleses” – neste trabalho utilizaremos a nomeação proposta por Mezan. A segunda questão envolve distinguir um terceiro paradigma, o qual denomina de *paradigma subjetal*. Essa distinção se justifica pela peculiaridade da obra de Lacan, e do lugar eminente que, em sua teoria, está o conceito de sujeito, o qual não está presente nas teorias das demais escolas. Como síntese dessa compreensão, Mezan (2014, p.70) nos diz:

Em suma: “paradigma” não designaria a concepção específica de nenhum autor, mas uma problemática, que comporta diferentes possibilidades de modelização. Por fim, emprego o termo ‘teoria’ para referir-me a construções regionais dentro de um modelo: teoria da angústia, teoria da libido, teoria da sexualidade feminina etc.

Aqui, podemos destacar como base da construção dos dois principais paradigmas as noções de pulsão e de objeto, as quais estão presentes, mesmo que embrionariamente, desde os primeiros trabalhos freudianos. Desse modo, conforme enfatiza Campos (2020), destaca-se na construção do pensamento de Freud o estabelecimento de dois eixos de teorização, a saber: o eixo pulsional, centrado nas formas de satisfação da libido em zonas erógenas; e o eixo objetual, centrado em formas de estabelecimento de relações com os objetos. Como destaca o autor, tais eixos não estão em complementaridade, mas em tensão permanente. No cerne desta problemática se encontra a noção de identificação, especialmente o mecanismo de identificação narcísica na melancolia.

Nesse sentido, a presente dissertação consiste no relato de uma investigação teórica e histórica no campo psicanalítico, de caráter ensaístico, apoiada em uma revisão narrativa de literatura. Considerando a chamada era dos debates, no período do entreguerras, momento do desenvolvimento de operadores conceituais que se encontram na fundação dos paradigmas pulsional e objetual, nossa intenção foi investigar e descrever as principais proposições de Freud e Abraham nos desdobramentos de uma teoria das pulsões em direção a uma teorização sobre as relações de objeto. A organização da dissertação apresenta a nossa investigação em dois capítulos.

No primeiro capítulo buscaremos apresentar as principais proposições freudianas que compõe a teoria pulsional, enfatizando a complexidade dessa elaboração teórica e apontando alguns dos seus desdobramentos e aprofundamentos ao longo do desenvolvimento das duas tópicas. Também apresentaremos a noção de objeto e como ela foi se desenvolvendo no pensamento freudiano a partir de determinados pontos de sua estruturação teórica. A importância dessa noção articulada ao conjunto da metapsicologia desenvolvida por Freud se torna fundamental para compreensão da formação do sujeito a partir de uma perspectiva relacional e intersubjetiva em psicanálise. Desse modo, a noção de narcisismo e identificação ganha especial importância. Indicaremos, assim, as principais contribuições dos ensaios “Introdução ao narcisismo” (1914) e “Luto e Melancolia” (1917) para essa construção teórica.

No segundo capítulo visaremos apresentar as principais elaborações teóricas de Abraham, pelas quais o psicanalista trabalha dentro da teoria da libido freudiana, mas enfatiza o lugar do objeto em sua construção teórica. Assim, apresentaremos as proposições do psicanalista acerca da formação do caráter, das formações psicopatológicas, e do desenvolvimento do amor objetual, especialmente nos seguintes funcionamentos psíquicos: esquizofrenia, melancolia, cleptomania, paranoia, perversões sexuais, neurose obsessiva e histeria.

Capítulo I

Freud: teoria pulsional, relações de objeto, narcisismo e luto e melancolia

Neste capítulo buscaremos apresentar as principais proposições de Freud acerca da teoria pulsional e das relações de objeto. A indissociabilidade dessas noções compõe, sobretudo a partir de uma articulação com as noções de narcisismo e identificação, uma abordagem teórica que fornece condições para a compreensão da dimensão intersubjetiva da constituição do sujeito, pela qual os objetos adquirem função estruturante das instâncias psíquicas, estabelecendo o lugar fundante do outro nessa perspectiva relacional.

O capítulo está dividido em quatro tópicos. No primeiro apresentaremos os principais elementos que compõem a teoria pulsional ao longo do desenvolvimento das duas tópicas freudianas, sendo a primeira composta pelo modelo que envolve as instâncias psíquicas do Inconsciente, Pré-consciente e Consciente, e o primeiro dualismo pulsional entre as pulsões de autoconservação e sexual; a partir das tensões geradas pelas noções de narcisismo e identificação, estrutura-se a segunda tópica, que apresenta as instâncias do Isso, Eu e Supereu, e o segundo dualismo pulsional entre as pulsões de vida e as pulsões de morte.

No segundo tópico trabalharemos a noção de objeto e o seu desenvolvimento no pensamento freudiano a partir de determinados pontos de sua estruturação teórica. Veremos, assim, como se apresentam noções fundamentais acerca do objeto, articuladas em torno da percepção, da pulsão e, especialmente, em torno da identificação, pela qual o objeto adquire função estruturante das instâncias.

Por fim, no terceiro e quarto tópicos, apresentaremos as principais proposições freudianas nos ensaios “Introdução ao Narcisismo” (1914) e “Luto e melancolia” (1917). Com a noção de narcisismo Freud indica que o sujeito passa a tomar a si mesmo e o seu próprio corpo como objeto de amor, e isso permite uma primeira unificação das pulsões, bem como busca articular o conceito no conjunto de sua teoria e no funcionamento da psicose, sobretudo com os investimentos libidinais, colocando em evidência a possibilidade de a libido reinvestir o Eu quando desinveste o objeto, além de indicar instâncias ideais presentes no cerne do Eu. Essa construção abre caminhos para “Luto e Melancolia” (1917), pelo qual Freud busca compreender os distúrbios psíquicos narcísicos e elucidar o quadro clínico da melancolia, comparando-a ao afeto normal do

luto, pensando esses dois estados psíquicos conjuntamente. Nessa elaboração teórica, ganha destaque a noção de identificação. Esses ensaios, em conjunto com as proposições de Abraham, promovem contribuições seminais para o surgimento do pensamento das relações de objeto.

1. A teoria pulsional

A teoria pulsional freudiana é composta por noções complexas, tendo sido desenvolvida por Freud de forma articulada aos seus desenvolvimentos teóricos relacionados ao modelo tópico e à concepção representacional, envolvendo a elaboração de uma série de operadores conceituais que passaram por desdobramentos, recomposições e aprofundamentos. Nessa construção se tornam fundamentais os diálogos e as contribuições dos psicanalistas da primeira geração, como Abraham e Ferenczi.

Essa construção foi ganhando contornos específicos em dois momentos principais ao longo da história da psicanálise, estruturando as chamadas duas tópicas. Grosso modo, a primeira tópica é composta pelo modelo que envolve as instâncias psíquicas denominadas como Inconsciente, Pré-consciente e Consciente, bem como o primeiro dualismo pulsional, composto pelas pulsões de autoconservação e pelas pulsões sexuais. A partir dos anos 1920, sobretudo com as tensões geradas pelas noções de narcisismo (1914) e identificação (1917), estrutura-se a segunda tópica, pela qual são apresentadas as instâncias do Isso, Eu e Supereu, bem como um novo dualismo pulsional, envolvendo as pulsões de vida e as pulsões de morte.

O desenvolvimento dessa teoria com as suas primeiras definições e mesmo a nomeação do operador teórico “pulsão” (*Trieb*), remontam à construção da primeira tópica freudiana e à chamada teoria representacional, então alicerçada por Freud desde os anos de 1890, mas adquirindo definição mais precisa com “A interpretação dos sonhos”, em 1900. Segundo Campos (2014), esse trabalho lança as bases da primeira tópica, pelo qual Freud apresenta as inscrições mnêmicas como registros permanentes, compondo uma teoria da memória que a princípio é associacionista e funcional, voltada para a redução da tensão energética e para a satisfação do desejo. Ou seja, a memória passa a ocupar um lugar de “pedra fundamental do aparelho psíquico”, sendo considerada por Freud como atemporal e indelével.

Ainda conforme indica Campos (2014), “A interpretação dos sonhos” se torna um marco por circunscrever o conceito psicanalítico de inconsciente, e apresentar o aparelho psíquico em sistemas diferenciados, articulando também a noção de desejo e a sua diferenciação da noção de necessidade; segundo o autor, outro ponto fundamental deste trabalho foi articular a etiologia das neuroses com as fantasias inconscientes, reposicionando a sua teoria da sedução.

Segundo Laplanche e Pontalis (2016), a teoria da sedução foi uma descoberta clínica, elaborada por Freud a partir da escuta das recordações de experiências de sedução sexual traumatizantes narradas pelos seus pacientes. Os autores indicam que essa teoria foi criada entre os anos 1895-1897, e envolvia dois tempos, no primeiro deles a sedução propriamente dita era considerada um acontecimento ‘pré-sexual’, na qual a experiência sexual é promovida de fora a um sujeito ainda incapaz de vivenciar tais emoções sexuais; no entanto essa cena não se torna objeto do recalque; somente no segundo tempo, quando ocorre um novo acontecimento – e não necessariamente de ordem sexual – com força o suficiente para despertar os traços associativos da experiência do primeiro tempo, e também libere o fluxo de excitação endógena desencadeado pela lembrança, é que se efetivará o recalque.

Para os autores, apesar de ser clássica a ideia de Freud ter abandonado essa teoria em 1897, para então colocar em primeiro plano as noções de fantasia inconsciente e a sobredeterminação da realidade psíquica, essa ideia não deve deixar de ser matizada, pois Freud nunca deixou de reconhecer a existência e o valor patogênico das cenas de sedução vivenciadas pela criança, inclusive considerando a sedução promovida pelos pais, ou cuidadores substitutos, quando realizam os cuidados corporais do bebê, algo que, inclusive, fornece as experiências originárias para o desenvolvimento das fantasias posteriores. Também, no plano teórico, os elementos principais dessa compreensão da sedução são transpostos para elaborações teóricas posteriores, tais como quando diz que o recalque só pode ser compreendido quando se considera os diversos tempos, no sentido de uma experiência conferir *a posteriori* o seu sentido traumático; também quando diz desse segundo tempo, quando o eu sofre ao ter de lidar com o fluxo de excitação endógena, pelo efeito de uma lembrança vinculada a uma experiência real anterior, que então passa a adquirir o valor de “realidade psíquica” e de um “corpo estranho”, elementos que seriam mais tarde atribuídos à noção de fantasia.

Nesse sentido, Campos (2014) aponta que será em torno da noção de fantasia inconsciente que Freud passa a articular a etiologia das neuroses, a qual possibilita o

desenvolvimento da primeira tópica alocando o conceito de inconsciente em torno do par recalque-sexualidade. Freud, ao apresentar o funcionamento regressivo do psiquismo nos e pelos sonhos, já em 1900, busca demonstrar diferentes modalidades associativas que implicam diferentes modalidades de registros dos chamados traços mnêmicos, os quais compõem representações psíquicas dinâmicas, sendo esses registros função da economia energética psíquica que recebem. O autor ainda ressalta que, no período dessa construção teórica, estabelece-se uma das principais descobertas de Freud, qual seja, a separação entre representação psíquica e afeto promovida por meio do recalque.

Nessa articulação teórica temos uma composição que envolve o modelo topográfico com as concepções sobre as representações e pulsões, elemento energético básico que proporciona a economia do aparelho psíquico. Assim, a teoria pulsional freudiana se torna fundamental, lançando as bases para a construção do pensamento teórico e da prática psicanalítica, pois, segundo Hanns, "no pensamento freudiano, a pulsão não é só uma questão teórica, mas também uma questão clínica diretamente relacionada ao conflito psíquico e à intervenção psicanalítica" (1999, p. 15).

Ademais, com a construção da teoria pulsional, Freud organiza uma concepção de desenvolvimento humano considerando a sexualidade e a organização da libido como marcos fundantes do psiquismo. Essa proposição é inicialmente apresentada nos "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade", em 1905. Trabalho revisitado por Freud diversas vezes em suas diversas edições, na qual adiciona notas, complementos e modificações até os anos de 1920. Neste trabalho, em relação à teoria pulsional, Freud define três aspectos da pulsão, quais sejam: fonte, objeto e meta. O aspecto "pressão" será definido posteriormente, nos artigos de metapsicologia. Assim, pulsão é definida por Freud (1915/1996, p.27) como:

Um conceito situado na fronteira entre o mental e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que se originaram dentro do organismo e alcançam a mente, como uma medida da exigência feita à mente no sentido de trabalhar em consequência de sua ligação com o corpo.

Então estabelece quatro termos em relação ao conceito de pulsão supracitado, quais sejam: a) pressão: quantidade de força ou a medida da exigência de trabalho que ela representa; b) meta: o objetivo da pulsão é obter satisfação, mas isso deve ocorrer de

um modo específico; c) objeto: é a coisa em relação a qual a pulsão é capaz de atingir a sua meta. É o que há de mais variável numa pulsão. Pode ser algo estranho ou uma parte do corpo, pode ser modificado quantas vezes se fizerem necessárias. O mesmo objeto pode satisfazer várias pulsões. No entanto, Freud observa que uma ligação particularmente estreita com o seu objeto pode promover “fixação”, isso geralmente ocorre em períodos iniciais no desenvolvimento da pulsão; d) fonte: vem do somático, ou seja, é o próprio corpo.

Nesse momento do desenvolvimento teórico da psicanálise está sendo trabalhado o primeiro dualismo pulsional. Para Birman (2016), Freud se recusava terminantemente a classificação das pulsões em sua simples descrição qualitativa, até porque decorreria disso uma infinidade de pulsões a serem nomeadas, mas sobretudo porque tal recenseamento não possibilitaria estabelecer o fundamental, a saber: evidenciar a existência de diferentes operadores e as funções das pulsões no aparelho psíquico.

Ademais, nesse dualismo, encontra-se um conceito crucial que articula essas duas pulsões, bem como articula a própria teoria do desenvolvimento psicosssexual, qual seja: a noção de apoio. Vejamos como Freud (1905/1996, p.171) a define: “a atividade sexual apoia-se primeiramente numa das funções que servem à preservação da vida, e só depois torna-se independente delas”. Laplanche e Pontalis (2016), destacam a importância desta construção teórica, afirmando ser ela uma peça fundamental da concepção freudiana da sexualidade, uma vez que Freud descreve a estreita relação entre a pulsão sexual e as principais funções corporais, pois estas fornecem à sexualidade a sua fonte ou zona erógena, indicando assim um objeto e promovendo um prazer que não se reduz a necessidade de satisfação da função corporal. Posteriormente a esse processo, a sexualidade se separa, tornando-se autoerótica. Os autores ainda apontam que a noção de apoio também é utilizada para designar o fato de o sujeito se apoiar sobre o objeto das pulsões de autoconservação na sua escolha de um objeto de amor; seria o que Freud denominou de tipo de escolha de objeto por apoio. Pelas palavras de Freud (1905/1996, p.210),

Na época em que a mais primitiva satisfação sexual estava ainda vinculada à nutrição, a pulsão sexual tinha um objeto fora do corpo próprio, no seio materno. Só mais tarde vem a perdê-lo, talvez justamente na época em que a criança consegue formar para si uma representação global da pessoa a quem pertence o órgão que lhe dispensava satisfação. Em geral, a pulsão torna-se autoerótica, e só depois de superado o período de latência é que se estabelece a relação

originária. Não é sem boas razões que, para a criança, a amamentação no seio materno torna-se modelar para todos os relacionamentos amorosos. O encontro com o objeto é, na verdade, um reencontro.

Outrossim, Freud realiza um complemento importante nessa assertiva supracitada, adicionando uma nota no texto, em referência ao “Introdução ao narcisismo” (1914), dizendo que há dois caminhos para o encontro do objeto, o primeiro como foi supracitado no excerto, ou seja, por apoio [ou tipo anaclítico] em modelos infantis primitivos; o segundo caminho seria o tipo narcísico, aquele que “busca o eu do próprio sujeito e vai reencontrá-lo em outrem. Este último tem uma importância particularmente grande para os desfechos patológicos” (Freud, 1905/1996, p.210 – nota de rodapé). Nos próximos tópicos trataremos dessa elaboração teórica de maneira mais precisa.

Nesse sentido, serão pelas tensões e aberturas teóricas proporcionadas pela noção de narcisismo, com “Introdução ao narcisismo” (1914), bem como com a noção de identificação, com “Luto e melancolia” (1917), que a construção da primeira tópica freudiana encontra um desdobramento, gerando aí uma retomada e articulação que estrutura a chamada segunda tópica e o novo dualismo pulsional entre pulsão de vida e pulsão de morte.

Campos (2014) enfatiza que a própria noção de pulsão de morte, introduzida na virada dos anos 20, foi como um corpo estranho ao campo psicanalítico, um “retorno do recalcado” da teoria com a dimensão do irrepresentável. O autor ainda enfatiza um segundo ponto fundamental da construção da segunda tópica freudiana, a questão da gênese e desenvolvimento das instâncias psíquicas do Isso, Eu, Supereu, ou seja, transcende-se a concepção de representações psíquicas recalçadas buscando satisfação e gerando formações do inconsciente. Nessa elaboração teórica, inclusive, coloca-se a noção de objeto com outro estatuto no interior da teoria, para além do objeto de satisfação da pulsão, esse objeto, agora, por meio da identificação, passa a estruturar as próprias instâncias.

Aqui, então, destaca-se a dimensão estruturante dos objetos, os quais, numa perspectiva intersubjetiva e identificatória, passam a ocupar o mundo interno do sujeito com funções que lhe são próprias e autônomas. Isso é demonstrado pela instância Supereu, herdeiro da dissolução do complexo de Édipo, sendo fruto de identificações com figuras parentais, ou de objetos que ocupam a função de cuidado, mas, também, como figuras portadoras dos códigos morais e éticos da cultura, impondo limites

específicos para satisfação do desejo da pessoa. Desse modo, conforme Campos (2014, p.134), tanto a dimensão do irrepresentável, advindo da noção de pulsão de morte, quando a dimensão dos objetos que, numa relação identificatória, estruturam as instâncias psíquicas, evidenciam a dupla limitação intrínseca à teoria da representação, a qual se torna o cerne da primeira tópica, daí a tensão, pois “por um lado, com a pulsão de morte, ela abre a dimensão do irrepresentável, daquilo que está aquém da representação; por outro, com a teoria das identificações, ela abre a dimensão dos objetos internos, daquilo que está além da representação”.

Posto isso, no próximo tópico buscaremos apresentar a noção de objeto na teoria freudiana, bem como as suas articulações com a teoria pulsional na primeira e segunda tópicas.

2. A noção de objeto

Neste tópico visaremos apresentar como a noção de objeto foi se desenvolvendo no pensamento freudiano a partir de determinados pontos de sua estruturação teórica. O reconhecimento da importância dessa noção no interior da construção da metapsicologia proposta por Freud se torna fundamental para compreensão da formação do sujeito a partir de uma perspectiva relacional e intersubjetiva em psicanálise. Nesse sentido, a análise da noção de objeto é fundamental, pois, segundo (Simão et al., 2002, p.7),

À concepção de sujeito em uma dada teoria corresponde, dialogicamente, uma dada concepção de objeto, de modo que é da relação sujeito – objeto que decorre boa parte da conceitualização teórica caracterizadora desta ou daquela abordagem em psicologia. Em síntese, a cada aspecto meta-teórico da relação sujeito-objeto correspondem diferentes epistemologias em psicologia

Trata-se de uma análise complexa, pois, conforme destaca Coelho Junior, não há em Freud uma definição única e final em termos conceituais acerca da noção de objeto, embora a concepção metapsicológica de Freud “postula as pulsões como aspecto originário da constituição da subjetividade e os objetos apenas como aspecto secundário” (2002, p.12). Segundo o autor, a noção de objeto aparece basicamente de dois modos na obra freudiana, ou *ligada à noção de pulsão* – neste caso os objetos são correlatos das pulsões, são os objetos das pulsões; ou *ligada à atração e ao amor/ódio*,

quando então são os *objetos correlatos do amor e do ódio*. No entanto, é possível derivar uma outra posição metapsicológica, qual seja: “aquela que considera os objetos como determinantes originários na constituição da subjetividade” (Coelho Junior, 2002, p.12).

Conforme vimos, Greenberg e Mitchell (1994) consideram que Freud inclui as relações de objeto na sua teoria, sobretudo a partir de 1917, por uma estratégia de acomodação, no sentido de uma reorganização do paradigma se tornar inevitável. Com essa perspectiva de análise, conforme Junqueira (2010), os autores dão a ideia de algo novo na teoria, como um conceito enxertado, que se tornou necessário de ser integrado a partir de 1917. No entanto, a autora argumenta que este não parece ser o caso da noção de objeto, pois, segundo ela, desde “A interpretação das Afasias” (1891), Freud já trabalha com a noção de objeto como sendo tanto algo externo e real, quanto uma ideia abstrata. O objeto está relacionado com a noção do aparelho psíquico como aparelho de linguagem, desse modo há uma noção de objeto relacionado à ideia de representação-palavra.

Para Junqueira (2010) o que será inscrito não será o objeto em si, mas uma série de associações de objeto. Não existe uma impressão ou inscrição ponto a ponto do objeto, a representação de objeto seria composta por uma espécie de nebulosa de associações de objeto relacionadas em rede a outras “associações de objeto”. Nesse sentido, as percepções de objeto são impressões que formam associações de objeto, as quais, por sua vez, só formarão representações-objeto no momento em que se ligam a uma representação-palavra. Assim, para Freud, “o significado não está no objeto nem nas imagens mnêmicas, está na articulação entre a representação-objeto e a representação-palavra” (Junqueira, 2010, p.42).

Portanto, no cerne dessa concepção freudiana se encontra uma determinada teoria da representação. Campos (2014) corrobora Junqueira (2010), dizendo que desde “A interpretação das Afasias” os conceitos de representação de objeto e de palavra se tornam operadores teóricos fundamentais para Freud, e logo alcançariam o estatuto de hipótese de trabalho para compreensão das psicopatologias, sobretudo quando em 1893, na sua “Comunicação Preliminar” escrita com Breuer, passa a falar na noção de defesa como uma atividade psíquica que operava o desligamento energético e promovia a perda da associação representacional, gerando deslocamentos ideativos e afetivos, assim como conversões somáticas. Essa articulação teórica se estrutura nos primeiros tempos da construção da matriz clínica da histeria.

Assim, já no início da década de 90 do século XIX, são apresentados os termos gerais da hipótese representacional. Feito fundamental realizado por Freud, pois, conforme Campos (2014), a noção de representação freudiana ultrapassa os limites postos pela tradição filosófica ocidental, a qual estabelecia como verdadeiro o conhecimento advindo da representação psíquica do objeto como correspondente ao objeto externo. Esse se torna um dos pontos pelos quais Junqueira (2010) fundamenta a sua tese, contrapondo-se aos historiadores Greenberg e Mitchell. A autora argumenta, por ser a representação palavra compreendida como um complexo fechado, e a representação de objeto como um complexo aberto, formado por múltiplas associações de objeto, a representação palavra se liga à representação de objeto por meio da imagem acústica, permitindo que as associações de objeto que estão ligadas à uma representação palavra se liguem a outras representações-palavra, funcionando em rede. Junqueira (2010, p. 42) enfatiza que o trabalho freudiano das Afasias “permite afirmar que o objeto chega a preceder a pulsão nas preocupações teóricas de Freud”. Ou seja, trata-se de uma leitura da obra freudiana que considera a noção de objeto como um bloco embrionário do edifício teórico, inclusive anterior à noção de pulsão.

Portanto, essa leitura compreende que desde os primeiros momentos da construção teórica freudiana, a noção de objeto e de pulsão já se encontravam em desenvolvimento e articuladas entre si. Outro ponto importante nessa compreensão, conforme Campos (2014, p.24), é quando a palavra “representação” é traduzida para o português, na qual se demonstra o aglutinamento do significado de duas ideias distintas em alemão, a saber:

A primeira (*Vorstellung*) diz respeito a uma representação na forma de imagem no psiquismo de um objeto, enquanto a segunda (*Repräsentanz*) significa uma espécie de delegação no psiquismo de uma excitação somática. Essa delegação pode se dar na forma de afeto – o que constitui um representante afetivo – ou de representação – o que constitui o representante ideativo.

Nessa direção, Junqueira (2010) destaca que no “Projeto de uma Psicologia” (1895) a concepção de um aparelho psíquico constituído a partir das representações das percepções do objeto é mantida, mas Freud já passa a desenvolver uma noção muito próxima da pulsão, a qual é denominada *Qn* ou “estímulos endógenos”, provocados por necessidades internas do organismo ou pelas urgências da vida. Esses estímulos endógenos são produzidos de forma contínua, e com acumulação inevitável, geram

assim desprazer a partir do aumento de sua quantidade. Esses estímulos encontram descarga por meio de ações específicas, promovendo nessa dinâmica experiências de satisfação, eliminando desse modo a urgência que gerou o desprazer, facilitando a catexização de um ou vários neurônios que correspondem à percepção de objeto.

Segundo a autora, a partir da dinâmica supracitada, ocorre uma facilitação do investimento da imagem mnêmica do objeto, criando uma alucinação que pode conduzir o aparelho psíquico na busca do objeto de satisfação. Ocorre que, com frequência, a representação-lembrança do objeto não coincide inteiramente com a representação-percepção, gerando relação por semelhança e não por identidade, desse modo não se gera uma descarga; no entanto, esse movimento gera a capacidade de pensar do aparelho psíquico, isso na busca do reconhecimento de objetos externos semelhantes que possam promover a ação específica, uma vez que apenas a alucinação, enquanto índice de satisfação, não é capaz de promover tal descarga e alívio da tensão. Considerado em conjunto, toda essa dinâmica favorece a conservação de traços mnêmicos do objeto.

Ainda acerca do Projeto (1895), Junqueira (2010, p.45) destaca que o objeto é externo e proporciona descarga, criando assim facilitações ou a memória. Assim, os processos de satisfação dos estímulos endógenos, os quais constituem as pulsões, desenvolvem o aparelho e exigem um objeto externo ao psiquismo, mas uma ressalva, esse objeto não é necessariamente externo ao sujeito, como fica demonstrado com o autoerotismo, no qual o objeto é o próprio corpo. Nessa dinâmica, Freud diz ainda de uma organização formada por dois processos, a atração do desejo e o recalçamento, os quais formam o Eu. “Ou seja, não apenas já está em consideração a formação de um Ego, mas também que esse Ego se forma a partir das marcas dos objetos nas experiências de satisfação e de dor”. Desse modo, segundo a autora, considerando à constituição do aparelho psíquico, na perspectiva da metapsicologia freudiana, já nos textos iniciais o objeto e a pulsão estão presentes, pois “(...) é no instante de encontro entre a pulsão e um objeto que o aparelho psíquico se produz”.

Para Merea (1994), além da centralidade do papel do objeto na constituição do sujeito em psicanálise, trata-se de uma área-chave para fundamentar um esquema referencial no interior da construção teórica freudiana, bem como para conceituar as diferenças ou as semelhanças entre os vários esquemas e referenciais teóricos e técnicos no interior do campo psicanalítico pós freudiano. Como supracitado com Junqueira (2010), o objeto está presente no texto freudiano desde “A interpretação das Afasias”

(1891), não sendo apenas um enxerto que chega em 1917, mas participando da construção do edifício teórico desde o início, inclusive precedendo ao da pulsão.

De fato, para Laplanche e Pontalis (2016), a noção de objeto, e mais precisamente a designação “relações de objeto” encontra-se apenas ocasionalmente nos escritos de Freud, mas, isso não quer dizer, como vimos acima, que ele ignorasse esta questão. Os autores também indicam que, desde os anos 30, a noção de objeto assumiu importância crescente na literatura psicanalítica, tornando-se a referência teórica principal para muitos autores. Pensando especificamente a noção de relação de objeto para Freud, os autores destacam as terminologias da expressão “relação de objeto”, indicando: a) o “objeto” deve ser tomado como “escolha do objeto” ou “amor do objeto”, na medida em que uma pessoa visada pelas pulsões é qualificada como objeto; b) “relação”, trata-se de fato de uma inter-relação, no sentido de o sujeito constituir seus objetos, mas estes também o modelam; c) o “de”, ao invés do uso do “com”, acentua essa inter-relação.

Nesse sentido, considerando a complexidade da noção de objeto na obra freudiana, Merea (1994) e Coelho Junior (2002) nos fornecem uma sistematização para pensarmos essa construção teórica. Os autores buscam localizar a noção de objeto em referência às duas tópicas propostas por Freud. Na primeira tópica a tônica recai sobre as pulsões, e ficam próximos os conceitos de objeto e de representação, trazendo ao primeiro plano o problema da percepção e dos caminhos que esta se estabelece para o sujeito. Já na segunda tópica, destaca-se o papel da noção de identificação, na qual o objeto adquire função estruturante das instâncias psíquicas, inviabilizando localizá-lo no interior da teoria apenas como uma representação. Considerando o trabalho dos autores, chegamos ao seguinte esquema:

a) **Objeto e percepção:** remete aos textos iniciais de Freud, na qual se encontram vinculados a percepção e o objeto. Pode ser um objeto externo e real, oferece ao sujeito um critério de realidade. Os objetos também podem ser imaginários ou fantasmáticos, como réplicas mais ou menos deformadas (ou não) dos objetos externos. Aqui temos a questão das representações psíquicas, e a percepção como função da consciência ou do eu, mas também temos as percepções inconscientes, pois não há o reconhecimento de que a percepção garanta um acesso objetivo à realidade.

b) **Objeto e pulsão:** a partir da teoria pulsional, Freud destaca o objeto da pulsão como todo objeto por meio do qual a pulsão consegue atingir o seu alvo. Os objetos das pulsões do eu estão vinculadas às necessidades biológicas; por sua vez, os objetos da libido não são fixos e nem determinados, eles têm assim as características de serem contingentes, intercambiáveis e sofrerem transformações. Tendem a ser parciais, como partes do corpo; não precisam ser reais, mas podem ser fantasiados. O fundamental é que garantam a satisfação pulsional.

c) **Objeto e identificação:** a construção dessa noção de objeto se destaca sobretudo a partir de Luto e Melancolia (1917), na qual se enfatiza a importância dos objetos na constituição das instâncias psíquicas. Aqui o objeto pode se fazer presente no psiquismo mesmo depois de não estar mais presente como objeto da percepção. O Eu passa a ser visto como um precipitado de identificações. Essas formulações vão adquirir significativos desdobramentos com os autores pós-freudianos.

Especificamente, Coelho Junior (2002) destaca ainda o objeto e narcisismo, no qual o Eu se torna objeto da pulsão. Essa construção, ao lado da noção de identificação, levará Freud a elaborar uma nova teoria das pulsões. Nesse movimento de seu pensamento, a própria definição de prazer e objetos precisará ser revista, pois o Eu, nos processos narcísicos, passa a ser definido como um dos objetos de amor. Por sua vez, Marea (1994) busca especificar o objeto interno ou estrutura endopsíquica, segundo ele, trata-se do objeto de introjeção, este com função estruturante em relação com as instâncias psíquicas do sujeito, trata-se de um objeto quase-pessoa. O exemplo notório seria o objeto introjetado do melancólico. Ou seja, a partir da dinâmica narcísica e identificatória se estabelecem as bases para a construção da noção de objetos internos presentes no espaço mental da pessoa.

Importante destacarmos que, conforme Ogden (2017), a teoria psicanalítica clássica não inclui um conceito de objetos internos. Ou seja, Freud não utilizava o termo “objetos internos” e nem desenvolveu uma conceituação acerca de relações objetais de objetos internos. Mas, segundo o autor, em “A interpretação dos sonhos” Freud já mencionava a respeito dos traços inconscientes de memória perpetuarem afetos envolvidos em experiências primitivas do sujeito, inclusive tendo condições de estabelecer certos comportamentos sintomáticos e psicopatologias do caráter.

Contudo, ainda segundo Odgen, corroborando Coelho Junior (2002) e Marea (1994), foi mesmo a partir de 1914, com “Introdução ao narcisismo”, que Freud começa a articular em sua teoria o quanto as fantasias inconscientes acerca dos objetos podem, em circunstâncias específicas, tomar o lugar de relacionamentos reais com as pessoas; dizendo também que o objeto passa a ocupar de fato outro lugar em “Luto e melancolia” (1917), pois, a identificação diz de um “meio pelo qual o indivíduo não apenas se lembra, mas parcialmente substitui emocionalmente um objeto externo perdido por um aspecto de si mesmo que fora modelado após a perda do objeto externo” (2017, p.141).

Pela importância desses dois ensaios, “Introdução ao Narcisismo” (1914) e “Luto e Melancolia” (1917), a seguir buscaremos apresentar as principais elaborações teóricas freudianas desenvolvidas nos mesmos. Esses ensaios freudianos foram realizados em diálogo com as contribuições de Abraham, por meio de trabalhos publicados por seu discípulo ou mesmo por cartas que trocaram no período em que Freud os escrevia. Ademais, são trabalhos que se tornam a base para elaboração teórica de Abraham em sua reflexão sobre a formação do caráter, mas principalmente para a composição de um dos seus principais trabalhos, “Breve estudo do desenvolvimento da libido, visto à luz das perturbações mentais”, de 1924, no qual ele propõe divisões nas fases oral e anal do desenvolvimento da libido, em conjunto com uma teoria das relações de objeto que lhe é própria, para compreender as formações psicopatológicas e o desenvolvimento do amor objetual.

3. Introdução ao narcisismo

Conforme Nicéas (2017), será exatamente para Abraham que Freud confessa que pariu com dificuldade esse trabalho no seu objetivo de trazer à luz o narcisismo, inclusive dizendo de sua insatisfação com o resultado final de suas ideias, e ainda indica que o trabalho trouxe as marcas do nascimento difícil desse conceito, comentando de uma imperfeição que o mortificava profundamente. No entanto, segundo o autor, apesar de Freud dizer de esse ensaio ser imperfeito, ele se inscreve como um dos mais importantes e fecundos momentos do seu pensamento.

Em “Introdução ao narcisismo” (1914), Freud cita a teoria da libido, indicando que o narcisismo se apresenta de modo intenso e que reivindica um lugar no desenvolvimento psicosssexual do ser humano, não sendo uma perversão e sim o

complemento libidinal da pulsão de autoconservação que tem por objetivo manter a vida. Fala acerca do motivo de se ocupar com a ideia de um narcisismo primário e normal, quando fez a tentativa de incluir a *dementia praecox* (Kraepelin) ou esquizofrenia (Bleuler) sob a hipótese da teoria da libido.

Conforme Laplanche e Pontalis (2016), a existência de uma fase da evolução sexual intermediária entre o autoerotismo e o amor de objeto é apontada por Freud desde a sua investigação do Caso Schreber, em 1911. A descoberta do narcisismo indica que o sujeito passa a tomar a si mesmo e o seu próprio corpo como objeto de amor, e isso permite uma primeira unificação das pulsões. Mas se Freud já tinha utilizado a noção de narcisismo anteriormente, quando o cita pela primeira vez nos “Três Ensaaios...”, pelo qual buscava explicar a escolha de objeto nos homossexuais, será somente em “Introdução ao narcisismo” que ele articula o conceito no conjunto de sua teoria e no funcionamento da psicose, sobretudo com os investimentos libidinais, colocando em evidência a possibilidade de a libido reinvestir o eu quando desinveste o objeto.

Assim, situando a esquizofrenia no campo das psicoses, nomeada por ele como parafrenias, Freud aponta duas características fundamentais desse funcionamento psíquico, a saber: 1) a megalomania (delírio de grandeza); 2) o abandono do interesse pelo mundo externo (pessoas e coisas). Ele menciona que tanto o histérico quanto o neurótico obsessivo também abandonam essa relação com a realidade, mas não suspendem a relação erótica com as pessoas e coisas, mantendo-a na fantasia. No entanto, na esquizofrenia a dinâmica é diferente, pois aqui a libido é retirada das pessoas e coisas do mundo externo, e a substituição por fantasias ocorre mais como algo secundário, compondo parte de uma tentativa de cura que visa reconduzir a libido ao objeto.

Freud, desse modo, busca responder a questão acerca do destino dessa libido retirada dos objetos na esquizofrenia, e afirma, “a libido retirada do mundo externo foi dirigida ao Eu, de modo a surgir uma conduta que podemos chamar de narcisismo”. Ou seja, é esse investimento libidinal no Eu que Freud nomeia como narcisismo. Mas ele avança com a reflexão e indica que se trata de um estado que já existiu anteriormente, e “isso nos leva a apreender o narcisismo que surge por retração dos investimentos objetais como secundário, edificado sobre um narcisismo primário que foi obscurecido por influências várias” (1914/2010, p.16). Importante destacarmos que o seu objetivo não é esclarecer e aprofundar a questão da esquizofrenia, mas justificar, a partir dessa

dinâmica psíquica, uma introdução ao narcisismo. Destaca-se, também, que as primeiras concepções acerca dessa elaboração teórica se deve a Abraham, quando em seu estudo “As diferenças psicosexuais entre a histeria e a demência precoce”, de 1908, o psicanalista busca analisar os delírios e o funcionamento da psicose, pelo qual afirma:

Até este momento, podemos reconhecer dois grupos de fenômenos na demência precoce; aquele que a libido do paciente se separa dos objetos animados e inanimados, e no outro em que perdeu os sentimentos que surgem com a sublimação. Vemos assim que essa doença implica uma cessação de amor aos objetos e da sublimação. Só nos é conhecida uma condição sexual semelhante, a saber, a da primeira infância; a qual denominamos, com Freud, “autoerotismo”. Também nesse período falta o interesse por objetos e pela sublimação. A característica psicosexual da demência precoce é a regressão do paciente ao autoerotismo e os sintomas de sua doença são uma forma de atividade sexual autoerótica. (ABRAHAM, 1908/1994, p.55)

Laplanche e Pontalis (2016) destacam que Freud tomará essa construção de Abraham como base para a compreensão dos casos de psicose em psicanálise, mas Freud acrescenta ao pensamento de seu discípulo uma concepção fundamental, a qual permite especificar o narcisismo em relação ao autoerotismo, qual seja, a noção de que o Eu não existe enquanto uma unidade desde o início. Nesse sentido, Freud passa a considerar a dinâmica do investimento libidinal numa composição que considera tanto a libido objetal quanto a libido do Eu, em um investimento dinâmico que flui de um para o outro. Isso permite a reflexão sobre a relação entre o narcisismo e o autoerotismo enquanto estágio inicial da libido. Pelas palavras de Freud (1914/2010, p.18-19),

É uma suposição necessária, a de que uma unidade comparável ao Eu não existe desde o começo no indivíduo; o Eu tem que ser desenvolvido. Mas os instintos autoeróticos são primordiais; então deve haver algo que se acrescenta ao autoerotismo, uma nova ação psíquica, para que se forme o narcisismo.

Quando refletimos acerca dessa “nova ação psíquica” indicada por Freud nessa passagem do texto, uma das possibilidades de pensarmos essa elaboração teórica, na teoria freudiana, é o investimento dos objetos, representados pelos pais e/ou pelos cuidadores substitutos. Parece-nos que Freud (1914/2010, p. 26) indica essa direção quando afirma: “quando vemos a atitude terna de muitos pais para com seus filhos, temos de reconhecê-la como revivescência e reprodução do seu próprio narcisismo há

muito abandonado. Como todos sabem, a nítida marca da superestimação, que já na escolha de objeto apreciamos como estigma narcísico, domina essa relação afetiva”.

De todo modo, Freud não explora mais longamente a assertiva da *nova ação psíquica*, mas com ela aponta para a importância fundamental das relações de objeto para formação do Eu, ou mais precisamente, como o Eu se constitui a partir das ligações afetivas com o outro. Ou seja, esse investimento narcísico e de amor dos pais ou cuidadores promove a gênese do Eu. Assim, a partir dessa dinâmica narcísica, na qual é necessário antes um investimento do outro para que ocorra um investimento no Eu, os objetos que ocupam essa função de cuidado fornecem as referências estruturantes para a formação de um Eu primitivo, numa primeira organização após o autoerotismo.

Conforme indica Nicéas (2017), o próprio narcisismo não se reduz a uma fase do desenvolvimento a ser ultrapassada e deixada para trás, como se essa fase pudesse se encontrar liquidada, mas ao contrário, o narcisismo freudiano se revela um dado estrutural. Inclusive, Laplanche e Pontalis (2016) enfatizam que se for mantida a distinção entre um estado em que as pulsões sexuais se satisfazem de maneira anárquica e independente uma das outras, e o narcisismo, momento pelo qual o Eu se torna objeto de amor, deve-se fazer coincidir a predominância do narcisismo infantil com os momentos formadores do eu.

Para Bocchi (2020), essa nova ação psíquica seria originalmente a montagem da libido no Eu, a qual permite a repetição de uma imagem de si que será amada primeiramente pelos pais, e ao mesmo tempo e subsequente, pelo próprio sujeito. Nesse sentido, Freud dirá que os pais atribuem à criança todas as perfeições, ocultam e esquecem os seus defeitos, negam a sexualidade infantil, tendem a suspender, face à criança, as conquistas culturais que o próprio narcisismo foi obrigado a reconhecer, e renovar as exigências de privilégios renunciados, as coisas devem ser melhores para as crianças do que foram para os pais. “*His Majesty the Baby*, como um dia pensamos de nós mesmos (...) O amor dos pais, comovente e no fundo tão infantil, não é outra coisa senão o narcisismo dos pais renascido, que na sua transformação em amor objetal revela inconfundivelmente a sua natureza de outrora” (FREUD, 1914/2010, p.26-27)

Ademais, Bocchi (2020) indica uma distinção fundamental nessa dinâmica narcísica, o sujeito é objeto do narcisismo parental, e ao mesmo tempo, torna-se o objeto de amor dos pais. Isso, inclusive, seria o que cancelaria a ilusão de onipotência infantil e a ilusão de ser amado incondicionalmente, o que caracterizaria o narcisismo primário, sinônimo do narcisismo do Eu. Segundo a autora,

O narcisismo parental é o reflexo do primitivo Eu ideal dos pais e de sua tradição. Toda criança teria que satisfazer desejos não realizados dos pais como forma de indenização tardia, dirá Freud. Contudo, o narcisismo (primário) dos pais, que alimenta o projeto do filho ideal, é idêntico a si mesmo e regressivo. Ele terá que se dirigir ao campo objetual, transformando-se em investimento amoroso. Assim, a experiência mostra que o fascínio narcisista dos pais não garante que a criança seja amada e considerada como singular. (BOCCHI, 2020, p.5)

Ou seja, os pais terão que dirigir o seu investimento narcísico para o campo objetual, para então transformá-lo em investimento amoroso, e assim adquirirem a capacidade psíquica de se separarem da criança, singularizando-a e garantindo nesse movimento uma ligação não fusionada. Essa dinâmica psíquica dos pais também promove aberturas para os cuidados e investimentos libidinais da criança. Nesse sentido, sobretudo na e pela condição da amamentação, o objeto (mãe ou quem ocupa essa função) ao mesmo tempo em que cuida do filho, vai nessa dinâmica erotizando o corpo do bebê. Conforme nos indica Zornig, a erotização do corpo da criança ocorre pelo fato de a criança não ser vista pelos pais apenas como um pedaço de carne, mas sim como um corpo simbólico, investido de palavras e afetos que geram marcas no bebê, dando-lhe um lugar fundamental na estrutura familiar. Considerando a revivescência do narcisismo dos pais junto aos seus filhos, temos uma projeção nos filhos daquilo que outrora foram os sonhos, desejos, ideais etc dos próprios pais: “assim narcisismo implica na possibilidade de amar e reconhecer um corpo que foi investido e erotizado por um outro na infância” (2008, p.75-76).

Essa dinâmica narcísica tem início na fase oral e é marcada pela incorporação e introjeção, a qual fundamenta de um modo próprio a identificação com os objetos. Conforme nos indica Campos (2014), a identificação adquire especial importância nessa construção, pois essa não visa à satisfação da pulsão conforme um modelo alucinatório, trata-se antes de uma forma de ligação erótica. Segundo o autor, existe com a identificação um componente estruturante na relação com a alteridade, não sendo o outro nessa dinâmica um objeto contingente, mas um precipitado que constitui instâncias psíquicas do sujeito.

Retornando à reflexão freudiana, também não se pode deixar de reconhecer as especificidades dessa fase e as próprias dificuldades e limitações de sua experiência para o estudo do narcisismo, considerando que, assim como as neuroses de transferência

permitiram conhecer as pulsões sexuais, as parafrenias (esquizofrenia e a paranoia) se estabelecem como o principal meio para se compreender a psicologia do Eu. Portanto, seria a partir das distorções do patológico, manifestado nessas estruturas psíquicas, a possibilidade de se compreender o que é “normal”. Outrossim, para se aproximar do conhecimento acerca do narcisismo, Freud busca utilizar outras vias abertas com as doenças orgânicas, a hipocondria e o estado de apaixonamento humano.

Nesse sentido, alguém que sofre de dor orgânica abandona o interesse pelo mundo externo, também o interesse libidinal de seus objetos amorosos, que cessa de amar enquanto sofre. Considerando essa dinâmica psíquica e pensando-a em termos da teoria da libido, Freud nos diz que a pessoa doente retira seus investimentos libidinais de volta ao eu, mas os envia para o mundo externo depois de se curar. Como na dinâmica com a dor, o estado de sono também envolve uma retração narcísica das posições da libido para o desejo de dormir da pessoa, com o egoísmo dos sonhos, pela qual ocorre mudanças na distribuição da libido graças à mudança no eu. Por sua vez, a hipocondria também envolve um efeito sobre a distribuição da libido, na qual ocorre a retirada da libido dos objetos externos e essa se volta ao órgão que ocupa o hipocondríaco.

Quando passa a refletir sobre a vida amorosa dos seres humanos, mais especificamente sobre o estado de apaixonamento, Freud nos remete à noção de apoio. Como vimos anteriormente, esse operador conceitual se torna chave e é utilizado nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, de 1905, para fundamentar que a satisfação inicial das zonas erógenas ocorre ligadas à satisfação das necessidades da pulsão de autoconservação, ou seja, que a atividade da pulsão sexual se apoia primeiro numa das funções que servem à conservação da vida, por exemplo, ingestão de alimentos, e somente depois se torna independente dela. Daí que, no narcisismo, Freud retoma essa construção quando diz que as primeiras satisfações sexuais autoeróticas são experimentadas por apoio na satisfação das pulsões de autoconservação, e apenas mais tarde se tornam independentes; mas aqui ele enfatiza as relações de objeto, quando diz que “as pessoas encarregadas da nutrição, cuidado e proteção da criança tornarem-se os primeiros objetos sexuais, ou seja, a mãe ou quem a substitui” (Freud, 1914/2010, p.32). Ele nomeia esse tipo de escolha de objeto de “tipo de apoio”; por sua vez, as pessoas que buscam a si mesmas como objeto amoroso configuram o tipo de escolha de objeto narcísico.

No entanto, Freud ressalta que ambos os caminhos ficam abertos na escolha de objeto para a pessoa, o tipo narcísico ou o “de apoio”, o ser humano tem em sua origem dois objetos sexuais, ele próprio e a mulher, ou objeto substituto, que se encarrega dos seus cuidados. Disso, Freud pressupõe o narcisismo primário de todo indivíduo, o qual pode se expressar de maneira dominante em sua escolha de objeto. Importante destacar, conforme indicam Laplanche e Pontalis (2016), que o termo “escolha” não deve ser tomado no sentido de uma escolha consciente ou intelectualista de um objeto entre os vários que a criança tem contato, mas diz daquilo do irreversível e determinante na eleição do sujeito, num momento decisivo de sua história de vida, do seu tipo de amor objetual.

Posto isso, Freud (1914/2010, p.25-26) apresenta um sumário com os caminhos para a escolha de objeto, o qual descrevemos na íntegra pela sua importância, a saber:

“Uma pessoa ama:

1) Conforme o tipo narcísico:

- a) o que ela mesma é (a si mesma),
- b) o que ela mesma foi,
- c) o que ela mesma gostaria de ser,
- d) a pessoa que foi parte dela mesma.

2) Conforme o tipo “de apoio”:

- a) a mulher nutriz,
- b) o homem protetor e a série de substitutos que deles derivaram.”

Além dos caminhos para a escolha de objeto, Freud (1914/2010, p.38) vai destacar as perturbações a que está exposto o narcisismo original da criança e as reações com as quais se defende, as vias que é impelido a fazê-lo, cita, então, “como ‘complexo da castração’ (angústia relativa ao pênis, no garoto; inveja do pênis, na garota) e tratar em conexão com o efeito da intimidação sexual exercida sobre a criança”, comentando sobre como, no narcisismo primário, as pulsões de autoconservação e sexuais surgem com interesses narcísicos, operando unidas. Diz sobre a repressão das pulsões quando entram em conflito com os ideais morais e culturais do indivíduo, e aqui não se trata de um conhecimento intelectual e consciente dessas ideias, mas de submeter-se às suas exigências, sendo que essa repressão vem do autorrespeito do Eu.

Desse modo, erigiu-se um ideal dentro de si, que compõe um Eu ideal ao qual se dirige o amor a si mesmo, que o Eu real desfrutou na infância. O narcisismo se desloca para esse Eu ideal, o qual, como o infantil, tinha toda a perfeição. Como o sujeito não quer se privar da perfeição narcísica de sua infância, e também não consegue manter

essa perfeição no devir da vida, procura retomá-la na forma de um Ideal do Eu, constituído a partir da influência crítica dos pais, cuidadores, educadores etc, ao longo do tempo. Apesar da instância psíquica do Supereu ainda não ter sido desenvolvida, Freud já menciona nesse ensaio de não se admirar se encontrar uma *instância psíquica especial* que cumprisse a função de garantir a satisfação narcísica a partir do Ideal do Eu, que observasse e medisse continuamente o Eu tendo por parâmetro esse ideal.

Assim, “o desenvolvimento do Eu consiste num distanciamento do narcisismo primário e gera um intenso esforço para reconquistá-lo. Tal distanciamento ocorre através do descolamento da libido para um ideal do Eu imposto de fora, e a satisfação, através do cumprimento desse ideal” (1914/2010, p.38). Contudo, é importante destacarmos, o próprio retorno da libido objetal ao Eu e sua transformação em narcisismo, pode representar um estado de amor pleno novamente, um “amor feliz” dirá Freud, na qual a libido do Eu e a libido do objeto não se distinguem, compondo o narcisismo primário.

Laplanche e Pontalis (2016) comentam sobre o narcisismo primário não ter uma compreensão unívoca no campo psicanalítico, numa perspectiva genética, a constituição do Eu pode ser concebida como unidade psíquica de maneira correlativa ao esquema corporal; pode-se ainda considerar que essa unidade é precipitada por uma imagem que o sujeito adquire de si mesmo, que é o próprio Eu, a partir do modelo do outro. O narcisismo seria a captação amorosa do sujeito por essa imagem e, nessa perspectiva, na qual o Eu se constitui a partir da sua identificação com a imagem de outrem, o narcisismo não seria um estado de ausência de toda e qualquer relação intersubjetiva, mas sim a própria interiorização dessa relação objetal, como veremos a seguir na apresentação e discussão de “Luto e Melancolia”, de 1917.

4. Luto e melancolia

Trata-se de um ensaio metapsicológico escrito por Freud em 1915, no mesmo ano que também redigiu os seguintes textos: “As pulsões e seus destinos”, “A repressão”, “O inconsciente”, “Complemento metapsicológico à teoria dos sonhos”, “Luto e melancolia”, sendo os dois últimos publicados em 1917. Importante destacarmos o diálogo com Abraham na preparação desses ensaios, ocorrido por meio de cartas, e especificamente sobre “Luto e melancolia”, Freud menciona Abraham como

um dos pioneiros a tratarem do tema, e também pelo discípulo realizar uma das suas mais importantes contribuições ao campo psicanalítico até aquele período. Ademais, um dos pontos fundamentais desse ensaio freudiano é a abertura para uma compreensão mais específica acerca das relações de objeto, pois o objeto passa numa perspectiva intersubjetiva, com a noção de identificação, estruturar as instâncias psíquicas. Essa elaboração, inclusive, fornece os caminhos para as futuras elaborações teóricas pós-freudianas acerca do pensamento das relações de objeto.

Importante destacarmos também que a composição dos ensaios metapsicológicos freudianos se encontra entrelaçada, Edler (2020), inclusive, indica um fator como decisivo que permite a elaboração de “Luto e melancolia”, qual seja: o desenvolvimento da noção de Ideal do eu. Tal noção compõe uma etapa fundamental para a apresentação do conceito de Supereu, que só se concretizaria a partir da segunda tópica apresentada em 1923. Então, quando Freud fala em “Introdução ao narcisismo” de uma instância crítica estruturada a partir desse ideal do eu, com funções de consciência moral e agente de censura, tal noção se torna fundamental para compreensão do funcionamento psíquico da melancolia, pois nesse funcionamento temos uma cisão do Eu e a sua parte separada que lhe é implacável, que então exerce uma crítica impiedosa contra o próprio Eu. Inclusive, Abraham utiliza largamente dessa elaboração teórica para compor a divisão das fases da libido e as relações específicas de objeto nessa dinâmica psíquica, como veremos mais adiante neste trabalho.

Em “Luto e melancolia”, Freud (1917/2016) busca compreender os distúrbios psíquicos narcísicos e elucidar o quadro clínico da melancolia comparando-a ao afeto normal do luto, pensando esses dois estados psíquicos conjuntamente. Ilustra então o luto e a reação à perda de uma pessoa querida, ou mesmo uma abstração que esteja no lugar dela, como a pátria, a liberdade, um ideal; e a melancolia como um estado de ânimo doloroso (um desânimo doloroso), com a perda de interesse pelo mundo externo, pela perda da capacidade de amar (escolher outro objeto de amor em substituição ao que se perdeu), pela perda da capacidade de realização. Até aqui o luto normal compartilha traços em comum com a melancolia, no entanto, traços específicos dessa última seriam o rebaixamento do sentimento de si (autoestima/autoconfiança), que se expressa por autorrecriações e autoinsultos, inclusive podendo atingir a expectativa delirante de punição. Destacar essa diferenciação entre os dois estados psíquicos é fundamental, pois Freud fundamenta toda a sua construção teórica exatamente a partir desses traços que diferenciam a melancolia do afeto normal do luto.

Conforme o trabalho de luto segue no tempo, o dado da realidade demonstra que o objeto amado não existe mais no mundo externo, e isso impõe a retirada da libido e suas ligações com esse objeto, mas isso não ocorre sem resistências, tanto que os investimentos libidinais nas lembranças ligadas ao objeto vão sendo superinvestidas. Mas, com o tempo, aos poucos e de maneira dolorosa, esse trabalho pode se concluir e há uma dissolução nessa libido que se encontrava investida, e então o Eu se vê livre novamente para realizar novos investimentos e ligações. Quando essa dinâmica é aplicada ao quadro melancólico, Freud afirma que na melancolia também se vivencia uma reação à perda de um objeto amado, inclusive sendo essa perda de natureza mais ideal, no sentido de o objeto não ter morrido, e sim ter sido perdido, de modo que paciente pode saber “quem” perdeu, mas não se sabe “o que” perdeu nesse objeto.

Nesse sentido, a melancolia representaria uma perda de objeto que foi subtraída da consciência, e isso é muito diferente do luto, no qual não há nada inconsciente nessa perda, pois o objeto amado de fato morreu e não existe mais na realidade. A perda desconhecida também promove, assim como o luto, uma inibição, mas no melancólico essa inibição pode se tornar enigmática, pois não se consegue saber o que o arrebatou. Como supracitamos, outro ponto fundamental para se compreender a dinâmica psíquica do melancólico, é um funcionamento que se encontra ausente no luto, a saber: o extraordinário rebaixamento do sentimento do Eu e, conseqüentemente, um grandioso empobrecimento do Eu. “No luto, o mundo se tornou pobre e vazio; na melancolia, foi o próprio Eu” (FREUD, 1917/2016, p.102).

A partir desse sentimento de empobrecimento do Eu, a pessoa melancólica se descreve como indigna, incapaz, moralmente desprezível, recriminando-se e insultando-se, ela espera ser rejeitada e castigada. Sua autocrítica também se estende ao passado, presente e futuro, ela em nenhum momento da vida foi, é ou será uma pessoa melhor. O quadro se apresenta, a partir daquilo que se percebe clinicamente, como um intenso delírio de inferioridade, sobretudo moral. Esse quadro pode se completar com a insônia, a recusa para se alimentar e uma superação da pulsão no sentido do desejo de se apegar à vida, daí o preocupante e perigoso risco de suicídio nesses casos. Mas, ao mesmo tempo, é possível notar que não há correspondência entre essa autoacusação feroz e a existência de uma justificativa real na vida da pessoa para isso. Também, um sentimento de culpa que poderia acompanhar esses casos de autoacusação, não se apresenta nesses casos, também se posicionam longe da humildade e submissão que caberiam às pessoas tão indignas. Outro funcionamento importante, digno de nota, diz de as pessoas

melancólicas se sentirem profundamente ofendidas, percebendo-se como alvo de profundas e repetidas injustiças, podendo, inclusive, tornarem-se revoltados diante de qualquer chateação ou desapontamento em suas relações com outrem. Aqui, parece-nos que a pessoa passa a reviver, ao longo do devir da vida, afetos intensos e sádicos que sentiu na relação com o seu objeto originário amado, na qual se sentiu insultada, abandonada ou aviltada pelo mesmo.

Portanto, a ambivalência afetiva em relação ao objeto de amor se faz presente na dinâmica psíquica inconsciente da melancolia. No entanto, quando se considera todo esse quadro, e também a própria comparação com o funcionamento do luto, a melancolia também diz de uma perda no objeto, mas aqui há uma perda que surge no Eu, e, para Freud, isso ocorre a partir de uma dinâmica específica, a clivagem do Eu. Segundo Laplanche e Pontalis (2016), Freud utiliza a noção de clivagem como um fenômeno particular, que funciona sobretudo no fetichismo e nas psicoses, sobretudo por nessas afecções colocarem em causa as relações entre o Eu e a realidade; também designa o fato de o homem dividir-se de si mesmo, desdobrando a sua personalidade ou consciência, gerando grupos de fenômenos que podem se ignorar mutuamente. Assim, a clivagem envolve um conflito psíquico que tem como resultado uma divisão intrapsíquica. Num sentido mais geral, a noção de clivagem é utilizada por Freud para designar o fato de o aparelho psíquico ser dividido em sistemas (inconsciente, pré-consciente e consciente), e em instâncias psíquicas (Isso, Eu, Supereu), ou mesmo quando diz de um desdobramento do eu, quando uma parte passa a observar, enquanto a outra é observada. Mas somente quando Freud utiliza especificamente a noção de “clivagem do Eu” (intra-sistêmica), como no caso da melancolia – e não uma clivagem entre instâncias (entre o Eu e o isso) –, é que ele afirma da existência, no seio de um mesmo sujeito, de duas atitudes psíquicas diferentes, opostas e independentes uma da outra.

Desse modo, por meio da clivagem do Eu, temos uma parte do Eu que se contrapõe à outra, avalia-a criticamente e a toma como se fosse um objeto, compondo uma “instância crítica clivada do Eu”, presente no mundo interno da pessoa, inclusive com autonomia de funcionamento. Essa instância crítica, munida de uma consciência moral, pode atuar com um foco principal, o empobrecimento do Eu. Freud, por esse caminho teórico, construído a partir de sua escuta clínica, encontra a chave do quadro melancólico, “no qual reconhecemos as autorrecreminações como recriminações contra um objeto de amor, a partir do qual se voltaram para o próprio Eu” (1917/2016, p. 106).

Ou seja, as queixas do melancólico e tudo que é depreciativo a respeito de si, e os melancólicos não escondem isso, são acusações dirigidas ao objeto amoroso. Nesse sentido, aquilo que dizem sobre si próprios na verdade diz respeito à outra pessoa. Mas então, como essa dinâmica funciona no melancólico?

O autor indica que ocorreu uma escolha de objeto em períodos mais arcaicos do desenvolvimento, ainda no período da infância, e há uma ligação da libido em uma determinada pessoa, o seu objeto investido, mas, em virtude de ofensas e injúrias que vivenciou na realidade ou mesmo decepções com essa pessoa amada, promove-se um abalo dessa relação, mostrando que se tratava de um investimento frágil e pouco resistente. No entanto, em vez de a libido ser retirada desse objeto e, por descolamento, dirigir-se a outro, temos o recolhimento da libido sobre o Eu, pela qual se estabelece uma identificação ambivalente do Eu com o objeto abandonado, daí a famosa e fundamental compreensão de Freud (1917/2016, p.107),

A sombra do objeto caiu sobre o Eu, que agora pôde ser julgado por uma instância especial, como um objeto, como o objeto abandonado. Desse modo, a perda do objeto se transformou em uma perda do Eu, e o conflito entre o Eu e a pessoa amada, em uma cisão entre a crítica do Eu e o Eu modificado pela identificação.

Dessa dinâmica, Freud afirma que, de um lado tem de existir uma intensa fixação ao objeto de amor, e do outro, e em contradição, uma mínima resistência do investimento de objeto. Essa contradição indica que a escolha de objeto foi realizada a partir de uma base narcísica. Essa escolha implica que, caso o investimento de objeto se defronte com dificuldades, ela vai regredir ao narcisismo. “A identificação narcísica com o objeto se torna, então, o substituto do investimento amoroso, o que tem como resultado que a ligação amorosa, apesar do conflito com a pessoa amada, não precise ser abandonada” (FREUD 1917/2016, p.107). Ou seja, trata-se de uma identificação que ao mesmo tempo se torna a primeira expressão ambivalente com o objeto investido, pois “ele gostaria de incorporar esse objeto e, na verdade, de devorá-lo, de acordo com a fase oral ou canibalística do desenvolvimento da libido” (FREUD 1917/2020, p.108). Conforme veremos com mais detalhes no capítulo 2, essa dinâmica melancólica e essa elaboração teórica indicada por Freud está em estreita relação com as contribuições de Abraham.

Desse modo, temos a identificação como uma etapa preliminar da escolha de objeto e também a primeira forma de expressão da ambivalência, na qual o Eu consegue

distinguir um objeto para além de si próprio. A identificação, conforme Laplanche e Pontalis (2016), é um processo psicológico pelo qual o sujeito humano se constitui segundo traços (inclusive um traço único), propriedades ou atributos do outro, ou seja, são como resquícios, sob diversas modalidades, de relações de objeto. Trata-se de uma dinâmica que ocorre ao longo de toda vida do sujeito, constituindo e alterando a personalidade da pessoa por uma série de identificações. Freud (1921/2011, p.64-65) apresenta três modalidades de identificação, conforme segue,

Primeiro, a identificação é a mais primordial forma de ligação afetiva a um objeto; segundo, por via regressiva ela se torna o substituto para uma ligação objetual libidinosa, como que através da introjeção do objeto no Eu; terceiro, ela pode surgir a qualquer nova percepção de algo em comum com uma pessoa que não é objeto dos instintos sexuais. Quanto mais significativo esse algo em comum, mais bem-sucedida deverá ser essa identificação parcial, correspondendo assim ao início de uma nova ligação.

Segundo Goldenberg (2014, p.68), a teoria da identificação em Freud se torna uma teoria do amor objetual, tendo por modelo mais primitivo a alimentação. Assim como os canibais, os seres humanos começam a existência comendo um próximo, o qual se torna parte do sujeito e desaparece como um outro. Nesse sentido, o bebê sugando o seio fornece a figura da incorporação - “Sou como você. Sou, como você” - Outros exemplos dariam conta dessa dinâmica primária, como o corpo do pai representado pela hóstia. Conforme o autor, a incorporação seria como uma pré-história da identificação que ocorre no complexo de Édipo, na qual o outro, enquanto objeto, encontra-se separado. Na identificação oral, o objeto é incorporado e aniquilado. “A forma primitiva de amor, então, passa por ser (como) alguém, a mais evoluída, ter alguém com quem estar junto” (Goldenberg, 2014, p.70). Ou seja, o incorporar corresponde à fase oral do desenvolvimento psicosexual.

Desse modo, partindo da identificação com o objeto, a qual envolve um movimento do Eu distinguir o objeto, temos na melancolia uma dinâmica que envolve uma “regressão do investimento de objeto à fase oral da libido, que ainda pertence ao narcisismo” (Freud 1917/2016, p.108), e aqui a identificação narcísica é mais arcaica quando comparada à identificação nas dinâmicas das neuroses, nas quais a ligação com o objeto persiste, como é o caso das neuroses obsessivas. Temos assim, na melancolia, um quadro no qual predomina o tipo narcísico de escolha de objeto, na qual o investimento de objeto é abandonado e a libido retorna ao Eu. Com isso, apresenta-se

nesse quadro os mecanismos do luto, do processo de regressão da libido e da escolha narcísica de objeto.

Para Ogden (2004), Freud utiliza a noção de narcisismo como operador conceitual fundamental nessa elaboração teórica, nesse sentido, considera que, no cerne da contradição presente na forte fixação no objeto, ao mesmo tempo acompanhada da falta de vínculos objetais firmes, encontra-se o narcisismo. Portanto, Freud prepara em “Introdução ao narcisismo” o terreno para as teorias das relações objetais desenvolvidas no ensaio “Luto e melancolia” e sintetizadas na segunda tópica. No ensaio sobre o narcisismo Freud afirma, como vimos no tópico anterior, que a criança se encontra inicialmente em um estado de narcisismo primário, correspondendo a um estado em que toda a energia emocional é libido do Eu, na qual o Eu é investido como seu único objeto.

Ogden (2004, p.92) enfatiza que “o passo inicial da criança em direção ao mundo exterior de si mesmo se dá em forma de uma identificação narcísica – um tipo de vínculo objetal em que o objeto externo é tratado como uma extensão do próprio sujeito”, e esse vínculo com o objeto envolve um deslocamento da libido do Eu para o objeto. Ogden também indica que Freud opera duas noções ao tratar do tema, a identificação narcísica e relação objetal de tipo narcísico. Nesse sentido, tomando como ponto de partida a identificação narcísica, de uma ‘posição psicológica’ estruturada pela identificação narcísica, aos poucos o bebê “saudável” pode desenvolver “uma estabilidade psicológica suficiente para iniciar vínculos de tipo narcísico com os objetos”. Ou, “em outras palavras, um vínculo objetal narcísico é um vínculo em que o objeto está investido da energia emocional que originalmente estava dirigida para si mesmo”. Desse modo, a passagem da identificação narcísica para uma relação objetal de tipo narcísico está relacionada com a capacidade de reconhecimento da alteridade do objeto e de investimento emocional nesta.

Ainda com Ogden (2004), quando o bebê realiza a passagem da identificação narcísica para a relação objetal do tipo narcísico, ele também desenvolve um tipo de escolha objetal, a qual, conforme nos indica Freud, pode ser chamada de anaclítica ou por apoio. E essa forma de ligação objetal tem as suas origens a partir de pessoas que ocupam a função de cuidado do bebê, possibilitando a sua alimentação, seus cuidados em relação à higiene e proteção. Um bebê “saudável” experimenta duas formas de relação com o objeto, a do tipo narcísico e a por apoio, as quais se desenvolvem ‘paralelamente’, mas o autor ressalta, em circunstâncias ambientais ou biológicas que

não são favoráveis para o desenvolvimento do bebê, ele pode desenvolver uma confiança quase exclusiva nas relações objetais do tipo narcísico, em detrimento do por apoio.

Segundo Ogden (2004, p.92), para Freud a chave para a contradição da melancolia é: “ela é uma doença do narcisismo”, sendo uma ‘condição’ necessária para melancolia “um distúrbio no desenvolvimento narcísico primitivo”. Desse modo, um paciente melancólico, enquanto bebê e em sua infância, “foi incapaz de se movimentar com sucesso de um amor-objetal narcísico para um amor-objetal maduro, envolvendo uma pessoa que é experimentada como separada dele”. Assim, diante de uma perda objetal, o melancólico não consegue lidar com essa perda e enlutar, estabelecendo um relacionamento maduro com outra pessoa. “O melancólico não tem a capacidade de se desligar do objeto perdido; em vez disto, evade-se da dor da perda, regredindo, desta forma, de um relacionamento objetal narcísico para uma identificação narcísica”. O resultado dessa dinâmica, apesar do conflito com a pessoa investida de amor, e do desapontamento levando ao ódio, a relação amorosa não é abandonada.

Outro fenômeno que ocorre a partir de todo esse quadro supracitado é a satisfação masoquista no sofrimento. Conforme indica Freud, como o amor pelo objeto não pode ser abandonado, o próprio objeto o é, então esse investimento amoroso se refugia na identificação narcísica; por sua vez, o ódio que se sentia pelo objeto abandonado é direcionado a esse “objeto substituto” alocado no Eu, que então é insultado e humilhado, e sofre com isso, mas aqui também obtém um ganho secundário a partir da satisfação sádica com esse sofrimento, pela qual os melancólicos se vingam de seus objetos originários e torturam os seus entes queridos. O funcionamento melancólico seria uma forma de não mostrar e realizar diretamente os seus impulsos hostis no objeto investido. Ou seja, como na neurose obsessiva, o autotortimento prazeroso da melancolia promove a satisfação de tendências sádicas e de ódio relativas a um objeto, a qual, pelo mecanismo da identificação narcísica, voltam-se para a própria pessoa.

Desse modo, na melancolia, o investimento no objeto tem dois destinos, parte deles regride até a identificação, e a outra parte, com o efeito da ambivalência, se volta para o masoquismo. Inclusive, seria exatamente a força desse impulso sádico que forneceria elementos para compreensão do enigma do suicídio, o que torna a melancolia um quadro tão perigoso, pela qual o Eu consente em sua própria destruição, tratando-se a si mesmo como objeto e voltando para si toda a hostilidade que, na situação originária,

se voltava contra os objetos do mundo exterior. “Assim, na regressão da escolha narcísica de objeto, o objeto foi de fato suspenso, mas provou ser mais poderoso do que o próprio Eu. Nas duas situações opostas, do apaixonamento mais extremo e do suicídio, o Eu, mesmo que por caminhos totalmente diferentes, é subjugado pelo objeto” (Freud 1917/2016, p.111)

Outra característica interessante do funcionamento de alguns melancólicos, é a tendência em se transformar no estado sintomaticamente oposto, ou seja, transformar-se em mania. Freud indica que apesar dessa característica, a mania não possui um conteúdo diferente da melancolia, ambas as afecções lutam contra o mesmo “complexo”. No estado maníaco a pessoa pode apresentar um estado de ânimo elevado, uma maior prontidão para todo o tipo de ação, e isso a coloca em franca oposição com a depressão e a inibição do estado melancólico. Ou seja, o Eu consegue de alguma forma se esquivar das exigências da “instância crítica” cindida no cerne do Eu, o que viria a ser nomeado, a partir da segunda tópica, como o Supereu, e então pode vivenciar uma experiência triunfal. Na mania temos essa sensação de triunfo da pessoa, mas algo se destaca nessa dinâmica, também permanece oculto para o Eu o que ele superou e sobre o que ele triunfa. Pelas palavras de Freud (1917/2016, p.114),

Na mania o Eu precisa ter superado a perda do objeto (ou o luto pela perda, ou talvez o próprio objeto), e agora fica disponível todo o montante de contrainvestimento que o sofrimento doloroso da melancolia havia atraído do Eu para si e havia ligado. O maníaco também nos demonstra, de maneira inequívoca, sua libertação do objeto que o fez sofrer, quando, como um faminto, sai em busca de novos investimentos de objeto

Freud também reflete sobre quais sistemas psíquicos (inconsciente, pré-consciente e consciente) se realiza o trabalho da melancolia. Então pergunta, o que dos processos psíquicos da melancolia se passa nos “investimentos de objetos inconscientes que foram abandonados e o que se passa em seu substituto por identificação no Eu?” Sobre essa questão, o psicanalista (1917/2016, p.115) nos fala,

A representação (de coisa) inconsciente do objeto é abandonada pela libido. Mas na realidade essa representação se apoia em incontáveis impressões singulares (traços inconscientes delas), e a execução desse recolhimento da libido não pode ser um processo momentâneo, mas, como no luto, certamente um processo lento, que avança pouco a pouco.

Pois, se o objeto não tiver uma importância para o Eu, reforçada por inúmeras conexões advindas da experiência da relação com o objeto, sua perda não causaria o luto ou uma melancolia. No entanto, na melancolia a relação de objeto se torna complicada pela presença da ambivalência. Essa ambivalência pode ser constitucional, sendo inerente a qualquer ligação amorosa do Eu, ou surge a partir das experiências que carregam em si a “ameaça da perda de objeto”, daí ter algo mais que o luto, que só é desencadeado pela perda real do objeto. Os motivos que acarretam a melancolia estão ligados em inúmeras batalhas isoladas pelo objeto, nas quais o ódio que visa desligar a libido do objeto, e o amor que visa defender esse ataque, enfrentam-se. Todas essas “batalhas” isoladas ocorrem no sistema inconsciente (Ics), “o reino dos vestígios mnêmicos de coisas (em oposição aos investimentos de palavras). É lá que acontecem as tentativas de desligamento no luto, mas neste nada impede que esses processos avancem pelo caminho normal através do Pcs (pré-consciente) até a consciência”, no entanto esse caminho se encontra interditado para o melancólico.

Ademais, a ambivalência constitutiva pertence às dinâmicas defensivas; por sua vez, as experiências traumáticas com o objeto na realidade podem ativar outro material. Tudo permanece subtraído à consciência nessas “batalhas de ambivalência”. No trabalho da melancolia, então Freud reconhece possibilidades para a modificação desse funcionamento, considerando que, assim como o luto leva o Eu a renunciar o objeto perdido que se encontra morto na realidade, oferecendo-se a possibilidade de continuar a viver; as batalhas de ambivalência afrouxam a ligação da libido no objeto, desvalorizando-o e rebaixando-o, e isso pode levar esse processo ao fim no Ics, “quer seja depois que a fúria se aplacou, quer seja depois que o objeto foi abandonado como destituído de valor (...) talvez o eu possa, com isso, desfrutar a satisfação de poder reconhecer-se como o melhor, como superior ao objeto” (p.117-118).

Em suma, nesse capítulo buscamos apresentar os principais elementos das noções de pulsão e objeto, e o quanto as mesmas já estavam embrionariamente presentes no pensamento freudiano desde os seus trabalhos iniciais. Essas duas noções se tornam a base para o desenvolvimento dos chamados paradigmas pulsional e objetual. Ademais, apresentamos os efeitos do surgimento das noções de narcisismo e identificação, evidenciando também o enlace entre os dois ensaios “Introdução ao narcisismo” e “Luto e melancolia”, os quais geram tensões na primeira tópica freudiana e favorecem o desenvolvimento da segunda tópica com as instâncias psíquicas do Isso, Eu e Supereu.

Nesse sentido, o narcisismo reivindica um lugar no desenvolvimento psicosssexual do ser humano, e indica uma dinâmica pulsional entre os investimentos do Eu e do objeto. Ademais, o narcisismo evidencia a própria constituição do Eu a partir da relação de objeto, ou, mais precisamente, a partir de um processo que envolve a identificação com o objeto. Aqui o desenvolvimento do Eu envolve o atravessamento de uma identificação narcísica com o objeto para a relação objetual de tipo narcísico, condição pela qual o sujeito pode reconhecer a alteridade do objeto, envolvendo o processo em que o Eu consegue perceber o objeto como separado dele. Como vimos, no funcionamento melancólico o Eu não consegue realizar esse movimento e permanece em uma identificação narcísica com o objeto; e essa dinâmica é trabalhada em profundidade por Abraham. Ou seja, podemos notar o quanto a dinâmica das relações objetais ganham corpo nessa construção teórica, surgindo assim, conforme vimos com Coelho Junior (2002) e Marea (1994), articulações entre objeto e narcisismo (o Eu se torna objeto da pulsão), objeto e identificação (o Eu como precipitado de identificações) e o objeto como estrutura endopsíquica (um objeto quase pessoa).

Posto isso, no capítulo seguinte buscaremos apresentar os efeitos dessas elaborações teóricas propostas por Freud, em especial nos ensaios “Introdução ao narcisismo” e “Luto e melancolia”, junto às proposições teóricas de Abraham, pela qual o psicanalista desenvolve, dentro da teoria da libido freudiana, uma teoria das relações de objeto que lhe é própria. Nesse sentido, conforme nos indica Mezan (2017, p.25), Abraham se torna “sem dúvida um elo essencial na corrente que conduz ao pensamento das relações de objeto”. Nessa direção, na sequência apresentaremos trabalhos fundamentais de Abraham que tratam acerca da formação do caráter, das formações psicopatológicas e do desenvolvimento do amor objetual.

CAPÍTULO II

Abraham: formação do caráter, formações psicopatológicas e desenvolvimento do amor objetal

Conforme nos indica Mezan (1999), depois da noção de inconsciente proposto pela psicanálise, a ideia de conflito talvez seja a noção mais fundamental para se compreender o funcionamento do ser humano. E esse é um núcleo central ao qual Abraham dispensa especial atenção, sobretudo quando se considera que, no inconsciente há, entre outras coisas, uma dinâmica de relações de objetos, que envolvem modos de absorção e de configurações de objeto em articulação com a dinâmica pulsional, compondo ambivalências afetivas específicas nesse processo.

O autor nos lembra que ambivalência significa amor mais ódio, e para compreender as origens desses afetos, Freud recorre às relações objetais, pois se o amor está ligado à libido e aos modos específicos de satisfação das pulsões, ele indica que o objeto nasce do ódio, no sentido de a primeira tendência humana em seu desenvolvimento, diante do mundo exterior, é evitá-lo e então se refugiar nos domínios prazerosos do narcisismo. Assim, o primeiro contato com o não-Eu, faz surgir o elemento do ódio. Destaca-se, assim, que “o ódio é um sentimento, não uma pulsão (...) quem ama e quem odeia é o ego: quem atrai e quem repele é o objeto, e quem investe e desinveste são as pulsões” (Mezan, 1999, p. 81). Nesse sentido, a noção de objeto, ou mais propriamente as relações de objeto, vão ganhando cada vez mais importância para a compreensão metapsicológica dos sentimentos. Tratam-se de questões abordadas e aprofundadas por Abraham, principalmente em seus estudos acerca da formação das psicopatologias e do desenvolvimento do amor objetal.

Nesse sentido, conforme nos indica Ogden (2017, p.143), o trabalho de Abraham desempenhou um papel fundamental no desenvolvimento do pensamento das relações de objeto dentro do campo das teorias psicanalíticas, fornecendo os fundamentos para o trabalho de eminentes psicanalistas, como Klein e Fairbairn. “Trabalhando dentro da estrutura da teoria de instintos [teoria pulsional] de Freud, Abraham atribuiu maior importância do que Freud ao papel do objeto no desenvolvimento da libido e deu maior ênfase ao papel da fantasia inconsciente na vida psicológica”, construindo, assim, as fases pré-ambivalente, ambivalente e pós-ambivalente ao longo do desenvolvimento da libido e do amor objetal. Abraham, com uma proposição teórica que lhe é própria,

indica a ideia de uma variedade de conflitos psicológicos ao longo da diferenciação da pessoa com o objeto.

Ademais, o pensamento de Abraham também se reveste de uma importância na clínica contemporânea, pois, conforme destacou Mezan, na época que Abraham escrevia, a questão da “formação do caráter” ou “estudo do caráter”, dizia respeito aos estudos do Eu, suas defesas e suas patologias. O autor ainda indica que outra característica importante presente nesse período é o interesse pelo arcaico. Freud se interessava pelo tema, mas no entreguerras os seus colaboradores principais, com destaque para Ferenczi e Abraham, deram ênfase na temática do precoce e o efeito do passado mais remoto na vida psíquica do sujeito. Esse debate envolve a caracterização do narcisismo, do luto, da introjeção e da melancolia, atravessando a produção dos três autores na época (May, 2019). Desse modo, Mezan (1999) destaca que o interesse na obra de Abraham não é apenas histórico, pois esse pensador trouxe contribuições originais à constituição do campo psicanalítico e seu desenvolvimento posterior.

No presente capítulo buscaremos apresentar as principais proposições teóricas de Abraham. O psicanalista estrutura a sua reflexão, como supracitamos, a partir de uma articulação da teoria da libido freudiana com as relações objetais, mas ele enfatiza o lugar do objeto em uma construção teórica que lhe é própria, inclusive operando as noções de narcisismo e identificação na dinâmica relacional com os objetos, que podem se apresentar de forma parcial e total para o sujeito, bem como trabalha com a presença/ausência da ambivalência afetiva nas relações objetais ao longo das fases da libido. Todas essas referências dizem do processo de constituição do sujeito na e pelas suas relações objetais, indicando a predominância de uma perspectiva intersubjetiva presente nessa elaboração teórica.

O capítulo tem a sua apresentação dividida em três tópicos. No primeiro, buscaremos apresentar a compreensão do psicanalista acerca da formação do caráter; no segundo e terceiro tópicos abordaremos um dos seus mais importantes trabalhos, “Breve estudo do desenvolvimento da libido, visto à luz das perturbações mentais”, publicado em 1924, no qual o psicanalista busca compreender as formações psicopatológicas e o desenvolvimento do amor objetual, especialmente nos seguintes funcionamentos psíquicos: esquizofrenia, melancolia, cleptomania, paranoia, perversões sexuais, neurose obsessiva e histeria.

1. Formação do caráter

O estudo do caráter no período entreguerras estava principalmente relacionado à análise das resistências e forças defensivas do Eu, as quais geram certos padrões de comportamentos e atitudes específicas de uma pessoa, que podem ser facilmente reconhecidas por outrem. Nesse sentido, o caráter se apresenta de modo distinto dos sintomas, que geralmente aparecem de modo sutil.

Santos et al. (2015) dizem que o caráter, muitas vezes utilizado como sinônimo de personalidade, é definido como um funcionamento contínuo e padronizado de uma pessoa. Quando se considera a dinâmica das instâncias psíquicas, o caráter diz respeito ao modo como, ao longo da vida da pessoa, o Eu lida com o Isso, com o Supereu e com a realidade externa. Ou seja, o caráter é algo que se pode observar nas atitudes de uma pessoa, mas, ao mesmo tempo, esse funcionamento ocorre por uma dinâmica mais profunda que envolve as instâncias psíquicas.

Nesse sentido, conforme indicam os autores, o caráter se difere dos sintomas, pois esses se apresentam com menor estabilidade, e também, em geral, o caráter aparece com mais clareza e em uma fase mais adiantada na vida da pessoa; também, os traços de caráter são mais discretos e mais resistentes ao trabalho psicoterapêutico. Mas ele é fundamental para se reconhecer, clinicamente, as identificações e as relações de objeto experimentadas pela pessoa ao longo de sua história, bem como para se reconhecer aquilo que surge na relação transferencial com o analista. O caráter também expressa: em termos dinâmicos, o funcionamento do Eu e suas defesas; em termos econômicos, os destinos e as transformações das pulsões do Isso; em termos topográficos e estruturais, os níveis de conflitos e as angústias correspondentes, bem como, sobretudo quando se considera as estruturas, a história das relações objetais. Fenichel (1981, p.431), inclusive, afirma que “o processo e a maneira pela qual o Eu admite, repele, modifica as reclamações pulsionais dependem do modo pelo qual o seu ambiente, o seu meio lhe ensinou os considerar”, ou seja, “o caráter do homem é socialmente determinado”.

Nas “Novas conferências introdutórias sobre psicanálise”, de 1932, Freud (1932/1996, p.100) nos fala sobre a noção de caráter da seguinte forma:

Aquilo que se conhece como caráter, coisa tão difícil de definir, deve ser atribuído inteiramente ao Eu. Um pouco disso que cria o caráter já compreendemos. Primeiramente e acima de tudo, existe a incorporação, sob a forma de Supereu, da instância parental, que é,

indubitavelmente, a sua parte mais importante e decisiva; e, ademais, identificações com ambos os pais do período subsequente e com outras figuras de influência, e as identificações semelhantes formadas como remanescente de relações objetais a que se renunciou.

Nesse sentido, as relações de objeto são consideradas como condições originárias para o desenvolvimento do caráter. Freud, inclusive, reconhece a fundamental importância da incorporação e das identificações nesse processo. Como supracitamos, durante a infância o prazer do sugar não ocorre só pela ingestão de alimento, mas pela significação da boca como zona erógena, essa forma mais primitiva de obtenção de prazer persiste durante toda a vida da pessoa pelos meios mais diversos, pela qual assume ‘disfarces’, pois toda a renúncia de prazer somente ocorre em base de uma troca de metas de satisfação e objetos.

Para Abraham, seria esse processo de renúncia e seus diferentes caminhos que merece atenção do analista, sobretudo para se compreender a ambivalência afetiva e as relações de objeto envolvidas. No presente tópico, buscaremos apresentar a compreensão de Abraham acerca da formação do caráter, pela qual o psicanalista articula as relações objetais com a teoria do desenvolvimento da libido, e esclarece acerca das principais dinâmicas pulsionais e objetais envolvidas ao longo das fases oral, anal e genital nesse processo de formação, inclusive indicando que, no início da vida, o caráter se acha sem forma definida ou estabilidade, que não é algo fixo e imutável, bem como que, em psicanálise, não há um caráter reconhecido como “normal”. Outrossim, destaca-se que Abraham se preocupou em fazer uma descrição da personalidade tanto em termos de traços caracteriológicos quanto de estruturas psicopatológicas. A síntese desse trabalho se expressa em uma de suas mais importantes e fecundas contribuições ao campo psicanalítico, a saber: “Breve estudo do desenvolvimento da libido, visto à luz das perturbações mentais”, de 1924. Apresentaremos esse ensaio nos dois próximos tópicos deste capítulo.

Desse modo, considerando as relações objetais e o desenvolvimento da libido, com as fases oral, anal e genital, Abraham procura desenvolver a sua elaboração teórica seguindo uma determinada ordem de desenvolvimento, considerando as fases da libido, mas ressalta que as fases se encontram combinadas. Por exemplo, em relação à fase oral, existe uma combinação de dois tipos de traços caracteriológicos em vez de um erotismo oral ou anal “puro”, a história de um está ligada à história do outro, assim o anal não pode ser compreendido sem se considerar o oral. Ou seja, ele considera um

enlace entre as fases da libido e as relações de objeto envolvidas no processo de formação do caráter.

Em relação à fase oral, como vimos, Freud e Abraham estavam atentos à fundamental importância da incorporação e das identificações, sobretudo nas formas arcaicas de obtenção de prazer e pela significação da boca como zona erógena. Nessa dinâmica, ganha atenção específica o processo de nascimento dos dentes, pois parte considerável do prazer em sugar é substituído pelo prazer em morder, e isso gera efeitos específicos no funcionamento do psiquismo infantil. Durante essa fase a criança tende a levar a boca todo objeto que atrai a sua atenção, e tenta com todo empenho e força despedaçá-lo por meio de mordidas. É nesse período que a criança começa a ter relações ambivalentes com os objetos externos, e tanto o aspecto amistoso quanto o hostil se acham relacionados com o prazer em morder. Por volta desse período também ocorre outro deslocamento de sensações agradáveis para outras funções e áreas corporais, o desmame da criança também pode ocorrer nesse período, em conjunto com a educação e a aprendizagem dos hábitos de limpeza, e com isso a exigência do controle dos esfíncteres anal e uretral.

Conforme Abraham (1924/1970, p.164), a evacuação inicial e sem controle é acompanhada pela estimulação prazerosa de áreas de abertura do corpo, e, com a imposição da cultura estabelecida pelo ensino do controle esfinteriano, uma nova experiência prazerosa passa a ser vivenciada, a de reter as excreções. “As sensações agradáveis no órgão ligado com este processo formam a base sobre a qual se estabelece gradualmente o prazer mental em retenções de qualquer tipo de possessões”. O psicanalista, inclusive, afirma que a posse de qualquer objeto significava originalmente, para o psiquismo infantil, a incorporação dele por seu próprio corpo, ou seja, do prazer de algo vindo do exterior ou a expulsão do conteúdo do corpo, ambos promovendo satisfações prazerosas física e psiquicamente, acrescenta-se o prazer de reter esse conteúdo, que, por sua vez, pode mobilizar o prazer da pessoa em acumular as mais diversas formas de objeto ao longo da vida.

Daí o apontamento do psicanalista acerca das três formas de prazer vivenciadas pela pessoa na sua relação com os objetos, as quais se desenvolvem ao longo da fase oral e anal, quais sejam: o prazer em apanhar, a prazer da posse e o prazer em abandonar; quando essas três tendências se apresentam de maneira equilibrada, a pessoa adquire mais condições de superar a ambivalência da vida emocional, e adquire, assim, as bases fundamentais para desenvolver relações sociais mais satisfatórias. Abraham

ênfatiza que um dos primeiros passos nessa direção passa pela pessoa conseguir lidar exitosamente com o seu erotismo oral.

O prazer do período de sucção é, em grande parte, o prazer em apanhar e em receber algo, e qualquer excesso ou falta pode gerar perturbações para lidar com o erotismo dessa fase. Inclusive, algo fundamental que geraria as bases para parte das elaborações teóricas do pensamento das relações de objeto no período pós-freudiano, ele vai atribuir uma função materna e o lugar da mãe nessa satisfação infantil, frisando como o objeto que assume essa função pode ou não satisfazer a criança favoravelmente nesse período. Desse modo, se a criança pequena vivencia essa satisfação com falhas ou de maneira excessiva, ela abandona o estágio de sucção com dificuldade, com isso ela pode se fixar nas possibilidades de prazer em morder, com a ambivalência e o sadismo presentes nessa dinâmica psíquica da criança. Pelas palavras de Abraham (1924/1970, p.165),

Na criança que foi desapontada ou excessivamente gratificada no período de sucção, o prazer em morder, que é também a forma mais primitiva do sadismo, receberá uma ênfase especial. Dessa maneira, a formação do caráter em tal criança começa sob a influência de uma ambivalência de sentimento anormalmente pronunciada.

Quando relacionado ao caráter, essa dinâmica de desenvolvimento pode se expressar em atitudes de hostilidade e antipatia frente a outrem, sobretudo o sentimento de inveja. Para Abraham, um dos fatores que podem contribuir com o desenvolvimento da inveja, seria quando a criança já se encontra na fase da alimentação por meio das mordidas e mastigação, ao mesmo tempo em que tem a oportunidade de observar uma criança mais nova ser amamentada. A inveja pode ser despertada nessa experiência, e se não for superada, pode permanecer com a pessoa e persistir sob vários disfarces ou mesmo se transformar em seu oposto, por meio de uma formação reativa.

Outra possibilidade de desenvolvimento de traços de caráter específicos ocorre quando a criança busca retornar ao ato de sugar de forma deslocada em outra zona erógena. Ela pode transferir o sugar para os esfíncteres das aberturas excretórias do corpo, e assim passa a desejar descontroladamente o possuir, gerando posteriormente a parcimônia e a avareza. Daí Abraham afirmar que os sintomas típicos da zona anal podem ter em sua constituição uma base do erotismo oral. Inclusive essas pessoas podem vivenciar inibições no desejo por objetos, o prazer de adquirir objetos desejados pode ser reprimido e substituído pelo prazer em manter o já possuído, gerando uma

sensação de medo pronunciado de que possam perder a mínima parte dos objetos que sentem que possuem.

Por sua vez, crianças que passam pelo período de sucção de maneira satisfatória, quando adultas, podem trazer consigo esse momento muito agradável da vida e ter uma forte convicção de que tudo sempre sairá bem para elas, enfrentando a vida e seus desafios com otimismo, e isso com frequência as ajuda a atingirem os objetivos que visam conquistar em sua vida. No entanto, há pessoas que vivem essa experiência de satisfação arcaica e mantêm uma outra convicção, qual seja: sempre existirá uma pessoa bondosa que possa tomar conta delas e lhes oferecer tudo o que necessita. Esse objeto cuidador esperado seria a representante da mãe que satisfaz todos os desejos do seu bebê. Para Abraham, são pessoas que esperam que o seio materno flua eternamente para elas. Aqui há um otimismo, mas de outra natureza, levando essas pessoas a uma inatividade e, muitas vezes, desdenhar ou mesmo não conseguir se implicar em qualquer tipo de ocupação laboral ao longo da vida.

Esses dois destinos da libido, constituídos a partir da fase oral, levam a um otimismo diante da vida, mesmo quando considerados esses funcionamentos distintos. Esses traços de caráter se distinguem muito da personalidade ligada à fase anal, um exemplo disso seria a melancolia que pode gerar um acentuado pessimismo na vida. No entanto, a origem desse pessimismo remonta a um desapontamento na satisfação dos seus desejos na fase oral, na qual a pessoa não consegue vivenciar a crença otimista diante da vida e a benevolência do objeto, e passa a ter uma atitude apreensiva e perceber apenas o pior em todas as situações da vida.

Ainda considerando um período de sucção não satisfeito, pessoas que passam por essa experiência podem, na sua relação com os objetos, apresentar algo de uma natureza de sucção que persiste, fazem, então, pedidos modestos a exigências agressivas, podendo se vincular como “sanguessugas” às outras pessoas, podem ser impacientes e detestarem ficar sozinhas, mesmo por pouco tempo. Se retornam à fase sádico-oral da libido, tornam-se cruéis com os que o cercam. Pode ocorrer, inclusive, um deslocamento dentro da dinâmica da fase oral. O desejo de conseguir satisfação pela sucção e sua vinculação com o desejo da pessoa em conseguir tudo, transforma-se em uma necessidade de dar através da boca, na qual o ato de falar e mesmo conversar expressa destinos pulsionais amistosos ou mesmo hostis. Essa descarga oral pode se realizar por uma premência obstinada em falar ou mesmo ao ato de dar/oferecer algo generosamente ao outro. A fala tornar-se-á hostil se a libido retornar para a fase sádico-

oral, cuja representação inconsciente seria o destruir e incorporar o outro, ou seja, em vez de morder e devorar o objeto, surge no lugar uma solução mais suave de agressividade com uma fala hostil ao outro.

Nesse sentido, as diferenças na construção dos traços do caráter originados na fase oral dizem respeito ao seu desenvolvimento na fase oral primitiva ou na posterior, sendo expressão inconsciente do sugar ou morder. O processo de elaboração dessa divisão será aprofundada no próximo tópico deste capítulo, mas já indicamos que Abraham divide a fase oral da organização libidinal em duas, a saber: fase oral primitiva, que envolve a meta de satisfação pelo sugar e se desenvolve no momento do autoerotismo, pelo qual não há distinção e nem a presença do objeto, sendo assim pré-ambivalente; e a fase oral posterior ou canibalesca, aqui temos a meta de satisfação sádica de morder, tendo como efeito o destruir e o incorporar o objeto, na qual já se encontram presentes o narcisismo e o objeto, compondo uma relação objetal ambivalente.

Desse modo, no caso do morder, um dos traços fundamentais do caráter se desenvolve a partir da ambivalência afetiva em relação aos objetos, ao passo que os traços de caráter derivados do estágio de sucção não se acham sujeitos à ambivalência. Portanto, para Abraham, os impulsos orais e anais geram influências decisivas na formação do caráter, mas igualmente fundamental são as influências dos elementos pulsionais sádicos que se manifestam por meio da libido em sua vinculação com as diversas zonas erógenas.

O psicanalista enfatiza que a voracidade da segunda fase oral sádica contrasta com o caráter despretensioso da pessoa com constituição anal, mesmo quando se considera que essa debilidade da tendência de adquirir encontra um equilíbrio com manter obstinadamente os objetos que já conseguiu. O partilhar coisas com os outros também sofre uma modificação, a generosidade é originada em grande parte durante a fase oral de desenvolvimento, a pessoa oralmente gratificada na fase da sucção se identifica com a mãe. Já com a presença da ambivalência no estágio sádico oral, os sentimentos de inveja, hostilidade e o ciúme impedem essa conduta benevolente para com os objetos.

Considerando essa elaboração teórica pulsional e objetal, o caráter dos estágios oral e anal geram as seguintes tendências nas pessoas: a) estágio oral sucção: são brilhantes e sociáveis, acessíveis a novas ideias (favoráveis ou desfavoráveis), pressa e desassossego, ambição; b) estágio oral canibalesco: hostis, maliciosas, acessíveis a

novas ideias (favoráveis ou desfavoráveis), pressa e desassossego, ambição; c) Traços especificamente oral: apetite mórbido e intenso por comida, e uma inclinação a diversas perversões orais; d) estágio anal: rabugice, conservam certa distância e reserva, atitude conservadora frente às novas ideias, apresentam dificuldades em abandonar aquilo que mostrou ser bom, são perseverantes e persistentes, mas tendem à procrastinação e à hesitação.

Nesse sentido, em relação à fase anal, Abraham (1921/1970) articula a sua construção teórica sobre o caráter anal em diálogo com o trabalho de Freud “Caráter e erotismo anal”, de 1908, no qual ele busca demonstrar como os sintomas da neurose obsessiva se encontram vinculados à regressão da libido ao estágio anal do desenvolvimento psicosexual, estágio esse com predominância dos componentes pulsionais anais e sádicos. A teoria dos traços caracterológicos anais, para Freud, assume três traços bem pronunciados, quais sejam: o amor à ordem que pode se transformar em formalismo; a parcimônia que pode se tornar avareza; e a obstinação que pode se tornar rebeldia. Nessas pessoas o prazer em esvaziar os intestinos e o seu produto apresenta uma ênfase particular, mas essa meta, após uma repressão bem-sucedida, poderia gerar um destino pulsional sublimado, como o gosto pelo pintar, ou poderia gerar uma formação reativa, por exemplo, o prazer pela limpeza. Também são pessoas que apresentam significativa perseverança, no entanto, também adquirem a tendência a deixar tudo para fazer em um último momento.

Abraham também se apropria das contribuições de Ernest Jones em seu estudo sobre o caráter, publicado em 1918 com o título “Traços caracterológicos anal-eróticos”, e aprofunda a investigação do colega psicanalista, dizendo sobre o processo de educação do hábito de limpeza. A criança é ensinada a não sujar o seu corpo e o ambiente com as excreções, e também a realizar suas funções excretórias em horários regulares. O contato com as excreções em partes do próprio corpo promove experiências específicas, como a sensação térmica da urina morna, a sua textura, o cheiro e o próprio manipular as fezes, essas experiências tendem a ser muito agradáveis para a criança, contudo, pela repressão, algo tão prazeroso para as crianças se torna muito repulsivo para os adultos.

A exigência da limpeza e regularidade das excreções impõe à criança um severo teste ao seu narcisismo. A adaptação pode envolver uma identificação com a exigência dos seus pais, cuidadores ou educadores, e a criança pode ficar orgulhosa de sua realização, desse modo o dano ao seu narcisismo é compensado, e o sentimento original

de autossatisfação é transformado em satisfação pelo que pôde realizar e pelos elogios recebidos dos objetos. Mas as crianças que não conseguem abandonar o “direito” primitivo de autodeterminação, representando aqui a autossatisfação vivenciada no ato de excreção e seus produtos, no tempo desejado, podem vivenciar uma supercompensação que irrompe mais tarde em suas vidas de modo violento.

Nesse sentido, podem ser crianças, e mesmo quando adultos, muito ‘bondosas’, ‘polidas’ e ‘obedientes’, mas por trás desses traços estão os impulsos agressivos advindos do fato de terem sido forçadas à submissão desde os períodos mais arcaicos do seu desenvolvimento. Isso pode gerar constantes conflitos na pessoa, que envolvem a experiência de submissão ao desejo do outro, mas, ao mesmo tempo, permanece o desejo inconsciente de vingança dos objetos por tal submissão. Toda essa dinâmica pode representar danos ao narcisismo infantil, e a pessoa vivenciará dificuldades ao longo da vida de abrir mão do seu narcisismo e de produzir ligações com os objetos, sobretudo se os objetos, que ocupam a função de cuidado, exigirem prematuramente da criança o hábito de limpeza e a regularidade das excreções, ou seja, antes que ela esteja psiquicamente preparada para tal exigência. Sobre essa questão temos um apontamento importante de Abraham (1921/1970, p.178),

Esta preparação psicológica só surge quando a criança começa a transferir para objetos (sua mãe, etc) os sentimentos que originalmente se acham ligados ao narcisismo. Quando a criança adquire essa capacidade, ela se torna limpa ‘pelo amor’ dessa pessoa. Se a limpeza é exigida cedo demais, adquirirá o hábito através do medo. Sua resistência interior persistirá e a libido continuará numa fixação narcísica tenaz; resultará disso uma perturbação permanente da capacidade de amar.

Desse modo, com os conflitos supracitados e com os danos ao narcisismo infantil, bem como com a emergência de uma perturbação da capacidade de amar, pode-se instalar uma ambivalência afetiva na ligação com os objetos, na qual passam a imperar desejos e fantasias hostis e a onipotência infantil. Em um trabalho publicado em 1920, chamado “A avaliação narcísica dos processos excretores em sonhos e neuroses”, Abraham (1920/1994) destaca quanto, na realização da análise com neuróticos, encontra-se comumente sensações anais e uretrais próximos aos impulsos de amor e ódio, demonstrando a ambivalência presente na vida pulsional do neurótico com as funções e os produtos dos intestinos e da bexiga como representantes dos impulsos

hostis, nos quais os produtos desses órgãos ficam a serviço do ataque sádico aos objetos externos.

Segundo o psicanalista, nessa dinâmica psíquica se apresenta a ideia primitiva da onipotência infantil, na qual a função excretória e os seus produtos podem servir desde a criação do mundo e de todos os seres, até o seu ataque sádico e destrutivo, podem ter a potência de criar, e também de destruir, a mais vasta gama de objetos, pelo qual a criança superestima o seu narcisismo. Aqui, inclusive, a megalomania encontra o seu esteio. Abraham também articula essa dinâmica à cultura e àquilo que é socialmente construído, pelo qual um ditado comum indica essa referência, o vaso sanitário com frequência é nomeado em diversas culturas como “trono”, indicando o “rei” sentado em seu lugar de destaque, e de onde ele pode exercer todo o seu imenso poder. Em fantasia, essa experiência pode se encontrar inconscientemente ligada ao ato de excreção e os seus produtos.

Assim, a criança pode vivenciar a função excretória, anal e uretral, e os seus produtos, como signos de grande poder, ou seja, quando se reconhece “no orgulho infantil pela evacuação um sentimento primitivo de poder”, pode-se gerar pessoas adultas, a partir dessa experiência de orgulho e poder daquilo que se produz no e pelo corpo, que sentem que podem fazer tudo, até “porque ninguém mais poderá fazê-lo tão bem”. A pessoa pode se sentir inigualável, tornando-se, inclusive, pretensiosa e arrogante, com subestima a todas as outras pessoas, não valorizando ou realizando qualquer atividade que tenha que partilhar com outrem. Pessoas com esse funcionamento buscam fixar com muita obstinação o próprio sistema de fazer as coisas, recusando-se a qualquer construção ou sugestão vinda de fora, revelando uma obsessão pela ordem e o seu amor pelo poder, que nesse caso é de origem sádica.

Outra dinâmica destacada por Abraham (1921/1970), é a de cuidadores com a indicação expressa para a criança realizar a excreção, muitas vezes sentida como uma “obrigação” por ela, podem acarretar prisão de ventre para liberar os produtos dos intestinos ou bexiga quando sente que lhe será mais agradável. Essa dinâmica de adiar a evacuação pode representar uma defesa contra os imperativos dos objetos, no caso a dinâmica de impor a realização do ato excretório. Outras vezes a entrega dos excrementos podem ser vivenciadas como um “dar” ou um oferecer “presentes”. Com isso a criança pode recusar o ato de excreção no momento desejado pelos pais ou cuidadores, mas posteriormente, por vontade própria, poderá oferecer algo que produz, ou mesmo algum objeto aleatório como um “presente” aos pais ou cuidadores. Isso

pode representar a importância dada pela criança em oferecer algo, ao mesmo tempo de notar que tem pensamento próprio e capacidade para tomar as suas próprias decisões, independente dos objetos cuidadores.

Por outro lado, a pessoa quando adulta pode deslocar isso para o dinheiro e sentir prazer em oferecer ao outro, mas em pequenas e insuficientes quantias, mantendo o objeto numa dependência do que lhe é oferecido, controlando-o com esse procedimento ao despertar o desejo e a expectativa do objeto em receber. Outras crianças que desenvolvem o prazer em reter as excreções e em liberar aos poucos, quando adultas, podem encontrar dificuldades em ‘liberar’ o dinheiro, e preferirem pagar em cheques – atualmente poderíamos pensar pela transferência eletrônica – pequenas somas de valor, evitando inclusive o próprio contato com o dinheiro, fato que geraria desprazer em ‘liberar’.

As pessoas neuróticas que desejam colocar o seu próprio sistema e método de realizar as mais diversas atividades, inclusive profissionais, tendem a exagerar a sua crítica em relação aos outros, tornando-se habitualmente descontentes em suas relações cotidianas com outras pessoas. Também tendem à reserva e à teimosia, enquanto noutras pessoas encontram a perseverança e a meticulosidade, essas últimas reconhecidamente com valor social, sendo mesmo muito incentivadas a manterem tais atitudes. Outros tendem a evitar qualquer tipo de iniciativa e permanecem a desejar continuamente a presença de um objeto (mãe, pai etc) que possam afastar todas as dificuldades que encontram para agir. São pessoas que, quando crianças, resistiam ao ato de defecação e, nesses casos, muitas vezes os pais fizeram uso de enemas ou purgantes para poupar o “trabalho” deles e da própria criança.

Outra dinâmica bem interessante destacada por Abraham, é o deslocamento da inibição neurótica que se liga ao deslocamento da libido para a zona anal. Pessoas adultas que se encontram com maturidade fisiológica para reprodução, mas com seu funcionamento psíquico baseado na regressão da libido à zona anal, podem perder o seu ‘poder’ reprodutivo. Nesses casos, a libido genital que deveria promover o primeiro impulso ao ato procriador, fica inibida e a pessoa não consegue tomar a decisão, ou mesmo ter uma “iniciativa”, para gerar um novo ser humano.

Ou seja, não se trata aqui de uma disfunção orgânica, mas, com essa indicação de Abraham, parece-nos ser possível pensar em uma “infertilidade psíquica”, no sentido de a pessoa abandonar a sua capacidade de criar outro ser, quando fixa a sua libido na fase anal, com toda a ambivalência presente nessa fase, na qual o reter e acumular só

para si pode imperar em sua sobredeterminação psíquica, e então a pessoa não se autoriza a tomar uma decisão e agir, mas permanece com uma dúvida obsessiva geradora de impotência, ou noutras palavras, em vez de gerar outro ser, o que ganha vida é a ruminação dubitativa sobre o gerar ou não gerar.

Ainda sobre o caráter anal, Abraham enfatiza que, se a pessoa consegue lidar com as fixações da libido e passa de maneira satisfatória por essa fase, e segue com o seu desenvolvimento psicosssexual, podendo chegar, inclusive, à fase genital, consegue desenvolver e manter sentimentos mais positivos para com o seu objeto de amor. Esses sentimentos também se estendem aos demais objetos com os quais a pessoa tem relação, expressando assim uma maior adaptação social. No entanto, no caso da pessoa neurótica obsessiva, cujo o caráter anal está mais pronunciado, o elemento sádico da vida pulsional – tão importante para pessoa “normal” no processo de sublimação – pode se tornar mais intenso devido à presença da ambivalência afetiva. Essas pessoas passam a vivenciar “tendências destrutivas hostis ao objeto e, por causa disso, não pode sublimar-se numa capacidade real de devoção a um objeto amado” (1921/1970, p.183). Inclusive, o psicanalista destaca que obsessivos podem com frequência exercer uma gentileza demasiada para com os objetos com os quais têm relação, mas isso não deve ser confundido com um verdadeiro amor transferencial. Corroborando Abraham, Fenichel (1981, p.441) também enfatiza que os “impulsos sádicos podem ser a base tanto da bondade e da justiça quanto da crueldade e da injustiça”.

Outro traço de caráter típico dos neuróticos obsessivos, esse também relacionado com o fato da presença da ambivalência afetiva na relação com o objetos investidos, é não conseguir manter uma ligação satisfatória com as suas atividades cotidianas. São pessoas perseverantes, mas empregam o seu empenho em atividades improdutivas que as afastam da atividade essencial, ou adiam a ação e a iniciativa, ou mesmo promovem ciclos de interrupções das atividades iniciadas. Ou seja, o caráter anal debilita de diversos modos a realização e a finalização das atividades, muitas vezes com procrastinação exacerbada e com ‘descargas’ de execução e entrega.

Segundo Abraham, pessoas com esse funcionamento podem apresentar comportamentos específicos em relação às suas excreções, retendo o conteúdo dos intestinos e da bexiga, o quanto suportam, para daí evacuar todo o conteúdo desses órgãos numa verdadeira “descarga”, o que gera um duplo prazer, o reter e o evacuar. O prazer em reter em específico, quando se torna acentuado, pode fazer com que a pessoa viva todas as suas relações objetais na categoria do “ter” e “possuir”, conseguindo

estabelecer relações apenas com pessoas que podem oferecer algo, e passam a ter uma relação persecutória com quem deseja “retirar” algo delas, tais pessoas se tornam verdadeiras inimigas, inclusive vivenciam o sentimento de inveja das posses dos outros ou mesmo o rancor contra aquele que possui de maneira privilegiada. No outro pólo, o do oferecer ligado ao “evacuar”, os sentimentos amistosos com os objetos aumentam na proporção que estes necessitam e pedem algo.

Nessa direção, outro traço do caráter anal clássico é a sua atitude para com o dinheiro, geralmente a avareza, vinculando a retenção intencional das fezes e a parcimônia exagerada. Mas aqui algo específico é destacado por Abraham: pode ocorrer um deslocamento da avareza pelo dinheiro para o tempo, tornando esses neuróticos extremamente preocupados com o desperdício de tempo, e somente aquele tempo gasto sozinho ou em atividades produtivas lhes parece bem utilizado. Os dias de folga, inclusive os socialmente estabelecidos, como os domingos ou feriados, podem ser vivenciados de maneira insuportável por gerarem uma interrupção no trabalho e nas atividades costumeiras. Outras vezes buscam realizar mais de uma atividade por vez para poupar tempo e tem um especial prazer em realizar alguma atividade enquanto realizam o ato de defecação.

Outro traço de caráter originado na fase anal, que pode se tornar compulsivo nos neuróticos, relaciona-se com o fato de a pessoa sentir prazer em olhar as suas próprias posses, tão comum quando as pessoas admiram as suas criações, como cartas, manuscritos e todos os tipos de criações mentais, o modelo disso remonta ao prazer de observar e analisar as próprias fezes. Inclusive, pode gerar dificuldades de a pessoa se separar dos objetos de todos os tipos, geralmente tais pessoas se tornam colecionadores de objetos, que podem ser valorizados socialmente, tanto quanto colecionar em excesso objetos inúteis, tornando-se acumuladores. Alguns conseguem se desfazer desses objetos depois de postergar o quanto podem resistir e aqui jogar fora equivale, no inconsciente, evacuar as fezes. Outro traço seria a ambivalência na ordem e limpeza, essas pessoas podem utilizar roupas extremamente impecáveis e limpas, mas podem utilizar roupas íntimas velhas e sujas; ou podem ter a sua mesa de trabalho ou mesmo estantes extremamente arrumadas, limpas e com regularidade assimétrica na disposição dos objetos, mas no seu interior, como nas gavetas, encontra-se tudo cheio e desarrumado. Essa construção pode representar os intestinos repletos de fezes.

Complementa a construção de Freud e de Ernest Jones sobre o erotismo anal, na qual as pessoas com esse traço acentuado tendem a se ocupar com o lado oposto de

diversas coisas e situações, manifestando curiosidade com o lado oposto ou parte de trás dos mais diversos objetos, mas fundamentalmente tendem a agir de maneira oposta às das outras pessoas do seu convívio. Inclusive, apesar de não estender a sua reflexão, Abraham indica que em mulheres neuróticas que vivenciaram o complexo de castração de maneira muito exacerbada, podem ter um deslocamento da libido em seu contrário e viver a inversão no seu sentido mais profundo, vivenciando o desejo de uma mudança de sexo.

Em suma, quando consideramos a formação do caráter anal, temos um corpo bem discriminado de assertivas sobre o caráter neurótico. A seguir, na parte final deste tópico, buscaremos apresentar as elaborações de Abraham acerca da formação do caráter na fase genital. Essa fase, segundo Laplanche e Pontalis (2016), é caracterizada pela organização das pulsões parciais sob o primado das zonas genitais e compreende dois momentos, separados pelo período da latência, a saber: o primeiro momento envolve a fase fálica, que é a fase da organização da sexualidade infantil que vem após as fases oral e anal, e se caracteriza pelo primado das zonas genitais, mas não pubertária; nesse momento a criança só conhece um órgão genital, o masculino, e a oposição entre sexos se dá entre a oposição fálico-castrado; a fase tem o ponto culminante com o declínio do complexo de Édipo, na qual o complexo de castração predomina; o segundo momento envolve a organização genital, mas aqui temos o primado das zonas genitais que institui a puberdade. Nesse ponto as pulsões parciais se unificam e se hierarquizam, de modo que o prazer ligado às zonas erógenas pré-genitais se torna ‘preliminar’ ao orgasmo.

Abraham, em “A formação do caráter no nível genital do desenvolvimento da libido”, publicada em 1925, afirma que a formação do caráter genital está ligado ao complexo edipiano, desse modo, quando a criança vence satisfatoriamente esse complexo, e todos os seus componentes afetivos ambivalentes, dá um passo fundamental para suplantar o seu narcisismo e as suas tendências hostis, e ao mesmo tempo pode romper com o poder do princípio do prazer no domínio de seus comportamentos em sua vida. Fenichel (1981) corrobora Abraham, afirmando que essa fase pode gerar a capacidade de descarregar grandes quantidades de excitações por meio do orgasmo genital, e com isso se promove a dissolução de formações reativas e o aumento da capacidade de sublimar. Ademais, também afirma que a fase oferece a possibilidade de superação do complexo de Édipo e os sentimentos inconscientes de

culpa oriundos da infância, com isso as emoções não são mais rejeitadas, mas são utilizadas pelo Eu para compor a personalidade.

Abraham (1925/1970) destaca que, para a criança, o corpo da mãe é um objeto de curiosidade que marca a sua atração, mas também o seu temor, despertando afetos ambivalentes nessa experiência relacional com o objeto. Mas gradativamente ela pode passar a investir o seu objeto como um todo, incluindo aí as partes que anteriormente despertavam sentimentos contrários, como, por exemplo, o temor. Quando isso ocorre, alguns impulsos são inibidos de atingirem a sua meta de satisfação na relação com o objeto, sobretudo os diretamente eróticos, no período de saída da fase fálica e ingresso no período de latência, no qual os sentimentos de carinho, devoção etc, passam a predominar sobre os sentimentos sensuais. Por sua vez, esses sentimentos passam a ser direcionados aos outros cuidadores, e mais tarde também transfere para as suas outras relações com outrem, na qual atitudes amistosas e benévolas podem passar a predominar na criança.

Abraham (1925/1970, p.198) afirma que esse processo ocorre na ocasião em que ela supera a fase fálica, e isso “implica que atingiu em suas relações de objeto um ponto em que não mais apresenta uma atitude ambivalente para com o órgão genital de seu objeto heterossexual, mas o reconhece como uma parte desse objeto, a quem ama como uma pessoa integral”. No entanto, se a criança não recebe simpatia e afeição por parte dos cuidadores e das pessoas que a cercam, ela também poderá encontrar dificuldades de desenvolver esses afetos em suas relações objetais, e talvez não consiga afastar impulsos hostis e destrutivos “que originalmente se dirigem contra o mundo externo”; isso também pode ocorrer com crianças que receberam amor, mas sentiram, de algum modo, que não foram amados o suficiente, tornando-se a “Gata Borralheira” da família.

O psicanalista também afirma que o estágio genital da formação do caráter tem traços de sua associação com estágios anteriores, o que promove uma relação favorável da pessoa com os seus objetos, e também conserva traços dos impulsos agressivos necessários à manutenção da vida, os quais podem deixar de ser utilizados para fins destrutivos, e passar a ser empregados em propósitos construtivos. Ademais, a pessoa consegue abandonar parte dos seus impulsos narcísicos, mas conserva o seu amor-próprio preservado; e ainda superar, mesmo que de forma relativa, a ambivalência afetiva, pois enquanto persistir uma ambivalência mais intensa no caráter, a pessoa pode oscilar subitamente de um extremo ao outro o seu comportamento, ou seja, quando a pessoa pode passar a ser capaz de vivenciar predominantemente sentimentos afetuosos e

amistosos em suas relações com os objetos. O psicanalista também enfatiza que importantes alterações no caráter ocorrem pelo processo de introjeção, pelo qual as pessoas passam a ter traços semelhantes dos seus objetos de amor.

Ademais, o psicanalista destaca o fato de a psicanálise não dizer sobre um caráter ‘normal’ alcançado na fase genital. Nesse sentido, considera tanto as variações extremamente amplas de caráter, quanto às referências colocadas pela cultura na qual a pessoa vive, por exemplo, o fato de países terem diferentes concepções de limpeza, economia justa etc; e também alterações significativas no interior de uma própria cultura, como com as guerras. “Do ponto de vista social, tudo o que se exige é que os traços caracterológicos do indivíduo não sejam impelidos a um excesso; que ele seja capaz, por exemplo, de encontrar algum tipo de média, entre os extremos da crueldade e da bondade excessiva, ou entre os da avareza e da extravagância” (ABRAHAM, 1925/1970, p.201).

Posto isso, finalizamos este tópico sobre o estudo do caráter realizado por Abraham (1925/1970, p.204), quando ele diz, a psicanálise “demonstrou a estreita ligação que apresenta a formação do caráter com o desenvolvimento psicosssexual da criança, em especial com os diferentes estágios libidinais e com as sucessivas relações da libido com o seu objeto”. Essa nos parece ser uma boa síntese de como ele foi entrelaçando os tipos de caráter com as diferentes fases da libido, bem como, o quanto as relações de objeto ganham importância nessa elaboração.

Nesse sentido, a seguir apresentaremos um dos principais trabalhos de Abraham no qual o psicanalista apresenta o seu estudo acerca das formações psicopatológicas, bem como acerca do desenvolvimento do amor objetual. Aqui, as relações de objeto se destacam como norteadoras em sua construção teórica, pela qual a noção de objeto, sobretudo quando articulada com as noções de narcisismo e identificação, torna-se um dos operadores conceituais principais para a compreensão da constituição e do funcionamento psíquico do sujeito e a sua relação com o mundo exterior.

2. Formações psicopatológicas: estágios libidinais e as relações de objeto na psicose maníaco-depressiva

Neste tópico buscaremos realizar a apresentação das principais ideias presentes no trabalho de Abraham, “Breve estudo do desenvolvimento da libido, visto à luz das

perturbações mentais”, publicado em 1924, no qual o autor aborda a questão da psicose maníaco-depressiva, a fixação oral da melancolia e sua ligação com os impulsos canibalescos, trabalhando a questão da introjeção oral e as relações de objeto específicas envolvidas. Toda essa temática representa uma tentativa de síntese dos seus estudos anteriores, inclusive os sobre o caráter que supracitamos, bem como sobre as formações psicopatológicas em que o binômio melancolia e neurose obsessiva ganham destaque em sua análise.

Nesse sentido, merece um destaque o fato de o texto trazer a distinção entre neurose obsessiva e a psicose maníaco-depressiva na sua relação com as fases do desenvolvimento da libido e a sua relação com o objeto nessa dinâmica. Além das preciosas contribuições acerca do desenvolvimento da libido, operando, entre outros, os conceitos de fixação e regressão, bem como tratando das psicopatologias relacionadas a esses fenômenos, este trabalho é importante porque nele é possível identificar como a relação de objeto adquire outro estatuto e orienta Abraham em sua construção teórica. Trata-se de um trabalho pelo qual o psicanalista abre um diálogo muito produtivo com a investigação sobre “Luto e Melancolia”, reconhecendo que Freud deu um passo fundamental para a compreensão da melancolia nesse ensaio, pois ele demonstra que a pessoa após perder o seu objeto de amor o recupera a partir da introjeção.

Para desenvolver esse trabalho, Abraham resgata seu estudo anterior sobre o tema, “O primeiro estágio pré-genital da libido”, de 1916, no qual afirmava que no estado melancólico a libido regredia ao estágio oral, assim, em seu inconsciente, a pessoa melancólica tem o desejo de incorporar o objeto. “Nas profundezas de seu inconsciente, há uma tendência a devorar e destruir o seu objeto” (1916/1970, p.77), e concilia esse dado com o trabalho de Freud, “Luto e Melancolia”, sobretudo com a dinâmica de introjeção do objeto, com isso ele tem a clara noção de existir uma estreita conexão entre essas duas referências fundamentais, a regressão da libido à fase oral e o mecanismo de introjeção.

Aqui, cabe destacarmos uma distinção entre incorporação e introjeção, uma vez que ambos os termos estão presentes nesse trabalho de Abraham. Nesse sentido, conforme salientam Laplanche e Pontalis (2016), incorporação refere-se ao invólucro corporal, sendo o protótipo de toda e qualquer separação entre um interior e o exterior. Por sua vez, o termo introjeção é mais amplo, comportando não só o interior do corpo, mas o interior do aparelho psíquico, de uma instância etc. “É assim que se fala de introjeção do ego, no ideal de ego, etc (...) foi evidenciada por Freud na análise da

melancolia e depois reconhecida com um processo mais geral. Nesta perspectiva, ela renovou a teoria freudiana da identificação” (Laplanche & Pontalis, 2016, p.249).

Em seu estudo, Abraham (1924/1970) começa por elaborar uma teoria das relações de objeto para saber por quais razões o sujeito se torna psicótico ou neurótico. Mas então como se constrói uma relação com o objeto nestas dinâmicas psíquicas? Partindo de suas próprias convicções quanto ao papel da oralidade na identificação narcísica (May, 2019) o autor afirma que, em “Luto e melancolia”, Freud demonstrou que a perda de objeto de amor é recuperada pelo sujeito por meio da introjeção, de uma forma que as autoacusações do melancólico são, na verdade, dirigidas contra o seu objeto perdido.

Abraham (1924/1970) destaca ainda a afinidade psicológica entre a melancolia e as neuroses obsessivas, no fato de que ambas contêm claros traços da fase sádica mais primitiva da organização da libido e do alto grau de ambivalência em suas relações de objeto. Portanto, ele nota semelhanças existentes tanto no quadro clínico quanto na estrutura. Os sintomas obsessivos se acham presentes na melancolia e os neuróticos obsessivos vivenciam estados de depressão. Ambos possuem um alto grau de ambivalência em relação ao objeto. Ambos vivenciam períodos de quiescência; na melancolia, “intervalo livre”; os estados obsessivos são, geralmente, crônicos, mas têm períodos com remissões, ao mesmo tempo em que nas crises agudas se parecem muito com a melancolia. Com isso, “um dos estados transforma-se gradualmente no outro, enquanto que, a princípio, víamos apenas uma separação absoluta entre os dois” (Abraham, 1924/1970, p.85).

Os melancólicos não deixam de apresentar sintomas em seus “intervalos livres”, atravessando nesses períodos estados mentais depressivos ou hipomaníacos, inclusive nesse funcionamento “cicloide” se apresenta uma formação de caráter específica nesse momento “livre”, e esse caráter coincide com a do neurótico obsessivo. Assim, em tais momentos aquelas pessoas que sofrem de psicose maníaco-depressiva apresentam características similares aos neuróticos obsessivos, como: as mesmas manias de limpeza e ordem; manter uma atitude obstinada e desafiadora que se altera com docilidade e excesso de ‘bondade’, bem como manias e ideias próximas na relação com o dinheiro e às possessões.

Ou seja, o autor demonstra que, durante o “intervalo livre”, a formação do caráter melancólico coincide com a do neurótico obsessivo. Isso lhe permite dizer: “as duas condições patológicas possuem uma estreita relação psicológica com uma só e

mesma fase pré-genital da libido” (Abraham, 1924/1970, p.86). No entanto, a melancolia e a neurose obsessiva apresentam diferenças fundamentais em relação à fase na qual a libido regride no início da doença, mas também na relação do sujeito para com o objeto, pois – e isso é fundamental – o melancólico abandona o objeto enquanto, por sua vez, o obsessivo o retém.

Aqui, torna-se fundamental destacarmos uma passagem de Freud em “O Eu e o id” (1923/2011), na qual já enfatizava as relações de objetos específicas e os destinos pulsionais ligados à agressividade/destruição na dinâmica obsessiva e na melancolia, dizendo dos efeitos dessa dinâmica para os dois casos, uma vez que esta construção se encontra articulada com as proposições de Abraham. Assim, sobre a melancolia, Freud (1923/2011, p.66-67) nos diz:

[Na melancolia] vemos que o Supereu extremamente forte, que arrebatou a consciência, arremete implacavelmente contra o Eu, como se tivesse se apoderado de todo o sadismo disponível na pessoa. Seguindo nossa concepção de sadismo, diríamos que o componente destrutivo instalou-se no Supereu e voltou-se contra o Eu. O que então vigora no Supereu é como que pura cultura do instinto de morte, e de fato este consegue frequentemente impelir o Eu à morte, quando o Eu não se defende a tempo de seu tirano, através da conversão em mania.

Por sua vez, Freud diz dos estados obsessivos e sua dinâmica de relação objetal, e aqui vemos outro desfecho, na qual o objeto não é abandonado, assim como afirmou Abraham em seu estudo. Vamos ao trecho de Freud (1923/2011, p. 67),

É digno de nota que o doente obsessivo, ao contrário do melancólico, jamais chega realmente ao suicídio, ele é como que imune ao perigo de autodestruição, muito mais protegido contra ele do que o hístico. Compreendemos que é a conservação do objeto que garante a segurança do Eu. Na neurose obsessiva tornou-se possível, através de uma regressão à organização pré-genital, que os impulsos amorosos se convertam em impulsos agressivos contra o objeto. Novamente o instinto de destruição ficou livre e quer destruir o objeto, ou ao menos parece existir esse propósito. O Eu não adotou essas tendências, ele se opõe a elas com formações reativas e medidas de precaução; elas permanecem no Id.

No entanto, no caso dos obsessivos, Freud afirma que os impulsos agressivos são vistos pelo Supereu como se esses não estivessem no Isso, mas no Eu, o qual se vê desamparado em ambas as direções, defendendo-se em vão das instigações destrutivas do Isso e das repreensões da consciência punitiva, conseguindo apenas inibir as ações

mais intensas dos dois lados, vivenciando um infindável autotortimento; e quando o objeto é acessível, também um tormento sistemático deste. Aqui, Freud parece nos indicar sobre como o obsessivo pode se sentir ameaçado e perseguido pelos objetos externos, tomando tais objetos como sádicos e/ou argutos manipuladores, que podem enganar, prejudicar ou mesmo destruí-los, projetando a agressividade para fora de seu mundo interno. Assim, Freud (1923/2011, p.68) compõe a seguinte dinâmica no obsessivo, “quanto mais um indivíduo controla sua agressividade, tanto mais aumenta a inclinação agressiva do seu ideal ante o seu Eu”. Essa será uma das bases pela qual Freud constrói a hipótese sobre o Supereu surgir de uma identificação com o modelo do Pai, no sentido de um ser superior que pode punir implacavelmente. Mas, a disjunção do amor em relação à agressividade não foi obra do Eu, mas, sim, de uma regressão efetuada no Isso, processo estendido também para o Supereu, o qual aumenta o seu rigor para com o Eu inconsciente.

Nesse sentido, refletindo acerca da melancolia e da neurose obsessiva, e suas dinâmicas inconscientes destrutivas, Freud (1923/2011, p.69) argumenta que, “em ambos os casos, porém, o Eu, tendo controlado a libido por meio da identificação, receberia em troca a punição do Supereu, através da agressividade misturada à libido”. Essa agressividade misturada à libido será articulada por Abraham a partir da divisão das fases oral e anal do desenvolvimento psicosssexual, considerando a economia e a dinâmica pulsional em jogo, mas enfatizando um lugar específico para os modos de apreensão do objeto presentes nessa construção.

Portanto, a melancolia e a neurose obsessiva têm uma relação comum com a organização sádico-anal da libido, mas também apresentam diferenças fundamentais a respeito da fase à qual a libido retorna, mas também na atitude do sujeito com o seu objeto. Daí o *insight* de Abraham que vai nortear toda a sua construção teórica. Se funcionamentos psíquicos distintos podem ter a sua origem numa mesma fase sádico-anal, isso pode dizer que essa mesma fase contém elementos heterogêneos. A partir dessa assertiva, o psicanalista divide a fase anal em duas, até então algo inédito, a saber: a fase sádico-anal primitiva, com a meta de satisfação pulsional ligado à expulsão do objeto; e a fase sádico-anal posterior, que tem como meta de satisfação pulsional à retenção do objeto. Na verdade, como veremos no desenvolver deste tópico, ele divide as fases oral e anal, bem como considera a divisão da fase genital proposta por Freud, a fase genital inicial (fálica) e a fase genital final.

Partindo dessa elaboração, o psicanalista indica que as excitações libidinais anais possuem nesse estágio da libido uma conexão com as pulsões sádicas. Temos então a fase anal combinada com os impulsos sádicos, tais como emoções cruéis, hostis e destrutivas para com seu objeto. Mas a questão continua, por que os impulsos sádicos apresentam afinidade com a zona erógena anal? A partir de sua escuta clínica, Abraham compreende que o erotismo anal possui duas tendências opostas de prazer, e essas duas tendências circulam de forma similar no campo dos impulsos sádicos. Como experiência prazerosa primitiva ligada à zona anal, temos à evacuação dos intestinos, e posteriormente o seu reverso, baseado na retenção das fezes.

Assim, se a pessoa tem um funcionamento psíquico inconsciente vinculado à fase anal, a pessoa pode considerar o objeto do seu desejo como se fosse algo de sua propriedade, tratando esse objeto do mesmo modo com que trata o seu mais primitivo objeto de propriedade privada, suas fezes, e como a ambivalência de sentimentos ainda existe em plena força nesse momento do desenvolvimento, a pessoa expressa o sentimento positivo para o objeto sob a forma de retenção, e seus sentimentos negativos sob forma de rejeição do objeto. “Dessa maneira, quando o neurótico obsessivo é ameaçado de perder seu objeto e quando o melancólico na realidade o perde, isso significa, para o psiquismo inconsciente de cada um, a expulsão daquele objeto no sentido de uma expulsão física de fezes” (ABRAHAM, 1924/1970, p.88-89).

Nesse sentido, muitas pessoas neuróticas podem reagir de forma anal para com as suas perdas mais diversas, inclusive a morte de uma pessoa, vivenciando efeitos no funcionamento do seu corpo, como constipações ou diarreia, conforme a perda é vivenciada em seu espaço psíquico inconsciente, sobretudo se há ambivalência na relação com o objeto perdido. Seu inconsciente nega ou afirma a perda através da ‘linguagem dos órgãos’, uma forma arcaica do luto que foi mantida no inconsciente ligada ao perder o conteúdo e esvaziar os intestinos. Temos, portanto, traços mnêmicos primitivos na cena, pelo qual o afastar um objeto ou mesmo perdê-lo pode se tornar equivalente à defecação.

Abraham então propõe compreender o sadismo a partir de divisões nas fases de desenvolvimento pré-genital. Veremos a seguir como Abraham examina essa questão, mas, antes, é oportuno registrar outra observação de Mezan (1999, p.88),

Abraham é um psicanalista, portanto pensa em termos de conflito. O sintoma, o sofrimento psíquico, resultam do impulso e da defesa contra o impulso; de tal maneira que aquilo que no quadro clínico é

mais evidente resulta do esforço para contrabalançar o predomínio das tendências libidinais destrutivas

Desse modo, Abraham destaca que o erotismo anal comporta duas tendências de prazer opostas em relação aos objetos, a positiva envolve o reter, a negativa o expelir; bem como comporta duas tendências opostas de impulsos sádicos, a positiva envolve o conservar/controlar; por sua vez, o negativo envolve o destruir objetos. Ou seja, em ambos está presente a ambivalência dos afetos em relação ao objeto. Ademais, a organização dessas fases passa por uma demarcação, as pulsões de destruição e expulsão do objeto são mais antigas, por essa razão são mais primitivas (marcada pelo esvaziamento dos intestinos, a perda do primitivo objeto de propriedade privada, as fezes); só depois disso vem a outra experiência prazerosa (marcada pela retenção e conservação desse primitivo objeto).

Abraham vai indicar que, durante os intervalos livres, o neurótico obsessivo consegue sublimar as pulsões sádicas e anais. O melancólico também consegue esse feito no seu período de remissão, entretanto, assim que o Eu entra em conflito agudo com seu objeto de amor, ele abandona sua relação com esse objeto, e isso deixa evidente que as suas sublimações e formações reativas, tão próximas das dos obsessivos, derivam do nível inferior da fase sádico-anal de seu desenvolvimento libidinal.

Nesse sentido, assim que se instala o conflito com o seu objeto, há duas experiências distintas. O neurótico obsessivo regride para o nível posterior das pulsões anais e sádicas (fase sádico-anal posterior), ou seja, regride para um ponto de fixação da libido com tendências conservadoras, no qual mantém o contato com o objeto. Por sua vez, o melancólico regride para a etapa mais primitiva (fase sádico-anal primitiva), a com tendências hostis ao objeto, de destruição e perda do mesmo. Nas palavras do autor:

Esta diferenciação da fase sádico-anal em uma etapa primitiva e outra posterior parece ser de radical importância, porque na linha divisória entre essas duas etapas dá-se uma modificação decisiva na atitude do indivíduo para com o mundo exterior. Na verdade, podemos dizer que é nessa linha divisória que começa o “objeto de amor”, no sentido mais estrito, porque é nesse ponto que a tendência a preservar o objeto começa a predominar. (ABRAHAM, 1924/1970, p. 94-95)

Ademais, na melancolia, há uma regressão para uma fase ainda mais arcaica, a fase oral. Desse modo, Abraham indica como Freud em “Luto e melancolia”

demonstrou que a perda de objeto de amor é recuperada pelo sujeito por meio da introjeção. No entanto, há diferenças dessa introjeção para a pessoa “normal” e para o melancólico.

Na pessoa normal, ela é colocada em ação por uma perda real (a morte) e seu fim principal é preservar as relações da pessoa com o objeto morto ou, o que vem a ser a mesma coisa, compensar a sua perda. Ademais, o conhecimento consciente da perda nunca abandonará a pessoa normal, como o faz o melancólico. O processo de introjeção no melancólico, além disso, baseia-se numa perturbação radical de suas relações libidinais com seu objeto. Repousa num grave conflito de sentimentos ambivalentes, dos quais só pode fugir voltando contra si próprio a hostilidade que originalmente sentia em relação ao seu objeto. (ABRAHAM, 1924/1970, p.100)

Também, destaca-se que a pessoa “normal” consegue deslocar os seus sentimentos hostis em relação a um objeto que ela perdeu na realidade. O melancólico não consegue realizar esse deslocamento, porque está presente um conflito muito intenso baseado numa ambivalência libidinal, daí que todo sentimento amoroso é ameaçado por uma emoção oposta. Segundo Abraham, uma frustração, ou mesmo um desapontamento com relação ao objeto amado pode, a qualquer momento, liberar uma poderosa “vaga de ódio que varrerá todos os seus sentimentos de amor debilmente fixados. Tal remoção das catexias libidinais positivas terá o efeito mais profundo: conduzirá ao abandono do objeto” (1924/1970, p.103). Aqui, é interessante que Abraham recoloca em termos pulsionais a descrição que Freud faz da fragilidade do vínculo afetivo do melancólico: uma intensa fixação ao objeto, mas pouco resistente (Freud, 1917/2016).

Assim, o funcionamento melancólico tem a sua origem nas experiências traumáticas infantis, com sentimentos relacionados ao perigo de perder o objeto amado. As ressonâncias desses efeitos podem surgir no material clínico, especialmente nos sonhos, os quais podem promover indícios do medo dessa perda do objeto ou mesma da castração. Disso temos que a posição ambivalente dos afetos que impede tanto uma ligação amorosa com o objeto, quanto uma inflexibilidade nos sentimentos hostis, como o ódio dirigido ao objeto, pode despertar na pessoa melancólica sentimentos profundos de desamparo, sobretudo a partir da decepção de suas expectativas, na qual se sente traído ou abandonado por seu objeto amado.

Na sequência de sua proposição teórica, Abraham demonstra que, na dinâmica do funcionamento da melancolia, – com a perda do objeto na fase anal e, como vimos,

com a tendência de regressão para uma posição ainda mais primitiva, a fase oral, na qual ocorre a busca de reincorporação do objeto de amor abandonado – os pacientes melancólicos podem apresentar grande número e variedade de tendências sádico-orais em seus sintomas, fantasias e sonhos.

No funcionamento inconsciente desses quadros, a perda do objeto de amor é vivenciada como um processo anal e sua introjeção como um processo oral. O objeto investido se torna alvo de impulsos sádicos presentes no nível inferior da fase sádico-anal. Esses impulsos são o de expelir (num sentido anal) e o de destruir (assassinar), com isso o objeto morto fica identificado com os excrementos expulsos. O impulso canibalesco diz respeito ao devorar o objeto de amor morto nesse processo. Daí temos que o significado dos sintomas melancólicos diz respeito ao processo de expulsão e reincorporação do objeto investido.

Desse modo, o psicanalista apresenta as duas fases da melancolia, a perda e a reincorporação do objeto de amor. Por sua vez, a tendência em abandonar o objeto investido tem a sua origem na fixação da libido na fase anterior do nível sádico-anal, ou seja, na fase oral. Os melancólicos apresentam em seus sintomas, fantasias e sonhos, uma variedade de tendências sádico-orais, conscientes e reprimidas, impondo grande sofrimento e um elevado grau de desprazer à pessoa melancólica, isso mesmo quando se considera o prazer masoquista dos sintomas, sobretudo quando essas tendências se voltam contra o eu em uma busca de autopunição. Sobre essa questão, Abraham (1916/1970), no seu trabalho anterior que supracitamos, de 1916, já afirmava que as autoacusações hiperbólicas dos melancólicos, em seu significado mais profundo, traz à tona um esforço da pessoa em manter afastado de sua consciência as ideias relacionadas às fantasias de desejo canibalescas, as quais são terríveis e intoleráveis.

A pessoa conscientemente nega o ato desejado e acusa a si própria de diversos crimes que não foram cometidos na realidade. Sendo esses desejos de natureza canibalesca, os seus ‘pecados’ tem um vínculo com tudo aquilo que é proibido e detestável no ato de comer. Com isso, podem se tornar compreensivos os sintomas como a recusa de se alimentar, como se isso pudesse manter a pessoa afastada de seus desejos proibidos, ao mesmo tempo coloca um castigo a si própria por seus inadequados impulsos canibalescos, a morte pela inanição. Ou seja, o seu desejo de incorporar e devorar o objeto desejado, defronta-se com resistências internas, e quando essa resistência se torna muito intensa, com o medo despertado pelo morrer de fome, o desejo canibalesco, inclusive, pode se transformar em angústia mórbida. Para o analista,

esses seriam os conteúdos de desejo de certas ideias delirantes dos melancólicos que correspondem aos conteúdos reminiscentes do primitivo estágio da infância, a fase oral.

Segundo Mezan (1999), essa posição sádico-oral ou canibal, própria da terminologia freudiana de “Totem e Tabu”, diz do narcisismo com incorporação total do objeto, atravessado pela ambivalência, pois no narcisismo existe amor e ódio. A angústia seria a característica patológica mais evidente dessa fase. Fenichel (1981, p.383) corrobora essa assertiva acerca da melancolia, dizendo “os pacientes deprimidos não conseguem amar porque sempre odeiam quando amam”.

Desse modo, considerando toda essa dinâmica psíquica, Abraham (1924/1970, p.111) indica, em termos pulsionais e objetais, a existência de uma diferenciação na fase oral da libido, conforme supracitamos no tópico anterior, a saber: a fase oral primitiva, com a meta de satisfação ligada à sucção e a incorporação do objeto (fase pré-ambivalente); e a fase oral posterior, com a meta de satisfação de devorar e incorporar totalmente o objeto, destruindo-o sadicamente (fase ambivalente). Pelas palavras do psicanalista,

No nível primário daquela fase, a libido da criança está ligada ao ato de sugar. Este ato é de incorporação, mas ele não dá fim à existência do objeto. A criança ainda não é capaz de distinguir entre o seu próprio eu e o objeto externo. Eu e objeto são conceitos incompatíveis com aquele nível de desenvolvimento. Ainda não existe uma diferenciação entre a criança que mama e o seio que amamenta. Além disso, a criança não possui ainda sentimentos de ódio nem de amor. Seu estado mental acha-se consequentemente livre, neste estágio, de todas as manifestações de ambivalência (...) O nível secundário dessa fase difere do primeiro pelo fato de a criança trocar sua atividade de sugar pela de morder.

Por meio de sua prática clínica, Abraham compreende que o morder se encontra vinculado aos impulsos sádicos vivenciados no momento em que a criança tem os seus dentes sendo formados. Com o nascimento dos dentes a criança passa a ter instrumentos que podem causar danos ao mundo exterior. Ademais, os impulsos sádicos se originam de fontes diferentes, sobretudo as que realizam funções excretórias, mas também se torna possível fazer uma relação entre o sadismo e o sistema muscular. No caso dos bebês, os músculos da mandíbula se sobressaem nesse período do desenvolvimento.

Então, nesse segundo nível, a criança troca o ato de sugar pelo de morder, e aqui a criança incorpora o objeto em si própria, destruindo-o. Trata-se da fase oral posterior, na qual predominam os impulsos canibalescos. Conforme enfatiza Abraham, “assim que

uma criança é atraída por um objeto, está sujeita, fadada mesmo, a tentar a sua destruição. É neste estágio que a atitude ambivalente do eu para com seu objeto começa a desenvolver-se” (1924/1970, p.112). Importante destacarmos os termos utilizados pelo psicanalista, “seu objeto”, indicando que o objeto pertence ao Eu, passando a fazer parte dele por meio da introjeção, portanto, apesar de não nomear deste modo, trata-se de um objeto alocado no mundo interno do sujeito. Assim, para Abraham, o melancólico regride a essa posição depois de perder o seu objeto, num nível em que o sujeito ameaça destruir o seu objeto, devorando-o. Ou seja, ela busca reintrojetar o objeto abandonado, mas nesse processo o destrói. Outrossim,

Quando a catexia libidinal é retirada do objeto, ela é dirigida para o eu, enquanto que, ao mesmo tempo, o objeto é introjetado no eu. O eu deve suportar todas as consequências deste processo; daí por diante achar-se-á ele impiedosamente exposto à ambivalência dos impulsos libidinais. (Abraham, 1924/1970, p.115)

Nesse sentido, o psicanalista diz que o início do conflito ambivalente ocorre no segundo estágio da fase sádico-oral, enquanto a primeira fase, ligada ao sugar, encontra-se livre de um conflito de ambivalência. Outro ponto importante nessa dinâmica psíquica, quando o melancólico regride à fase canibalesca, ele vivencia os sentimentos ambivalentes em sua forma mais primitiva e não modificada, pois nesse período ainda não foram edificadas as barreiras repressivas, as quais surgem, sobretudo, a partir do atravessamento do complexo de Édipo. Nesse sentido, a ambivalência se encontra muito presente na fase sádico-anal, e será somente a partir das outras fases que a ambivalência se torna mais suave e menos violenta para com o seu objeto.

Inclusive, Abraham vai dizer de uma fase “pós-ambivalente”, na qual a pessoa se acha relativamente muito afastada das formas infantis da sexualidade. Sua libido atinge um estágio pós-ambivalente e, dessa maneira, consegue adquirir mais capacidade de se adaptar ao mundo externo e vivenciar de modo satisfatório o amor objetual. Conforme vimos no tópico anterior, a fase genital do caráter se articula com esse momento pós-ambivalente do desenvolvimento. Aqui, antes de retornarmos ao funcionamento da melancolia, uma pequena nota acerca das fases de desenvolvimento da libido em termos de zonas erógenas.

Conforme indica o psicanalista, a libido passaria por seis fases de desenvolvimento, quais sejam: I (fase oral primitiva – sucção – pré-ambivalente), II (fase oral posterior – canibalesca - ambivalente); III (fase sádico-anal primitiva –

expulsiva - ambivalente), IV (fase sádico-anal posterior – retentiva - ambivalente), V (fase genital inicial – fálica - ambivalente), VI (fase genital final – adulta pós-ambivalente). Esse esquema inicialmente apresentado de forma sintética e propositivo vem ganhar destaque e notoriedade no pós-guerra na psicanálise mais ortodoxa, em especial por conta de sua apropriação e generalização na fundamentação de uma teoria psicanalítica das neuroses por parte de Fenichel (1942/1981).

Não obstante o fato de essa perspectiva mais generalizada ter se imposto somente depois da morte de Abraham, cabe destacarmos a existência de críticas que incidem sobre a leitura dessas fases numa lógica linear e unívoca, tanto na progressão quanto na regressão. No entanto, conforme nos indica Mezan, o esquema de Abraham é útil, “tanto porque coloca as coisas numa sequência clara, quanto porque procura estabelecer, como diz Jones corretamente, vínculos entre vários aspectos do funcionamento e do desenvolvimento psíquico” (1999, p.67)

A transição de um estágio anterior para o posterior envolve significativas modificações da relação da pessoa para com os objetos do mundo externo, bem como mudanças de uma zona erógena para outra em relação ao desenvolvimento psicosssexual da pessoa, além da própria formação do seu caráter, conforme acompanhamos no tópico anterior. Assim, segundo o psicanalista, em cada uma das fases ocorrem mudanças fundamentais que podem levar a pessoa a atingir um completo amor de objeto. Ou seja, a reconhecer e investir em um objeto externo em sua totalidade.

Abraham afirma que na fase oral, do primeiro período, a criança troca sua atitude libidinal pré-ambivalente e livre de conflito, por outra que é ambivalente e hostil para com seu objeto. Na fase sádico-anal, no segundo estágio, a transição do anterior indica que a pessoa começou a preservar o seu objeto da destruição. Por sua vez, na fase genital, a pessoa consegue dominar, mesmo que de maneira relativa, a atitude ambivalente de sua libido e pode assim conseguir atingir a sua capacidade plena, do ponto de vista sexual e social.

Posto isso, retornamos à discussão sobre o funcionamento da melancolia. Abraham aprofunda a questão da ambivalência dos afetos para com o objeto investido na melancolia. Nesse sentido, a atitude de procurar se afastar do objeto original investido, em torno do qual circula a sua vida emocional, posteriormente é estendida às outras pessoas, primeiro àquelas do seu círculo mais próximo e depois para relações mais ampliadas no âmbito social. Ou seja, trata-se de um retraimento da sua libido em suas ligações com os objetos no mundo externo, que, inclusive, pode afetar o vínculo e

interesse da pessoa com a sua profissão, seus interesses intelectuais, ou mesmo com as atividades culturais e lúdicas. A pessoa vivencia um desligamento com o mundo externo, mas tem consciência e aceita a sua falta de interesse com aquilo que a cerca. No mais, a pessoa melancólica se queixa das diversas perdas experienciadas, e tende relacioná-las com os seus sentimentos de inferioridade.

Nesse sentido, o ciclo depressivo e maníaco da pessoa melancólica gira em torno da atitude ambivalente de sua libido em relação ao seu eu. Sentem-se ofendidos e tratados com injustiça, a pessoa melancólica possui um sentimento de superioridade em seu intervalo livre; tem um desprezo por pessoas que confrontem as suas ideias. O sentimento de inferioridade também pode comportar uma significativa autoadmiração em relação à importância dos seus pensamentos, sentimentos e comportamentos; ao mesmo tempo em que se sentem os maiores culpados pelos pecados cometidos no mundo. Segundo Abraham, esse delírio contém a censura introjetada e dirigida ao objeto investido, e também uma tendência de representar os seus sentimentos de ódio como muito poderosos.

Ou seja, com a introjeção do objeto, o melancólico apresenta uma ambivalência em relação ao próprio Eu, tanto que ora apresenta sentimentos de grande inferioridade, ora de grande superioridade, e esse sentimento fica mais evidente na fase maníaca, no qual a diferença entre o Eu e o Supereu desaparece. Essa retirada do jugo do Supereu permite que o narcisismo do sujeito ingresse numa fase prazerosa, voltando a sua libido para o mundo exterior com excesso de voracidade. Trata-se de uma dinâmica narcísica, pois temos uma “oposição entre libido do eu e libido de objeto. Quanto mais se emprega uma, mais empobrece a outra” (Freud, 1914/2010, p.17). Mas, aqui, temos com Abraham (1924/1970, p.116) a dinâmica narcísica com a justaposição de afetos opostos, a saber:

Dessa maneira a melancolia apresenta um quadro no qual se encontram, em justaposição imediata, embora absolutamente opostos um do outro, o auto-amor e o auto-ódio, uma superestimação e uma subestimação do eu, ou seja, manifestações de um narcisismo positivo e de um narcisismo negativo.

O psicanalista, então, retoma a mania - problema que Freud deixara em aberto ao fim de “Luto e Melancolia” e que indica a própria ressonância das contribuições de Abraham (May, 2019). No estado maníaco as inibições da pessoa se encontram ausentes, e nesse sentido, é a relação do Supereu que se altera nesses estados. No estado

melancólico o Supereu exerce a função de crítica com uma severidade excessiva, por sua vez, na mania essa crítica pode se tornar muito reduzida ou mesmo ausente, na qual o narcisismo vive uma experiência positiva e prazerosa, e com isso a pessoa pode ter a sensação de autossuficiência e poder, em vez dos sentimentos de inferioridade típicos do ciclo depressivo.

A partir do momento em que o Eu não é consumido pela introjeção do objeto, as pulsões se voltam com intensidade para o mundo externo, e a pessoa vivencia essa experiência por meio de um excesso de voracidade, na qual passa a apresentar muitos sintomas baseados na satisfação dos seus desejos orais. Mas aqui uma particularidade desse funcionamento, segundo Abraham, a pessoa quando se encontra na fase melancólica, tende a sentir que foi excluído do mundo dos objetos externos, vivenciando uma série de decepções nessa relação; mas assim que ingressa em uma fase maníaca, pode sentir que possui o poder necessário para assimilar todos os objetos externos em si próprio. Isso também é característico dessa fase maníaca, mas aqui esse ato satisfatório de assimilar os objetos tem um contraponto muito prazeroso, o qual ocorre quase no mesmo instante, de evacuar tudo aquilo que foi vorazmente devorado.

Um exemplo desse funcionamento seria a associação de ideias na fase maníaca, a pessoa nessa fase experimenta uma fuga de ideias, num fluxo contínuo de pensamentos e descarga intensa de palavras, representando, então, um receber e expelir novas impressões. Na fase melancólica um objeto amoroso particular é introjetado e, como um pedaço de alimento que foi incorporado, depois é eliminado. Na fase maníaca, todos os objetos podem passar pelo “metabolismo psicosexual”, e num fluxo acelerado entre o abocanhar e o evacuar. Desse modo, “a fase maníaca que se segue ao luto patológico (melancolia) contém o mesmo impulso de incorporar e expelir mais uma vez o objeto amado” (ABRAHAM, 1924/1970, p. 132).

Sobre esse ponto, em um ensaio anterior, inclusive de “Luto e melancolia”, chamado “Notas sobre as investigações e o tratamento psicanalítico da psicose maníaco-depressiva e Estados afins”, de 1911, o psicanalista (1911/1924, p.45) já indicava uma aproximação do funcionamento maníaco e a teoria freudiana do chiste. Se na melancolia temos os pensamentos fixos, sobretudo por meio das autoacusações, na fase maníaca ocorre uma rápida mudança dos conteúdos da consciência, na qual o falar coerentemente e com um objetivo se perde facilmente, e se desenvolve uma “fuga de ideias” prazerosa com uma dupla função: “ela torna possível adejar por meio de ligeiras alusões sobre aquelas ideias que são penosas à consciência, como, por exemplo, as

ideias inconvenientes. Isto quer dizer que ela favorece – como o chiste – a transição para outro círculo de ideias, permitindo ainda uma alusão jocosa a coisas agradáveis que, em regra, são suprimidas”.

Essa observação nos parece muito precisa, pois, em nossa prática clínica, sobretudo com os chamados casos limítrofes, por vezes notamos essa dinâmica psíquica, na qual a pessoa utiliza de piadas para falar de experiências e afetos muito penosos e doloridos para ela. A fala circula como se estivesse narrando um sonho, passando por cenas “reais” que resgata de seus traços mnêmicos, sendo mescladas com conteúdos fantasmáticos, nas quais cenas insólitas se apresentam, geralmente com o tom divertido da piada que diz sobre mortes, perdas diversas e sofrimentos. Parece-nos que a pessoa acessa camadas distintas do seu mundo psíquico interno, no qual o traumático retorna num sorriso em busca de elaboração.

Posto isso, apresentamos os principais fatores etiológicos das psicoses maníaco-depressivas elencados por Abraham. O psicanalista indica que, se a pessoa apresentar todos os fatores juntos, tenderá a uma melancolia, a saber:

- 1) Fator constitucional: não existe herança hereditária direta, mas o que é herdado é uma exacerbação do erotismo oral, a qual está presente nas famílias;
- 2) Uma fixação da libido no nível oral: as pessoas vivenciam uma intensificação constitucional de seu erotismo oral e se tornam exigentes na gratificação de sua zona erógena, reagindo com acentuado desprazer a experiências de frustração dessa satisfação; assim, apresentam um prazer excessivo no ato de sugar, o qual persiste de diversos modos, além de obterem elevado prazer no ato de comer. Pessoas que têm a sua libido fixada neste ponto, mesmo quando adultas, tornar-se-ão mais propícias a experienciarem uma depressão melancólica.
- 3) Uma ferida grave no narcisismo infantil, provocada por sucessivos desapontamentos com os objetos investidos; experiências ligadas ao desapontamento da exigência de amor da criança, à impressão de ter sido abandonada e as repetidas tentativas, por vezes frustradas, de obter amor do objeto investido.

Sobre essa profunda ferida produzida no narcisismo infantil e os sucessivos desapontamentos, destacamos uma observação fundamental realizada por Mezan (1999, p.90), a saber:

Este elemento é novo, e se deve a Abraham. É uma adaptação da ideia do trauma, que priva por assim dizer a criança dos seus objetos orais, e também dos seus objetos de amor. Ele chega a dizer aqui que essa decepção frequentemente é bilateral, isto é, concerne ao pai e à mãe. Não é só o abandono pela mãe, mas um tipo de trauma no qual o pai não é capaz de reparar a ausência materna, ou o contrário; a criança se vê então presa de um sentimento de abandono extremamente doloroso e intenso. Se isso ocorrer na fase oral, ela reagirá a isso no modo oral, ou seja, com extrema avidez e tentando abarcar o que lhe passa pela frente, desenvolvendo os mecanismos de introjeção patológica: isto porque a maneira de não perder, nesse momento, é comer, como se isto fosse uma defesa. A isso Abraham chama a decepção primária da infância.

4) A vivência de um intenso desapontamento amoroso na relação com os objetos antes que os desejos edipianos tivessem sido superados: nesse estágio os desejos incestuosos da criança se acham em plena atividade, mas as forças repressivas ainda não ganharam o controle sobre seus impulsos edipianos; nessa época os seus impulsos sádico-orais ainda se encontram com plena força, estabelecendo-se uma associação permanente entre o seu complexo de Édipo e o estágio canibalesco de sua libido; e isso facilitará uma introjeção de ambos objetos investidos, primeiro a mãe, depois o pai – ou seus substitutos.

5) A repetição dos desapontamentos infantis na vida ulterior a partir de novas experiências traumatizantes, as quais detêm força o suficiente para desencadear uma depressão melancólica.

Desse modo, conforme enfatiza Abraham (1924/1970, p.120), a psicogênese da melancolia se acha profundamente vinculada aos desapontamentos na vivência da relação com os objetos investidos pela criança. Pessoas que passam por essa experiência podem, ao longo da vida, desenvolver sentimentos hostis muito intensos para com as pessoas que em algum momento frustram a sua necessidade narcísica de amor, de modo que todos esses desapontamentos na vida ulterior se tornam a repetição do desapontamento original que a criança sentiu com o objeto de amor. Nesse sentido, toda a ira da pessoa, em verdade, se encontra dirigida contra um único objeto, ou seja, “contra a pessoa de quem mais gostara em criança e que então deixara de ocupar essa posição em sua vida”, daí a chave fornecida por Freud, em “Luto e melancolia”, quando

demonstra que as autoacusações do melancólico são na realidade dirigidas contra o objeto amado que a pessoa abandonou.

Importante destacarmos que as autoacusações e autocríticas do melancólico, no processo de introjeção, assume duas formas que passam a atuar em conjunto. Primeira forma: a pessoa introjeta o seu objeto amado original e sobre ele constrói o seu eu ideal, e nessa dinâmica o objeto passa a ocupar o papel da consciência dela em seu espaço psíquico interno inconsciente, mas uma consciência que lhe é patológica, inclusive a autocrítica emana desse objeto introjetado. Na segunda forma, o conteúdo das autoacusações representa, em verdade, uma crítica severa ao objeto introjetado. Inclusive, quando considerada a figura materna no desenvolvimento dessa hostilidade do melancólico contra o seu objeto, Abraham destaca que a retirada do seio materno pode ser vivenciada como uma forma de castração, e assim gerar fantasias com um caráter ambivalente, as quais envolvem a incorporação total ou parcial da mãe, representando um desejo positivo; e, por outro lado, a sua castração ou morte, representando um desejo negativo e destrutivo dela.

Segundo Mezan (1999), essa dinâmica pulsional e objetual, com tendências opostas que permanecem dentro da libido, envolvendo diferentes formas de satisfação da pulsão, como conservar e dominar, expulsar e rejeitar, compõe “modos de gozo libidinal” que, assim, podem envolver elementos de destruição, por meio da pulsão sádica oral e anal, como morder, triturar e despedaçar, visando o domínio e o controle do objeto investido. O autor indica que essa reflexão constituirá os temas clássicos do pensamento kleiniano, algo que Abraham já pensava, mesmo que embrionariamente, anos antes de Klein.

Em suma, quando é comparada a dinâmica psíquica da melancolia com as neuroses obsessivas, os estados maníaco-depressivos são intermitentes e sujeitos a recaídas, e representam a expulsão repetida do objeto amado em certos intervalos de tempo. As neuroses obsessivas possuem um caráter mais crônico, com algumas remissões, e mantêm uma tendência dominante de manter a posse do objeto. Nesse sentido, cada estado psíquico tem uma atitude inconsciente distinta do crime que não foi cometido na realidade. Na melancolia o crime é executado de tempos em tempos, e na neurose obsessiva existe uma luta constante para que o crime não seja cometido, num jogo de forças entre cometer e inibir esse ato, no qual a inibição é mais poderosa.

A seguir, no próximo e último tópico deste capítulo, buscaremos apresentar as principais elaborações teóricas de Abraham acerca do desenvolvimento do amor objetual,

pelas quais o psicanalista retoma alguns pontos de sua reflexão sobre a formação das psicopatologias, inclusive a melancolia e a neurose obsessiva, mas aqui o psicanalista enfatiza e trabalha a dinâmica das origens e o desenvolvimento do amor objetual nessas afecções, e também amplia a sua reflexão para outros funcionamentos psíquicos, tais como: esquizofrenia, cleptomania, perversões sexuais, paranoia e a histeria.

3. Desenvolvimento do amor objetual

A partir da elaboração teórica supracitada no tópico anterior, Abraham amplia a sua perspectiva de análise objetivando conhecer os modos pelos quais ocorrem as origens e o desenvolvimento do amor objetual, mais uma vez tomando como referência a dinâmica pulsional e objetual, visando compreender as formas específicas de relações e investimentos com os objetos investidos, tomando como referência as formações psicopatológicas. Nesse sentido, o psicanalista busca compreender a ontogênese do amor objetual, ou, noutras palavras, o desenvolvimento da pessoa por meio de uma relação específica com o seu objeto de amor. Assim, utiliza como referências as divisões na fase do desenvolvimento da libido, mas sobretudo busca compreender a natureza específica das relações de objeto em articulação com as noções de narcisismo e incorporação/introjeção, sendo essas duas últimas noções os protótipos da identificação.

Nessa direção, recapitulando as fases e as divisões do desenvolvimento libidinal, em ordem de desenvolvimento: I-Fase oral primitiva (sucção); II-Fase oral posterior (canibalesca); III-Fase sádico anal-primitiva (expulsiva); IV-Fase sádico-anal posterior (retentiva); V-Fase genital inicial (fálica); Fase genital final; Abraham indica que, a partir dessa divisão interna das fases oral e anal; bem como com a divisão realizada por Freud da fase genital, entre genital inicial fálica e genital final, foi possível conhecer as especificidades e as modificações sofridas pelo indivíduo em sua relação com o objeto, a partir de sua etapa de desenvolvimento, mas principalmente a partir de sua meta de satisfação sexual com o objeto. Desse modo, essa análise também esclarece de maneira mais satisfatória a relação entre certos adoecimentos e determinados níveis de desenvolvimento psicosexual.

Então, partindo das divisões da fase da libido, o psicanalista põe essa elaboração teórica para trabalhar e a articula com os apontamentos de Freud acerca da relação da pessoa com seu objeto, a qual se encontra dividida em três fases, a saber: a fase

autoerótica, representando os momentos iniciais da vida humana, nos quais ainda não se possui um objeto de amor; a fase narcísica, na qual a criança se torna o seu próprio objeto de amor; e, por fim, a fase na qual já existe um objeto de amor, no sentido de o objeto ser percebido e mantido no mundo externo.

A partir dessas elaborações teóricas, Abraham parte das “neuroses narcísicas” para buscar compreender o desenvolvimento do amor objetual nesses casos. Importante destacarmos que, conforme nos indicam Laplanche e Pontalis (2016), no período em que Abraham realizava essa investigação, em meados dos anos de 1920, Freud tinha restringido o uso da expressão “neuroses narcísicas” às afecções do tipo melancólico (maníaco-depressivos), diferenciando-a das neuroses de transferência (histeria e neurose obsessiva) e das psicoses (paranoia e demência precoce ou esquizofrenia).

Desse modo, partindo das neuroses narcísicas e, inclusive, aprofundando alguns pontos as reflexões indicadas no tópico anterior deste trabalho, Abraham busca compreender as psicoses e as neuroses de transferência, trazendo o funcionamento psíquico dos seguintes quadros: esquizofrenia, melancolia, cleptomania, paranoia, perversões sexuais, neurose obsessiva e histeria. Inclusive, para o psicanalista, essas afecções ganhariam essa “ordem de desenvolvimento” progressiva no interior das “fases da organização da libido”. Ou seja, a esquizofrenia representaria um funcionamento bem mais regredido, tanto em termos de fase libidinal quanto de investimentos objetais, quando comparada, por exemplo, à histeria. Aqui, uma nota importante, apesar dessa elaboração teórica de Abraham considerar as “afecções” numa “ordem progressiva”, lembramos que, conforme nos indica Mezan (1999, p.67),

A progressão tem uma ordem fixa e imutável: fase oral 1 e 2; fase anal 1 e 2; fase fálica, fase genital; não dá para atravessá-las de outro jeito. Já a regressão não: o indivíduo pode estar na fase genital, e por razões A, B ou C experimentar uma regressão para a fase oral, sem passar pela anal. Especialmente se se pensar, como Abraham faz, cada vez menos em termos de etapas cronologicamente delimitadas, e cada vez mais como modos de apreensão de objeto ou, para usar o termo consagrado, como modos de relação de objeto.

Desse modo, Abraham parte do nível primário da fase oral, a fase oral primitiva, para compreender o funcionamento da demência precoce ou esquizofrenia. O psicanalista lembra que, nessa fase, a libido da criança está ligada ao ato de sugar sem promover o fim da existência do objeto, pois a criança ainda não consegue distinguir o seu objeto externo. Inclusive, Eu e objeto são noções ausentes nesse nível de

desenvolvimento. Nesse sentido, não existe uma diferenciação entre a criança e o seio materno. Também, aqui, a criança ainda não possui sentimentos de ódio e amor, estando livre da ambivalência. Temos, então, o narcisismo primário nesse primeiro momento.

Fenichel (1981) corrobora Abraham, afirmando que, nesse período de desenvolvimento, o bebê parte de um “narcisismo primário” em que os sistemas do aparelho psíquico, Isso, Eu, Supereu, ainda não estão diferenciados entre si e também não existem objetos. O Eu só começa a se diferenciar com a descoberta dos objetos, no sentido do Eu só existir na medida em que está diferenciado dos objetos que não são o Eu. Segundo o autor, o esquizofrênico regride ao narcisismo dos primeiros anos de vida, representando um retorno ao tempo em que o eu ainda não estava estabelecido, ou seja, regride aos primeiríssimos anos do bebê. Desse modo, ele perde os seus objetos e se separa do mundo externo, colapsando o seu juízo da realidade, uma função básica do eu. Com isso, os esquizofrênicos podem vivenciar afetos muito intensos, típicos de um colapso do fim do mundo, experimentando angústias de fragmentação e desintegração ao sentirem que perdem a sua existência corporal e psíquica.

Nesse sentido, Abraham indica a fase do autoerotismo do amor objetual na esquizofrenia, e aqui a pulsão não está dirigida para os objetos, mas satisfaz-se no próprio corpo, mais especificamente nos próprios órgãos das quais são fonte. Conforme destacam Laplanche e Pontalis (2016), ao separar-se da pulsão de autoconservação, a pulsão sexual obtém satisfação sem o objeto, ou seja, no funcionamento do autoerotismo não há nenhum caminho pré-formatado que leve o sujeito para um objeto determinado. Não existe, inclusive, uma organização de conjunto, na qual as mais diversas pulsões se satisfazem por conta própria ao nível de cada zona erógena, tratando-se, assim, de uma fase anárquica da libido.

Ademais, em relação às inibições ligadas aos destinos e às satisfações pulsionais com os objetos, Abraham indica que na fase oral primitiva não existe a dinâmica das inibições, em função da ausência de relações de objeto. Segundo Laplanche e Pontalis (2016), Freud indica sobre a noção de inibição em 1921, no “Psicologia das massas e análise do eu”, e a utiliza para compreender a meta de satisfação pulsional, visando explicar os sentimentos de ternura e afeição entre pais e filhos, nos laços afetivos de um relacionamento amoroso, nos sentimentos de amizade etc, que na origem tinham outras metas sexuais. A pulsão, sob o efeito de obstáculos externos ou internos não atinge o seu modo direto de satisfação, ou seja, a sua meta, e encontra uma satisfação substituta ou mesmo atenuada que podem ser consideradas como aproximações da meta primitiva.

Por sua vez, na segunda fase da organização libidinal, temos a Fase oral posterior (canibalesca). Como vimos anteriormente, o melancólico regride ao nível mais primitivo da fase anal, a da expulsão, mas não se detém aí, regride para uma fase mais arcaica, a fase oral-canibalesca, com a meta de incorporar o objeto em si próprio. Em relação à inibição, segundo o psicanalista, temos nesse estágio o funcionamento narcísico com uma meta de satisfação sexual canibalesca, com o surgimento da primeira inibição pulsional sob a forma de uma angústia mórbida.

Desse modo, na melancolia, a capacidade da pessoa para o amor de objeto é mal desenvolvida, de modo que, quando adoece, o melancólico se volta para a incorporação de seu objeto de uma maneira canibalesca, devorando o seu objeto em sua totalidade. Pelas palavras de Abraham (1924/1970, p.146),

O canibalismo completo e irrestrito só é possível na base do narcisismo irrestrito. Em tal nível, tudo o que o indivíduo leva em conta é o seu próprio desejo de prazer. Não presta qualquer atenção aos interesses de seu objeto e destrói esse objeto sem a menor hesitação

Fenichel (1981) enfatiza que, a partir dessa dinâmica psíquica destacada por Abraham, surgem fantasias canibalescas envolvendo pessoas que são devoradas. Assim, a introjeção não seria apenas uma tentativa de anular a perda do objeto. Esse mecanismo de torna, ao mesmo tempo, a tentativa de realizar uma união mística com um objeto externo onipotente. Busca-se se tornar um com o objeto perdido, transformando-se a si próprio e ao objeto introjetado em uma substância única e comum, fazendo com que o mundo exterior flua para o interior do eu, promovendo sentimentos narcísicos pela sensação de união com essa força onipotente externa. No entanto, a ambivalência promove um significado intensamente hostil nessa dinâmica de introjeção, promovendo uma união repleta de castigos, pelo qual o Supereu ataca violentamente o Eu. Esse ataque era voltado, originalmente, contra o objeto investido. Assim, a introjeção estaria na base da depressão, tornando-se um mecanismo oposto ao mecanismo de defesa da projeção, pois as características más do objeto não são percebidas, sobretudo porque se teme o ódio que isso poderia despertar, então passam a ser percebidas como próprias do eu. Assim, conforme nos diz o autor (1981, p.370),

Por força desta introjeção, parte do eu do paciente se terá tornado objeto, conforme disse Freud, ‘a sombra do objeto caiu sobre o eu’.

Esta identificação, em contraposição, à identificação histérica, temos de chamá-la de identificação narcísica, visto que, no caso, o objeto é de todo substituído por uma alteração no eu.

Abraham também aloca nessa segunda fase oral, a fase oral posterior (canibalesca), outro funcionamento psíquico, a saber: a cleptomania. Apesar de ser o mesmo estágio ao que regrid o melancólico, o psicanalista considera que esse quadro apresenta diferenças significativas em suas relações objetais, desenvolvendo o amor objetual de maneira mais resolvida. Ele indica que essa afecção envolve a tendência ativa de castração dirigida contra o objeto, meta inconsciente dos furtos representam despojar o objeto de sua posse, que é invejada, de maneira a se identificar com a parte roubada do objeto. Segundo Abraham, essa dinâmica envolve o complexo de castração, no sentido de tomar por força aquilo que me foi retirado ou subtraído, a pessoa pode então possuir aquela parte desejada do corpo do objeto, tornando-se igual a ele.

A pessoa pode se afastar de um amor objetual “normal” e “completo” por meio de uma regressão a partir desse modo de relação de objeto, demonstrando uma forma incompleta de amor. No entanto, a sua meta de satisfação pulsional não é incorporar o objeto de amor como um todo, devorando-o, como faz o melancólico, mas arrancar a mordidas e engolir apenas uma parte dele. Isso feito, identifica-se com essa parte por meio de uma incorporação parcial de objeto. Trata-se, assim, de uma incorporação parcial canibalesca. Aqui, torna-se importante precisarmos a noção de “complexo de castração”, pois Abraham vai utilizar essa noção para elucidar a cleptomania, conforme acompanhamos acima, mas também, e fundamentalmente, para buscar compreender o funcionamento da paranoia, das perversões sexuais, da neurose obsessiva e da histeria, conforme veremos a seguir.

Segundo Laplanche e Pontalis (2016), o complexo de castração fica centrado em torno da fantasia de castração e pode fornecer uma resposta à criança acerca do enigma dos sexos, no sentido da presença ou ausência do pênis. O efeito é diferente para meninos e meninas. O menino teme e sente profunda angústia pela fantasia que envolve a possibilidade de ser castrado, devido aos seus desejos sexuais. Essa castração seria realizada por quem ocupa uma posição paterna. Por sua vez, a menina sente a ausência do pênis como um dano sofrido, sendo algo que ela procura negar, compensar ou reparar. Temos também uma série de efeitos ligados à posição de inveja, como a “inveja do pênis”, ou mesmo a sua ligação com um complexo de inferioridade. O complexo de castração também se coloca em estreita relação com o complexo de Édipo, o qual

envolve uma função de interdição e imposição devido às normas impostas pela cultura, e também, fundamentalmente, envolve uma série de desejos amorosos e hostis que a criança sente em relação aos seus pais ou cuidadores.

Outrossim, Laplanche e Pontalis (2016,p.74) destacam que o complexo de castração situa a angústia de castração em uma série de experiências que podem ser traumatizantes, sobretudo àquelas que envolvem perda e separação de objeto, por exemplo, desmame, defecação etc, e “pelas equivalências simbólicas, identificadas pela psicanálise, entre os diversos objetos parciais de que o sujeito é assim separado: pênis, seio, fezes, e mesmo a criança durante o parto”. Essas equivalências simbólicas ganham especial importância na construção teórica proposta por Abraham, sobretudo entre os objetos parciais pênis, seio e fezes.

Seguindo com a elaboração de Abraham, o psicanalista busca elucidar o funcionamento paranoico a partir da noção de regressão narcísica, mas não uma regressão completa, pois, nesse estágio do desenvolvimento dos níveis de amor objetal, já existe a capacidade do objeto de amor, mesmo que ainda esteja imperfeitamente desenvolvida. Ou seja, mesmo em parte, o objeto já é localizado no mundo externo. Ele localiza o funcionamento da paranoia na terceira fase da organização libidinal, qual seja, a Fase sádico-anal primitiva, com incorporação parcial do objeto.

O estágio desse desenvolvimento se localiza “em alguma área entre o narcisismo e o objeto de amor”. A meta de satisfação não é incorporar o objeto como um todo, mas apenas uma parte dele; ocorre, também, uma identificação com a parte. Desse modo, considerando essa regressão narcísica, e esse estágio, temos a presença de um estado de ambivalência em relação ao objeto, mas aqui as tendências destrutivas já encontram alguma limitação. Ademais, nesse estágio, a meta sexual do indivíduo pode ser privar o seu objeto de uma parte do seu corpo, ou seja, ataca a sua integridade sem destruir a existência do objeto. Assim, em relação à inibição, a fase sádico anal primitiva envolve o processo de superação dos impulsos canibalescos que se associam a um sentimento de culpa, promovendo a inibição da pulsão sexual, mas isso não impede a meta de incorporação de parte do objeto.

Apresenta-se, então, uma ambivalência que se expressa na fantasia, a qual passa a conter afetos hostis e também afetos amistosos, manifestando assim o desejo de poupar a existência do objeto, à exceção de uma parte, a qual deseja manter para sempre como de sua propriedade. Essa dinâmica psíquica põe em movimento um “impulso de incorporação parcial do objeto”, ou, noutras palavras, um canibalismo parcial do objeto.

Nesse ponto não ocorre o canibalismo completo típico da melancolia, mesmo quando se considera que o paranoico ainda esteja distante de reconhecer a existência e amar o objeto em sua totalidade. Ou seja, essa elaboração teórica proposta pelo psicanalista indica pontos de reflexão acerca da relação parcial ou total com os objetos investidos pela pessoa, inclusive considerando a dinâmica pulsional e objetual envolvida, e isso favorece a compreensão das manifestações clínicas que surgem no cotidiano do trabalho clínico. Pelas palavras de Abraham (1924/1970, p.146-147),

No nível do canibalismo parcial podemos ainda detectar os sinais de sua descendência do canibalismo total, embora, sem embargo, a distinção entre os dois seja nitidamente acentuada. Nesse nível posterior, o indivíduo mostra os primeiros sinais de ter algum cuidado com o seu objeto

Ademais, nesse nível, o psicanalista destaca que, esse cuidado, mesmo sendo parcial, indica os “primórdios do objeto de amor”, e isso demonstra que a pessoa começou a dominar o seu narcisismo, desistindo da meta puramente narcísica de praticar o canibalismo completo, representando um movimento importante nas relações objetais vivenciadas pela pessoa, mesmo quando se considera que ela ainda não consegue amar o objeto em sua totalidade, mas, sim, dirige o seu desejo para a remoção de uma parte do corpo desse objeto, visando incorporá-lo. Mas o fato fundamental é que a pessoa limita o seu narcisismo e não pratica o canibalismo completo em sua fantasia inconsciente. Desse modo, no funcionamento da paranoia, os delírios de perseguição podem representar, em sua fantasia inconsciente, as fezes nos intestinos, que ficaram identificadas com a parte incorporada do ‘perseguidor’.

Segundo Abraham, na paranoia o perseguidor pode ser representado por uma parte do corpo do próprio paranoico, e ele passa a acreditar que carrega essa parte dentro de si, e tenta se livrar dessa parte, mas não consegue. Quando o paranoico perde as suas relações libidinais com o objeto amado, e mesmo com os objetos em geral, ele busca compensar essa perda reconstruindo esse objeto, e nessa reconstrução o paranoico incorpora uma parte do objeto investido, ou seja, trata-se de uma incorporação parcial do objeto, mas tende a fazer pela via anal – o psicanalista, inclusive, deixa indicado que também poderia ser uma introjeção oral, igualmente parcial –. Importante destacarmos que, apesar de soar estranho dentro do esquema proposto por Abraham, ele dizer de uma incorporação anal, o fundamental para o psicanalista é a relação objetual, ou, como nos indica Mezan, “o que permite diferenciar uma coisa da outra não é a zona erógena

envolvida, mas o que acontece com este objeto; pode haver uma incorporação oral pelo ouvido, por exemplo” (1999, p.71).

Assim, em termos de relações objetais, temos o “amor parcial com incorporação”, pelo qual o objeto investido é representado como uma parte de si próprio, e a pessoa tem uma atitude ambivalente em sua relação com essa parte do corpo, pela qual ela deseja (pois foi incorporado em parte) e rejeita essa parte ao mesmo tempo. Ou seja, no nível de desenvolvimento psicosssexual em que se encontra, o paranoico pode vivenciar intensa ambivalência afetiva. Nessa dinâmica, presente nas fantasias inconscientes e nos delírios, o objeto amado pode se tornar o equivalente às fezes, da qual não pode se livrar. O sofrimento se apresenta porque essa parte do objeto – assim como no melancólico o objeto como um todo – exerce um contínuo poder despótico a partir de dentro, ou seja, a partir do seu mundo interno.

Nesse ponto, torna-se importante destacar a diferença do funcionamento de incorporação do melancólico, o qual incorpora o objeto por vias orais, no nível canibalesco, introjetando a totalidade de seu objeto, enquanto o paranoico apenas introjeta uma parte do mesmo por vias anais. Desse modo, conforme nos indica Abraham “a respeito do seu objetivo [meta de satisfação da pulsão] sexual a libido do paranoico regride ao primeiro dos dois estágios sádico-anais, enquanto que a respeito de sua atitude para com o objeto ela retorna até o estágio da introjeção parcial” (1924/1970, p.148).

Aqui, totalidade e parcialidade falam de níveis progressivos de experiências afetivas com as relações objetais, indicada pelo uso alternado das noções de incorporação e introjeção, pois, conforme Laplanche e Pontalis, apesar de os dois termos serem utilizados como sinônimos em algumas ocasiões por Freud, e mesmo por Abraham, convém manter uma distinção, pois se a incorporação se refere ao protótipo de toda e qualquer separação de um interior e exterior do corpo; a introjeção, apesar de manter a sua ligação com o corpo, sobretudo caracterizada pela sua ligação com a incorporação oral, diz de uma dinâmica psíquica mais ampliada e complexa, pois já não é apenas o interior ou exterior do corpo em questão, mas o interior do aparelho psíquico ou de uma instância psíquica, tanto que se pode dizer de introjeção no Eu, no Ideal do Eu etc. Portanto, envolvem fantasias, inclusive ambivalentes, em relação aos objetos. Ademais, os autores (2016, p.249) vão afirmar que a noção de introjeção, – conforme, inclusive, estamos acompanhando nesta exposição – desempenha um papel fundamental na elaboração teórica de Abraham, assim como na de M.Klein, pois esses psicanalistas

“falam essencialmente de objetos introjetados, e parece com efeito que o termo deveria ser reservado para os casos em que estão em causa os objetos ou qualidades que lhe são inerentes”.

Retomando a reflexão de Abraham, apesar de não aprofundar o tema, o psicanalista também apresenta algumas notas acerca do funcionamento das perversões sexuais, a partir dessa perspectiva pulsional e objetal, e, buscando compreender o desenvolvimento do amor objetal nesses casos, relaciona as perversões com a introjeção de parte do objeto. Ou seja, também localiza as perversões na terceira fase da organização da libido, a Fase sádico-anal primitiva. Como supracitamos, em “Psicologia das massas e análise do Eu”, Freud nos diz da identificação como a mais antiga manifestação de uma ligação afetiva com outra pessoa, o eu adota características desse objeto, e, especificamente no caso da identificação parcial, toma apenas um traço da pessoa-objeto. Abraham (1924/1970, p.149) parte dessa assertiva freudiana para dizer que o pênis ou o seio do objeto investido podem ser representados por outras partes do corpo, como cabelos, dedos do pé, nádegas, e isso abre uma perspectiva para compreensão do fetichismo, pois, para o fetichista, “a pessoa inteira é, frequentemente, apenas um apêndice accidental de determinada parte do seu corpo, que é a única a exercer atração irresistível sobre ele”. Essa dinâmica psíquica, para o psicanalista, demonstra a regressão da libido a um estágio de amor parcial de objeto. Apesar de não se estender nessa reflexão, o psicanalista indica alguns caminhos para a compreensão de funcionamentos psíquicos ligados às perversões sexuais.

Ademais, segundo Fenichel (1981), torna-se comum as perversões estarem combinadas com as neuroses e psicoses, inclusive com fixações em estágios pré-genitais comuns, e com um aumento da erogeneidade oral, anal, cutânea ou muscular. No entanto, tais fixações das perversões diferem dos outros estados, pois, geralmente, tem a sua origem na simultaneidade da satisfação sexual e de um sentimento de segurança e tranquilização, fruto da intensificação do narcisismo – aqui, sobretudo nas psicoses, pode ocorrer uma instabilidade da função do juízo da realidade –, que se opõe ao temor inibitório.

Seguindo a reflexão a partir dessa perspectiva “progressiva” elaborada por Abraham, temos, por sua vez, a neurose obsessiva. Como vimos no tópico anterior deste trabalho, o psicanalista aloca a neurose obsessiva na quarta fase da organização libidinal, qual seja: Fase sádico-anal posterior. Busca, então, compreender esse quadro a partir do seu estágio de desenvolvimento do objeto de amor em sua ligação com a fase

anal da libido, indicando que o obsessivo já poupa consideravelmente o seu objeto. Para o psicanalista (1924/1970, p.150) a libido do obsessivo ainda se acha vinculada a uma parte de seu objeto, “mas ele abandonou a tendência a incorporar essa parte; em vez disso, deseja dominá-la e possuí-la”, ou seja, deseja tornar essa parte do seu objeto como de sua propriedade¹. Mas o fundamental é que essa “propriedade” do objeto é exteriorizada. Assim, o neurótico obsessivo não apresenta uma incorporação por meio do ato de devorar, algo típico da dinâmica psíquica melancólica, ele situa e percebe o objeto localizado fora de seu corpo, reconhecendo e resguardando a existência do mesmo. Com essa dinâmica, e nessa fase de desenvolvimento do amor objetual, ocorre uma alteração importante para a adaptação da pessoa ao seu mundo externo, mesmo quando se considera as fantasias e as angústias de castração ativas e passivas que sofre o obsessivo, e mesmo a sua peculiar atitude em questões de posse, pois a pessoa, ao atingir esse estágio do desenvolvimento da libido, torna possível a propriedade conjunta de um objeto, enquanto que o devorar o objeto se encontrava reservado para apenas uma pessoa.

Para Abraham, as imagens de castração vivenciadas pelo neurótico obsessivo, como por vezes indicam os sonhos relatados com dentes que caem, cabelos sendo cortados etc, e as suas questões relativas à posse, indicam uma conexão desse funcionamento psíquico com um estágio de amor parcial de objeto. Inclusive, o psicanalista destaca que o inconsciente da pessoa adulta, mesmo na pessoa “sadia”, contém muitos traços de fases anteriores da sua vida psicosexual, e especialmente o estágio de amor parcial deixa muitos vestígios no inconsciente. No caso do obsessivo, que toma uma parte do objeto ou um traço dele, como sendo de sua propriedade e, inclusive, comparando essa parte do objeto com o seu próprio corpo, pode indicar uma estima narcísica elevada da pessoa e uma prova de amor. Portanto, quando se considera

1- Interessante destacarmos como Abraham (1924/1970, p. 150) relaciona esse funcionamento psíquico, que visa garantir a propriedade do objeto, mesmo quando se considera um objeto parcial, com o fato de as crianças tentarem manter o contato com um objeto investido por elas, inclusive para garantir a sensação de segurança promovida por esse objeto, e podemos dizer, da própria criança. “Frequentemente notamos como a criança leva consigo para a cama, à noite, um objeto que lhe é especialmente caro e dorme em cima dele”. Aqui, como uma sucinta nota, destacamos que, com o desenvolvimento das teorias pós-freudianas relacionadas ao pensamento das relações de objeto, essa constatação de Abraham é trabalhada em maior profundidade, gerando inclusive operadores conceituais, como, por exemplo, o “objeto transicional” elaborado por Winnicott.

a ambivalência na neurose obsessiva, apresenta-se, além de uma pulsão sádica dirigida ao objeto, voltada para a posse e o controle do mesmo; também se apresenta uma atitude benevolente e conservadora do objeto investido. Ou seja, em relação à inibição, na fase de desenvolvimento em que o obsessivo se encontra, as metas canibalesca e expulsiva das fases anteriores são abandonadas, sendo inibida pelo surgimento de sentimentos de piedade em relação ao objeto.

Indicamos agora a compreensão de Abraham acerca da histeria. Ele localiza esse quadro na quinta fase da organização da libido, a Fase genital inicial (fálica). Segundo o psicanalista, na histeria ainda persiste a ambivalência afetiva em relação ao objeto, sobretudo com a tendência hostil presente no desejo de castrar o seu objeto, mas aqui a pessoa já se autoriza a amar o objeto. No entanto, pela proibição do incesto, não pode desejar o seu objeto de amor em seu sentido genital, e isso envolve uma atitude positiva em relação ao objeto, no sentido de reconhecê-lo como exterior e poupar a sua existência, mas, fundamental, esse movimento psíquico só pode ocorrer com a exclusão dos genitais do objeto investido. A pessoa pode, inclusive, identificar a totalidade dela própria com essa parte excluída do corpo do objeto, representando em fantasia algo que lhe falta. Nesse sentido, todo o objeto pode ser investido e amado, com exceção de uma parte. Em relação à inibição, podem predominar os sentimentos de vergonha.

De acordo com Abraham (1924/1970, p.153), essa dinâmica representa a expressão típica do funcionamento psíquico da histeria. No caso específico das relações de objeto, temos “um estágio de amor objetal com a exclusão dos órgãos genitais. A rejeição da zona genital aplica-se ao próprio corpo do indivíduo, assim como à de seu objeto”. Ou seja, a pessoa não consegue amar completamente o seu objeto pela presença dos órgãos genitais, mas o restante do objeto pode ser amado e preservado. Um dos sintomas pode ser a inibição da libido em ambos os sexos, advindo da castração, podendo gerar impotência nos homens e frigidez nas mulheres, sobretudo quando se considera que os órgãos genitais podem ser a parte do corpo mais intensamente investida. Assim, considerando o complexo de castração, em ambos os sexos, “a ansiedade [angústia] sobre seu próprio órgão masculino e o horror da ausência de tal órgão na mulher, provocam, no homem, quase o mesmo resultado causado na mulher pelo seu sofrimento, ainda não vencido, por ter sido privada de seus genitais e por seus desejos de castração dirigidos contra o homem”. Para o psicanalista, essa dinâmica ocorre na fase da organização fálica da libido.

Por fim, na última fase da organização libidinal, temos a fase genital final. Aqui, Abraham não desenvolve muitas reflexões, talvez por considerar que, nesse período de desenvolvimento, a pessoa funciona em seu estado “normal”. Mas importante destacarmos que, para o psicanalista, nessa fase já se encontra presente o amor do objeto total, pela qual o sujeito lidou satisfatoriamente com a sua ambivalência e, a partir dessa conquista, os sentimentos amorosos da pessoa superaram os hostis na sua relação objetual, mesmo que esses últimos continuem atuantes. As formações reativas diminuem ou mesmo desaparecem e a sublimação é exercida, isso favorece a manutenção das relações objetuais da pessoa, bem como o seu convívio e a sua adaptação social em um sentido mais ampliado. Trata-se, portanto, da fase mais elevada, na qual a ambivalência não está presente na vida emocional do sujeito a ponto de desorganizá-lo ou adoecê-lo. Ou seja, é uma fase pós-ambivalente. “Dessa maneira, vemos que a obtenção do nível mais alto da organização da libido vai lado a lado com o passo final dado na evolução do amor objetual” (Abraham, 1924/1970, p.153).

Em suma, nesse capítulo apresentamos algumas das principais contribuições teóricas propostas por Abraham ao campo psicanalítico. Para o nosso recorte de análise, trata-se de trabalhos que demonstram como o objeto ganha um outro estatuto na construção teórica desse autor e, num sentido mais amplo, da própria teoria psicanalítica que se desenvolvia, sobretudo a partir das noções de narcisismo e identificação, e aqui os ensaios freudianos “Introdução ao narcisismo” e “Luto e melancolia” se tornam fundamentais para compreendermos tais elaborações teóricas, bem como os seus posteriores desdobramentos a partir da virada dos anos vinte, nos quais ganham ênfases os processos de estruturação das instâncias psíquicas a partir das relações objetuais. Especificamente com Abraham, em sua elaboração teórica, em estreito diálogo com o pensamento freudiano, temos a busca de uma compreensão da formação do caráter, das formações psicopatológicas e do desenvolvimento do amor objetual, pelo qual o psicanalista enfatiza o lugar e a dinâmica objetual, compondo assim uma teoria que está nas origens do pensamento das relações de objeto. Posto isso, a seguir apresentaremos as nossas considerações finais.

Considerações finais

Buscamos apresentar algumas das principais transformações pelas quais passou a constituição da teoria psicanalítica na era dos debates, destacando em nossa dissertação as primeiras tentativas de esboço de uma teoria do desenvolvimento psicosexual da personalidade na escola freudiana. Nossa intenção foi investigar e descrever as principais proposições de Freud e Abraham nos desdobramentos de uma teoria das pulsões em direção uma teorização sobre as relações de objeto.

Em nossa pesquisa, visamos destacar a fundamental importância de compreendermos a dinâmica pulsional e a relação de objeto como formas indissociáveis, estabelecidas ao longo do desenvolvimento libidinal. Não é possível separar estas dimensões sem um prejuízo para a compreensão teórica e clínica dos fenômenos abordados pela psicanálise. Assim, mecanismos como a incorporação, introjeção, narcisismo e identificação, vão demonstrando como a noção de objeto vai se tornando mais complexa, e ganhando importância, para o campo psicanalítico.

Nesse sentido, conforme nos indica Campos (2014, 2020), Abraham, partindo dessa articulação indissociável entre pulsão e objeto, realiza significativas contribuições ao campo psicanalítico na chamada era dos debates, quais sejam: 1) Do ponto de vista do desenvolvimento pulsional, o psicanalista sistematiza uma sequência de fases, ajudando a delimitar melhor a questão do sadismo, da ambivalência e das dinâmicas próprias das fases oral e anal; 2) Do ponto de vista das relações de objeto, discrimina melhor a passagem do autoerotismo para as relações de objeto propriamente ditas, demarcando gradações no âmbito do narcisismo e dando indicações sobre as configurações parciais e totais do par pulsão-objeto; 3) Procura integrar essas duas tendências do desenvolvimento em um quadro geral de pontos de fixação e regressão psicopatológicos, centrados na dinâmica dos destinos pulsionais em termos de inibições e fatores etiológicos complementares.

Ademais, segundo o autor, em articulação com as elaborações teóricas freudianas, Abraham é responsável pela tendência mais ortodoxa na era dos debates e que encontra na Psicologia do Ego e nos Anna freudianos um campo fértil de reconhecimento e desenvolvimento, o que pode ser atestado tanto pelo resgate que tem no manual de Otto Fenichel, “Teoria Psicanalítica das neuroses”, em quanto no recenseamento do campo psicanalítico de língua inglesa no começo da psicanálise contemporânea por Greenberg e Mitchell. Para Campos, as contribuições de Abraham,

contudo, não se limitaram a essa tendência mais ortodoxa e puramente desenvolvimentista, como em geral é lembrado e taxado, tendo trazido colaborações importantes para o desenvolvimento e ampliação da psicopatologia, bem como para o desenvolvimento do pensamento das relações de objeto.

Nesse sentido, é importante destacarmos que, apesar de suas fundamentais proposições acerca das relações objetais em articulação com a teoria pulsional, não há nos trabalhos de Freud e Abraham a utilização do termo “objetos internos”. No entanto, conforme indicam Merea (1994) e Ogden (2017), a construção teórica Freud, em seu exame da melancolia, diz de uma identificação com o objeto com o Eu, com tal intensidade e características narcísicas, que indica a presença de uma instância ou “agente” que faz parte do Eu, que pode prosseguir a sua existência intrapsíquica com independência de sua presença externa. Assim, no contexto das relações primitivas com os objetos externos, Freud passa a considerar o objeto como uma estrutura endopsíquica. Por sua vez, o trabalho do Abraham, que se estrutura dentro da teoria pulsional freudiana, atribuiu uma importância ainda maior ao papel e ao lugar do objeto no desenvolvimento da teoria da libido e nas fantasias inconscientes que, pela natureza identificatória, originam-se a partir das experiências vinculares com os objetos. Nessa direção, segundo os autores, essa articulação teórica proposta por Freud e Abraham constitui a estrutura teórica que fornece a base para o desenvolvimento de todas as teorias subsequentes relacionadas à teoria das relações objetais.

Por outro lado, cabe indicarmos outro efeito do desenvolvimento da teoria ou pensamento das relações de objeto. Segundo Laplanche e Pontalis (1960/2016), o uso contemporâneo da noção de objeto, quando utilizado sem a devida revisão da teoria freudiana da pulsão, modifica o equilíbrio entre estas dimensões teóricas. Com isso, a noção de objeto passa a ser simultaneamente uma noção englobante “holística” e tipificante da evolução da personalidade. Além disso, os autores destacam que, na medida em que a noção de relação de objeto acentua a vida relacional do sujeito, existe o risco de se considerar as relações reais com o meio como principais determinantes, e isso seria um desvio que deve ser recusado, pois “a relação de objeto deve ser estudada essencialmente ao nível fantasístico, entendendo-se evidentemente que as fantasias podem vir modificar a apreensão do real e as ações que se referem a ele” (Laplanche & Pontalis, 1960/2016, p.446).

Desse modo, com o desenvolvimento das escolas de psicanálise, o objeto tomou tamanha proporção que, como ressalta Green, na teoria das relações de objeto

substituiu-se “a orientação de ‘busca do prazer’ da atividade psíquica pela de ‘busca de objeto’” (1995, p.222). Essa modificação gerou diferentes noções de desenvolvimento, de psicopatologia e de manejo clínico psicanalítico em nossa contemporaneidade.

Uma das principais consequências desse fenômeno pode ser identificada numa pergunta lançada por André Green, já no final do século passado, foi ela: “sexualidade tem algo a ver com psicanálise?” (1995, p.217). Ela foi feita em uma conferência e surgiu quando o psicanalista advertiu os presentes sobre a falta de interesse pela sexualidade por parte dos psicanalistas. O efeito deste fenômeno é que a sexualidade, muitas vezes, não é mais percebida na escuta clínica, ou mesmo não é mais considerada como o fator principal no desenvolvimento infantil, nem determinante etiológico para compreensão psicopatológica, e, mesmo estando muito presente na clínica, acaba por ser tomada, enquanto manejo e técnica clínica, como uma defesa a ser interpretada em conjunto com outros aspectos ocultos “além” da sexualidade, ou como consequência de fatos ocorridos na infância, “antes” da sexualidade.

Essas questões parecem indicar a importância de, no manejo clínico, – respeitando-se os limites de uma articulação, bem como a complexidade das teorias – fazer operar os conceitos estruturados a partir do pensamento e da teoria pulsional e objetual. Nessa perspectiva, destaca-se a importância de se reconhecer o papel central da sexualidade infantil, das fases de desenvolvimento da libido, as fixações, as regressões, os processos narcísicos e identificatórios. Trata-se de uma *sobredeterminação* da realidade psíquica, este nos parece ser um ponto central, no que diz respeito àquilo que é da ordem da fantasia do sujeito, correspondendo à verdade do desejo. São estes os principais fatores que ordenam e organizam a relação do sujeito com a realidade, consequentemente, com a história vivenciada de relações de objeto, as quais, por meio de investimentos objetais e processos identificatórios com a alteridade, constituem o aparelho psíquico.

Posto isso, finalizamos as nossas considerações finais, indicando que o recorte de pesquisa desta dissertação surgiu por nosso interesse em uma articulação da teoria pulsional e o pensamento das relações de objeto, especialmente com os trabalhos de Abraham que apresentam a melancolia e a neurose obsessiva a partir dessa perspectiva. Atuamos profissionalmente na clínica, na qual chegam casos graves de melancolia, nosso desejo de realizar essa pesquisa surge desse lugar, uma vez que o trabalho desse psicanalista nos fornece *insights* fundamentais acerca do funcionamento desses casos, indicando a atualidade do seu trabalho.

Ademais, nessa direção, ao trabalhar de forma inédita as sobreposições e diferenças entre a melancolia e a neurose obsessiva, Abraham fornece observações que podem contribuir para as reflexões sobre a noção de estrutura, sobretudo tendo em vista a maior presença na clínica atual de dinâmicas ou patologias do narcisismo e os desafios revelados pela sua marcante instabilidade, por meio de quadros graves e híbridos da neurose e da psicose, como nos estados limites, *borderlines* ou psicossomáticos.

Por fim, ressaltamos que a presente dissertação possui limitações, inclusive pela complexidade e amplitude do tema investigado, mas acreditamos que a principal contribuição dessa investigação foi resgatar o trabalho de Karl Abraham, psicanalista da primeira geração com notável acuidade clínica e teórica.

Referências

ABRAHAM, K. Las diferencias psicosexuales entre la histeria y la demencia precoz. In: K. Abraham. **Psicoanálisis Clínico (1908-1994)**. Buenos Aires: Ediciones Hormé, 1994. p. 48-59.

ABRAHAM, K. La valoración narcisista de los procesos excretorios en los sueños y en la neurosis. In: K. Abraham. **Psicoanálisis Clínico (1920-1994)**. Buenos Aires: Ediciones Hormé, 1994. p. 243-246.

ABRAHAM, K. Notas sobre as investigações e o tratamento psicoanalítico da psicose maníaco-depressiva e estados afins. In: K. Abraham. **Teoria psicanalítica da libido: sobre o caráter e o desenvolvimento da libido (1911-1970)**. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1970. p. 32-50.

ABRAHAM, K. O primeiro estágio pré-genital da libido. In: K. Abraham. **Teoria psicanalítica da libido: sobre o caráter e o desenvolvimento da libido (1916-1970)**. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1970. p. 51-80.

ABRAHAM, K. Contribuição à teoria do caráter anal. In: K. Abraham. **Teoria psicanalítica da libido: sobre o caráter e o desenvolvimento da libido (1921-1970)**. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1970. p. 174-195.

ABRAHAM, K. Breve estudo do desenvolvimento da libido, visto à luz das perturbações mentais. In: K. Abraham. **Teoria psicanalítica da libido: sobre o caráter e o desenvolvimento da libido (1924-1970)**. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1970. p. 81-160.

ABRAHAM, K. A influência do erotismo oral na formação do caráter. In: K. Abraham. **Teoria psicanalítica da libido: sobre o caráter e o desenvolvimento da libido (1924-1970)**. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1970. p. 161-173.

ABRAHAM, K. A formação do caráter no nível genital do desenvolvimento da libido. In: K. Abraham. **Teoria psicanalítica da libido: sobre o caráter e o desenvolvimento da libido (1925-1970)**. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1970. p. 195-205.

BIRMAN, J. **As pulsões e seus destinos: do corporal ao psíquico**. 3. ed. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2016.

BOCCHI, J. C. O corpo como ensaio para o amor e para a morte: narcisismo e desamparo em tempos de pandemia. **Revista Natureza Humana**, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 1-13, 2020.

CAMPOS, E. B. V. **Limites da representação na metapsicologia freudiana**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

CAMPOS, E. B. V. Constituição do eu e identificação narcísica: o debate entre Freud, Ferenczi e Abraham acerca da melancolia. **Sofia**, Vitória, ES, v. 9, n. 2, p. 12-42, dez. 2020. ISSN 2317-2339.

COELHO JUNIOR, N. E. Variações do lugar do objeto na psicanálise freudiana. In: L. M. SIMÃO; M. T. C. C. SOUZA; N. E. COELHO JUNIOR. **Noção de objeto, concepção de sujeito: Freud, Piaget e Boesch**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002. p. 11-52.

EDLER, S. Luto e melancolia. **À sombra do espetáculo**. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: S. Freud. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, (1905-1996)**. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996. v. VII.

FREUD, S. Introdução ao narcisismo. In: S. Freud. **Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros trabalhos. Obras Completas, (1914-2010)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. v. 12, p. 13-50.

FREUD, S. O instinto e suas vicissitudes. In: S. FREUD. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (1915-1996)**. v. XIV. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996.

FREUD, S. Luto e melancolia. In: S. FREUD. **Neurose, psicose, perversão, Obras Incompletas de Sigmund Freud. (1917-2016)**. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2016.

FREUD, S. Psicologia das massas e análise do eu. In: S. FREUD. **Psicologia das massas e análise do eu e outros textos. Obras Completas, (1921-2011)** São Paulo: Companhia das Letras, 2011. v. 15, p. 13-113.

FREUD, S. O eu e o id. In: S. FREUD. **O eu e o id, “autobiografia” e outros textos. Obras Completas, (1923-2011)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. v. 16, p. 13-74.

FREUD, S. Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. In: S. FREUD. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, (1932-1996)**. v. XXII. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996.

- FENICHEL, O. **Teoria psicanalítica das neuroses, (1945-1981)**. São Paulo, SP: Atheneu, 1981.
- GOLDENBERG, R. **Psicologia das massas e análise do eu. Solidão na multidão**. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2014.
- GREEN, A. Sexualidade tem algo a ver com psicanálise? **Livro anual de psicanálise**. São Paulo, SP: Escuta, 11, 1995. p. 217-229.
- GREENBERG, J. R.; MITCHELL, S. R. **Relações objetais na teoria psicanalítica, (1983-1994)**. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1994.
- HANNS, L. **A teoria pulsional na clínica de Freud**. Rio de Janeiro, Imago, 1999.
- JONES, E. Introdução. In: K. Abraham. **Teoria psicanalítica da libido: sobre o caráter e o desenvolvimento da libido (1926-1970)**. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1970. p.1-31.
- JUNQUEIRA, C. **Rumo à “metapsicologias dos limites”: o diálogo possível entre a teoria pulsional e a teoria das relações de objeto e algumas de suas consequências – Freud, Winnicott e Green**. Tese - Orientador: N. E. COELHO JUNIOR,. São Paulo, SP: USP. 2010.
- JUNQUEIRA, C.; COELHO JUNIOR, N. E. Limites e possibilidades de diálogo: a teoria pulsional e a teoria das relações de objeto. **Cadernos de Psicanálise**. 35 (29): 2013. p. 89-104.
- LAPLANCHE, J.;PONTALIS, J. B. **Vocabulário da psicanálise (1960-2016)**. 4. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes. 2016.
- MAY, U. In conversation: Freud, Abraham and Ferenczi on “Mourning and Melancholia” **The International Journal of Psychoanalysis, (1915-1918)**. 100(1): 2019. p 77-98.
- MEREA, E. C. Os conceitos de objeto na obra de Freud. In: W. BARANGER **Contribuições ao conceito de objeto em psicanálise**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994. p. 1-18.
- MEZAN, R. **O inconsciente segundo Karl Abraham**. São Paulo, SP: Psicologia USP, 10 (1), 1999. p. 55-95.
- MEZAN, R. **O tronco e os ramos: estudos de história da psicanálise**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2014.

NICÉAS, C.A. **Introdução ao narcisismo. O amor de si**, 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

OGDEN, T. Uma nova leitura das origens da teoria das relações objetais. **Livro Anual de Psicanálise XVIII**. São Paulo: Escuta Ltda, 2004. p. 85-98.

OGDEN, T. **A matriz da mente. Relações objetais e o diálogo psicanalítico**. São Paulo: Blucher, 2017. p. 278.

SANTOS, M. J. P.; FONTOURA, H. O. P; FARIA, C. G. Abordagem do caráter em psicoterapia. In: C. L. EIZIRIK; R. W. AGUIAR; S. SCHESTATSKY. **Psicoterapia de orientação psicanalítica. Fundamentos teóricos e clínicos**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2015. p. 477-492.

SIMÃO, L. M.; SOUZA, M. T. C. C.; COELHO JUNIOR, N. E. Apresentação. In: L.M. SIMÃO; M.T.C.C. SOUZA; N.E.COELHO JUNIOR. **Noção de objeto, concepção de sujeito: Freud, Piaget e Boesch**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002. p. 7-10.

ZORNIG, S. M. A. J. As teorias sexuais infantis na atualidade: algumas reflexões. **Psicologia em Estudo**: 13 (1), 2008. p. 73-77.